

MÁRCIA LEPIANI ANGELINI MIRANDA

**NARRATIVAS INTERATIVAS DE PRESIDÁRIOS
SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE**

PUC-CAMPINAS

2016

MÁRCIA LEPIANI ANGELINI MIRANDA

**NARRATIVAS INTERATIVAS DE PRESIDÁRIOS
SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato

PUC-CAMPINAS

2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t155.962
M672n

Miranda, Márcia Lepiani Angelini.
Narrativas interativas de presidiários sobre a experiência da paternidade / Márcia Lepiani Angelini Miranda. – Campinas: PUC-Campinas, 2016.
130p.

Orientadora: Tânia Mara Marques Granato.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexo e bibliografia.

1. Psicologia da prisão. 2. Pais e filhos - Aspectos psicológicos. 3. Paternidade. 4. Narrativas pessoais. 5. Prisão. 6. Psicologia social. I. Granato, Tânia Mara Marques. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t155.962

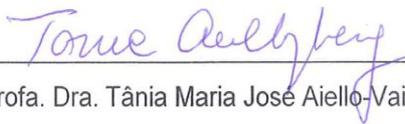
MÁRCIA LEPIANI ANGELINI MIRANDA

NARRATIVAS INTERATIVAS DE PRESIDIÁRIOS
SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE

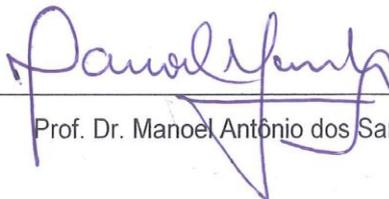
BANCA EXAMINADORA



Presidente Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato



Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg



Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos

PUC-CAMPINAS

2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente àquele que me dirige, me guarda e me sustenta: Deus-Pai Todo Poderoso. A Ele toda a honra e toda a glória por este trabalho, pois a nossa glória está na cruz de Cristo, motivo de nossa esperança.

À minha querida orientadora Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato, pelo acolhimento em seu grupo de pesquisa, pela prontidão em me conduzir nesta caminhada, sempre com delicadeza e competência e pela confiança em mim depositada.

Ao meu precioso esposo, parceiro, companheiro de todas as horas, pelo amor, apoio e principalmente pela compreensão e paciência nos momentos de tensão. Obrigada por compartilhar comigo, diariamente, as minhas dores e as minhas vitórias.

Ao meu filho querido, alegria da minha vida, pela sua existência e pela compreensão dos momentos de ausência.

Aos meus queridos e amados pais, sempre presentes incondicionalmente, pelas orações e pelo encorajamento.

Aos meus irmãos, à minha cunhada e à minha sogra, pela grande torcida.

Aos membros dos Comitês de Ética da PUC de Campinas e da Secretaria da Administração Penitenciária, bem como ao Juiz de Direito do Deecrim da 4ª RAJ Campinas, Dr. Bruno Paiva Garcia, pelas autorizações que possibilitaram a pesquisa com a população encarcerada.

À Direção da Penitenciária Odete Leite de Campos Critter, representada pelo Dr. Paulo Rodrigues, que não mediu esforços para que meu objetivo fosse alcançado, permitindo a realização desta pesquisa.

À Dra. Rosalice Lopes, pelas dicas preciosas. Sua leitura atenta ao meu Projeto de Pesquisa me renderam contribuições de enorme valor.

Às psicólogas Dra. Maria de Fátima Franco dos Santos e Aurora Machado que, talvez até sem perceber, me incentivaram a plantar uma semente neste solo tão árido que é o sistema prisional, mas também tão sedento de sonhos e esperança.

Às professoras doutoras Tânia Aiello-Vaisberg e Vera Cury pelas importantes sugestões feitas por ocasião do exame de qualificação.

Ao agente de segurança penitenciária Antônio Fázio, pela disposição e pela habilidade na abordagem inicial dos participantes desta pesquisa.

Aos agentes de segurança penitenciária Márcio e Milton pela organização do espaço onde se realizou a coleta de dados deste estudo.

À Marli Pereira, minha devotada secretária do lar, pelos seus cuidados com minha casa e com minha família, fundamentais para que eu pudesse me dedicar a este trabalho.

Aos sentenciados participantes desta pesquisa, por terem compartilhado comigo suas angústias e preocupações.

Ao meu amigo Davi Caires de Faria, pelas dicas e correções de meu anteprojeto de pesquisa.

À minha amiga Thais Santana Leite Souza, pelas valiosas contribuições.

À minha assistente de pesquisa, e agora colega de profissão Bárbara Ferrari, colaboradora dedicada e eficiente, pelo auxílio nos registros durante os Grupos de Discussão.

A todos os meus amigos que souberam compreender minha ausência no período do presente trabalho e em especial àqueles que oraram por mim, para que eu concluísse essa jornada: Ricardo e Regina Chinaglia, Caio e Simone Azevedo, Lúcia, Reimar e Simone Spinelli, Ilca Bressan, Eduardo Curti, Elizaberh Conceição, Hilton Portugal Júnior, Daniel Seabra, Bárbara Sacca, Milton e Andréa Gazotto, Carlos e Sandra Cicolani e tantos outros...

À CAPES, pelo apoio financeiro que tornou viável o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos companheiros do grupo de pesquisa Ma. Michele Aching, Ma. Mariana Biffi, Me. Cleber Moraes, Ma. Laís Dester, Ma. Renata Tasca, Me. Vanildo Paiva, e Ma. Marina Autuori, que em tantos momentos me socorreram, pela convivência enriquecedora, pelos momentos de solidariedade, partilha e aprendizado.

O sistema prisional agoniza, enquanto a sociedade, de forma geral, não se importa com isso, pois crê que aqueles que ali se encontram recolhidos, merecem esse sofrimento. Esquecem-se, contudo, que aquelas pessoas sairão um dia da prisão, e voltarão ao convívio em sociedade. Assim, cabe a cada um de nós decidir se voltarão melhores ou piores.

Rogério Greco

RESUMO

Miranda, M. L. A. (2016). *Narrativas Interativas de presidiários sobre a experiência da paternidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo.

Estudos preliminares indicam que as barreiras impostas pelo sistema prisional têm sido um grande desafio para a manutenção dos vínculos familiares e para a prática parental saudável, afetando o bem estar físico e mental tanto de presos quanto de seus filhos. Este estudo qualitativo, de inspiração psicanalítica, visa compreender a experiência paterna de presidiários. Participaram deste estudo 41 pais encarcerados adultos que estavam cumprindo pena em uma penitenciária do interior do Estado de São Paulo, sendo divididos em quatro grupos para uma entrevista coletiva. Foi elaborada uma Narrativa Interativa, de modo a focalizar a questão da paternidade na prisão, para que fosse completada livremente pelos participantes. Como segunda etapa do procedimento foi proposta uma discussão em grupo sobre o tema da paternidade no cárcere. Os encontros foram registrados pela pesquisadora sob a forma de narrativas. O material narrativo colhido foi tomado como expressão coletiva dos prisioneiros, sendo submetido à consideração psicanalítica, em busca dos sentidos afetivo-emocionais que a experiência da paternidade toma na prisão. Os achados deste estudo confirmam pesquisas anteriores no que se refere aos benefícios da aproximação entre pais encarcerados e filhos, aos sentimentos paternos desencadeados pelo isolamento e separação dos filhos, ao histórico familiar de pais ausentes ou violentos, à importância das visitas e cartas para a manutenção do vínculo pai-filho, à esperança de recuperar o tempo perdido na cadeia retomando o envolvimento com o filho, quando em liberdade, à preocupação com o futuro dos filhos e com a imagem de pai que ajudou a construir, a sentimentos de culpa, arrependimento e impotência diante do que o filho vive durante o aprisionamento do pai. Considerações são feitas sobre a necessidade de intervenções que visem às demandas dos participantes para o exercício da paternidade na prisão.

Palavras chave: paternidade, prisão, Narrativa Interativa, psicanálise.

ABSTRACT

Miranda, M. L. A. (2016). *Interactive Narratives of inmates about the experience of fatherhood*. Master's dissertation, Postgraduate Program in Psychology, Pontifical Catholic University of Campinas, São Paulo.

Preliminary studies have indicated that the barriers imposed by the penitentiary system have been a great challenge for the maintenance of family bonds and for the healthy exercise of parenthood, affecting both the physical and mental wellbeing of inmates as well as their children's. This qualitative study, of psychoanalytical inspiration, aims to understand the fatherhood experience of inmates. 41 adult inmates serving their time in a penitentiary from the inner state of Sao Paulo have partaken of this study, which were later divided into four groups to a group interview. An interactive narrative was elaborated, in a way that it focused the matter of fatherhood in prison, in order to be freely completed by the participants. A group discussion about fatherhood in prison was proposed as a second stage of the procedure. The researcher has been registered the encounters in the form of narratives. The collected narrative material was then taken as a collective expression of the inmates, being then submitted to psychoanalytical consideration in search of the affective-emotional meanings that the fatherhood experience assumes in a correctional facility. The findings of this study confirm previous researches when it comes to the benefits of closeness between imprisoned fathers and children, to the father's feelings triggered by the isolation and separation from the child, to the family history of absent and violent fathers, to the importance of visits and letters to the maintenance of father-child bond, to the hope of recuperating the lost time in prison regaining the involvement with the child, when freed from prison, to the worrying about the child's future and about the father image that his experience in prison helped build, to the feelings of guilt, regret and impotence in face of what the child lives during his/her father's imprisonment. Considerations are made about the need for intervention to the participants' demands for the exercise of fatherhood in prison.

Keywords: fatherhood, prison, interactive narrative, psychoanalysis.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	13
OBJETIVO GERAL	26
Objetivos específicos.....	26
ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	27
Narrativas Interativas	29
Participantes	31
Caracterização do Contexto Institucional.....	31
Procedimento.....	35
Análise do material narrativo	37
Considerações éticas	38
RESULTADOS.....	40
Narrativas Interativas do Grupo A	40
Relato do Encontro com o Grupo A.....	45
Narrativas Interativas do Grupo B.....	55
Relato do Encontro com o Grupo B.....	57
Narrativas Interativas do Grupo C.....	64
Relato do Encontro com o Grupo C.....	68
Narrativas Interativas do Grupo D	76
Relato do Encontro com o Grupo D.....	79
DISCUSSÃO.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	110
ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	118
ANEXO II: FOLHETO-CONVITE	120
ANEXO III: APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA (PUC)	121
ANEXO IV: APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA (SAP)	125
ANEXO V: AUTORIZAÇÃO VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS.....	130

APRESENTAÇÃO

O interesse pelo universo dos encarcerados se originou de minha trajetória profissional, atuando como psicóloga do sistema prisional paulista desde 1993. Ao longo de todos esses anos acompanhando inúmeros dramas, pude observar adversidades que a detenção promove dos dois lados das grades, concluindo que ninguém sai incólume dessa experiência: nem presos, nem seus familiares, nem os profissionais que lá atuam. Comigo não foi diferente.

Dentre tantas situações que emergiam da minha prática diária, uma em especial chamou a minha atenção: a questão do encarceramento paterno e suas repercussões familiares. O sofrimento de muitos pais reclusos e de seus familiares, especialmente os filhos, trouxeram-me inquietações, à medida que presenciava histórias de separações involuntárias, abandonos, privações e desencontros, instigando-me a aprofundar a compreensão desse universo.

Muitos pais se mostravam angustiados, tanto em relação ao afastamento gerado pelo encarceramento como pelas preocupações relativas ao bem-estar de seus filhos. Frequentemente, esses homens se deparavam com uma série de dificuldades e vulnerabilidades, muitas delas com históricos anteriores ao encarceramento, e procuravam o setor de Reintegração Social em busca de ajuda. Seus interesses e preocupações pareciam sinceros e não apenas reações a expectativas sociais. Muitos sentenciados reconheciam suas falhas paternas e demonstravam o desejo de ser um pai melhor.

Os filhos eram frequentemente referenciados pelos pais presidiários como seu principal suporte emocional durante o encarceramento, sendo um dos maiores incentivos para a reavaliação de seu envolvimento no crime e a possível mudança de vida. A manutenção do contato entre pais e filhos parecia refletir no bem estar e na perspectiva de vida futura dos prisioneiros.

Além disso, como deixar de me preocupar com as crianças afetadas pelo encarceramento paterno e com o círculo vicioso que poderia estar se estabelecendo? É reconhecido que muitos dos que hoje se encontram detidos tiveram seus cuidados negligenciados, carecendo de proteção familiar e social desde cedo, cenário este que pode estar se repetindo com seus descendentes, tornando-os mais vulneráveis a vários fatores de risco, inclusive ao comportamento infracional e crime intergeracional (Hairston, 2001). Embora possa ser difícil pensar

em pais presidiários como figuras significativas e positivas na vida de seus filhos, não é raro encontrar inúmeros problemas associados à sua ausência, conforme Hairston observa. Um deles, segundo assinalam Hagan e Dinovitzer (2002), refere-se ao risco significativamente maior de filhos de presos se envolverem em práticas criminais.

Um estudo realizado pelo Conselho Nacional de Justiça (2012) indicou que 43% dos jovens infratores que cumpriam medida socioeducativa no Brasil, em regime de internação, foram criados apenas pela mãe. Entretanto, Popenoe (1996) adverte que a presença do pai na vida de uma criança não é garantia de que o filho não entre na vida do crime, embora a presença paterna seja um importante fator de proteção.

A despeito desses dados, a experiência de paternidade no cárcere e suas repercussões familiares tem sido negligenciada pelo controle penal, pela sociedade e suas políticas públicas, bem como pelas pesquisas científicas. De forma surpreendente, enquanto a literatura nacional tem contribuído de forma tímida com o estudo da paternidade em contexto prisional, estudos alusivos ao pai encarcerado são encontrados em países cuja população prisional é significativamente inferior à do nosso país, como é o caso da Irlanda, Inglaterra e Portugal. Todavia, é a nação norte-americana que tem produzido a maior diversidade de estudos sobre o tema, talvez por ser este o país que mais encarcera no mundo.

A literatura científica atesta que os problemas enfrentados pelos pais reclusos em diferentes locais do globo terrestre são muito similares, sendo raro que a questão da paternidade no contexto prisional seja foco da atenção de legisladores ou de pesquisadores (Hairston, 1998; 2001; Granja, Cunha & Machado, 2013; Clarke, O'Brien, Day, Godwing, Connolly, Hemmings & Leeson, 2005; McGrath, 2007). A questão familiar, especialmente no que se refere ao relacionamento entre o pai detido e seus filhos, parece ser vista como irrelevante, sendo simplesmente ignorada, não havendo muito empenho em fortalecer os vínculos e promover o bem estar dos envolvidos (Hairston, 1998; Granja et. al., 2013).

Atenta a esse cenário, encontro neste trabalho uma oportunidade de dar voz aos detentos que vivenciam a paternidade a partir do cárcere, tendo em vista a invisibilidade deste tipo de experiência nos estudos nacionais, além do despreparo por parte dos estabelecimentos penais para lidar com essa problemática, carecendo, portanto, de orientação e treinamento (Silva, 2007).

Espero que o conhecimento adquirido com este estudo ofereça subsídios teórico-metodológicos para a atuação dos profissionais que lidam com o sistema prisional, e possa inspirar a elaboração de novas práticas e a formulação de políticas públicas que visem proteger o vínculo entre pais e filhos, base para o bem estar da família e para a futura reintegração social do prisioneiro.

INTRODUÇÃO

O nosso país impressiona ao revelar o aumento crescente da população carcerária brasileira: entre os anos de 2000 e 2014, o número de pessoas presas aumentou 161%, valor dez vezes maior que o crescimento da população do Brasil, que foi de apenas 16%, conforme nos mostra o Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2015). São aproximadamente 219 mil indivíduos encarcerados só no Estado de São Paulo e 608 mil em todo o território nacional, equivalendo a uma média de 300 pessoas presas por 100.000 habitantes, segundo os dados mais recentes do referido órgão. Esses números colocam o nosso país como detentor da quarta maior população carcerária do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (2,2 milhões), China (1,7 milhão) e Rússia (740 mil), de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (2014). Contrariando o senso comum, o aumento do aprisionamento não resultou no declínio da violência urbana, o que aponta para a necessidade de reflexão sobre as condições sociais brasileiras.

No Brasil nos deparamos com o crescimento da violência estrutural, fenômeno que restringe o acesso de uma grande parcela da população aos “direitos básicos que lhe proporcionariam uma vida digna, gerando assim um grave quadro de exclusão social” (Cruz Neto & Moreira, 1999, p.36). O Estado advoga uma liberdade e uma igualdade para os cidadãos, mas volta sua atenção para uma determinada e privilegiada classe, segregando as demais das políticas públicas de saúde, educação, trabalho e habitação, criando um abismo social. Vale lembrar que, à medida que a desigualdade social aumenta, também cresce a criminalidade (Greco, 2011).

É evidente que são inúmeros os fatores relacionados à conduta criminosa, tendo motivações complexas e multideterminadas. Abordar essa questão é um grande desafio e requer a consideração de múltiplas variáveis que não podem ser reduzidas a uma lógica causal, seja esta de ordem biológica, psicológica ou social. Apesar das especificidades desses fenômenos, é necessário levarmos em conta o caráter interrelacional permanente dessas realidades (Jost, 2010).

No âmbito nacional, a realidade dos estabelecimentos penais é caótica, dadas as condições extremamente precárias de sobrevivência, a falta de investimento em manutenção, a estrutura física insalubre, equipes profissionais insuficientes, celas superlotadas, distanciando-se do necessário para fazer cumprir as funções de

reintegração social. Dessa forma, o sistema prisional acaba reproduzindo as condições de ilegalidade e violência, já que não oferece condições necessárias para o cumprimento da pena de forma digna e a reinserção do indivíduo na vida sócio-familiar. A prisão acaba sendo, conforme afirma Wacquant (2001), um mero dispositivo de contenção e segregação. O sociólogo analisa alguns fatores responsáveis pela superpopulação carcerária norte-americana que encontra ressonância em nossa realidade:

O assombroso crescimento do número de presos na Califórnia, como no resto do país, explica-se em três quartos, pelo encarceramento dos pequenos delinquentes e, particularmente, dos toxicômanos. Pois, contrariamente ao discurso político e midiático dominante, as prisões americanas estão repletas não de criminosos perigosos e violentos, mas de vulgares condenados pelo direito comum por negócios com drogas, furto, roubo, ou simples atentados à ordem pública, em geral, oriundos das parcelas precarizadas da classe trabalhadora e, sobretudo, das famílias do subproletariado de cor, das cidades atingidas diretamente pela transformação conjunta do trabalho assalariado e da proteção social. De fato, em 1998, a quantidade de condenados por contenciosos *não-violentos* reclusos nas casas de detenção e nos estabelecimentos penais dos Estados Unidos rompeu sozinha a cifra simbólica do milhão. Nas prisões dos condados, seis presidiários em cada 10 são negros ou latinos; menos da metade tinha emprego em tempo integral no momento de ser posta atrás das grades e dois terços provinham de famílias dispendo de uma renda inferior à metade do "limite de pobreza" (Wacquant, 2001, p.83).

Em nosso país, a maior parte da população prisional encontra-se presa em razão dos seguintes crimes: contra o patrimônio (49%), drogas (26%) e homicídios (12%), sendo o perfil atual dos sentenciados composto predominantemente de jovens (75% na faixa entre 18 e 34 anos), afrodescendentes (61%), baixa escolaridade (57% com ensino fundamental incompleto), com penas que variam entre 4 e 8 anos (30%), seguido de 8 a 15 anos (25%), segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2014).

Muitos consideram ter havido um avanço na legislação de drogas, na medida em que foi considerado o tratamento aos usuários, direcionando em tese os esforços do Poder Público para a investigação e prisão de traficantes. Contudo, "os dados demonstram um resultado adverso, com a permanente sobrecarga do sistema prisional por delitos relacionados a entorpecentes, incidindo com maior força sobre

jovens em situação de vulnerabilidade” (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2014, p. 82).

Apesar do descaso das autoridades para com a questão penitenciária, afetando diretamente aqueles que foram condenados à prisão, a realidade prisional só se torna objeto de debate social quando rebeliões e fugas espetaculares são anunciadas, ou quando um crime de grande repercussão vem a público. Porém, passada a comoção, encerra-se o espetáculo e pouco se discute sobre os fatores sociais e individuais que facilitam a criminalização, os efeitos do aprisionamento, as implicações familiares, e tampouco sobre a proposição de mudanças e programas de prevenção.

Notamos que essa confiança excessiva no processo de encarceramento, como sendo a principal estratégia de justiça criminal, tem gerado consequências que vão muito além dos indivíduos aprisionados hoje, podendo se alongar até a próxima geração (Hairston, 2001).

Fonseca (2006) nos mostra que a importância da família tem sido referendada por várias leis brasileiras nos últimos tempos, como é o caso da Constituição Federal de 1988 em seu artigo 226¹, além do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) em 1993. Entretanto, as famílias afetadas pelo encarceramento paterno raramente têm sido consideradas pelas estratégias de políticas públicas sociais. De modo similar, também não tem havido esforços no sentido de auxiliar os pais reclusos na manutenção dos vínculos com seus filhos, nem no incentivo às suas tarefas e responsabilidades familiares.

Compreender as experiências dos pais encarcerados é crucial para a preservação do bem estar e equilíbrio do próprio preso, de sua companheira e de seus filhos, como também da instituição penal e da sociedade como um todo (Hairston, 2002; Codd, 2008; Clarke et al., 2005; Maldonado, 2006). Contudo, investigar essa experiência implica considerarmos o cenário familiar, prisional e social do recluso, assim como a articulação destes. Enquanto estudos preliminares apontam o aprisionamento paterno como um fator de risco para o comportamento antissocial dos filhos (Hagan & Dinovitzer, 2002; Hairston, 2001), outros trabalhos

¹O artigo 226 da CF/88 reconhece a família como base da sociedade, devendo receber especial atenção do Estado.

evidenciam que os laços familiares podem ser um fator de proteção contra a reincidência criminal (Maldonado, 2006; Mapson, 2013), o que, conseqüentemente, reduz a adversidade para crianças (Clarke et al., 2005; Melo, 2013).

Pesquisas recentes concluem que a maioria dos indivíduos aprisionados são pais de filhos menores de idade e, portanto, dependentes (Mumola, 2000; Lee, Sansone, Swanson & Tatum, 2012; Mapson, 2013; Lanier, 1993; Arditti, Smock & Parkman, 2005; Hairston, 2001), apontando para mais uma razão pela qual se torna imperativo conhecer a experiência da paternidade na prisão. Entretanto, no âmbito da pesquisa científica, proliferam estudos sobre a importância da relação entre mães encarceradas e seus filhos, sendo raros os trabalhos que consideram a vida familiar do detento e o bem estar de seus descendentes (Hairston, 2001; Maldonado, 2006).

Contrariando o imaginário popular de que pais presos são indiferentes à sua prole e que nada proveem, os estudos de Lee et al (2012), Hairston (1998), Granja et al (2013), Lanier (1993), Edin, Nelson e Paranal (2001), e Silva (2007) evidenciaram que muitos desses pais mostram-se interessados em manter uma relação estreita com seus filhos. Contudo, os homens na prisão não costumam ser encorajados a se aproximar de seus filhos, nem têm suporte para exercer o papel paterno, se assim o desejarem. Pais encarcerados raramente veem seus filhos enquanto estão presos, como nos mostram Hairston (1998; 2001), Maldonado (2006), Mumola (2000), Mapson (2013) e Arditti et al (2005). Embora sejam inúmeras as barreiras institucionais, há que se levar em conta também as limitações pessoais e familiares dos detentos.

Sabemos que as circunstâncias de vida de alguns pais, quando ainda estavam em liberdade, já eram geradoras de afastamentos familiares. Situações como o uso abusivo de drogas, histórico de violência, desemprego, relacionamentos afetivos instáveis e comportamento criminal não raramente permeavam a vida desses homens, distanciando-os das práticas parentais, conforme salientam Lee et al (2012). Segundo estes, é possível imaginar que uma relação entre pais e filhos já tensa, ou pouco frequente, se torne ainda mais complicada por uma ausência forçada.

Muitas vezes ocorre da mãe da criança já não manter vínculo com o prisioneiro, e não são raros os casos em que já mantém um novo relacionamento conjugal, empenhando-se pouco na promoção da visita de seus filhos ao pai (Hairston, 1998). Além disso, o detento pode ter dificuldade para explicar para uma

nova companheira, quando este for o caso, que a mãe de seus filhos deseja apenas acompanhar as crianças nos dias de visitação. Dificuldades como estas, confirmam os achados de Clarke et al. (2005) no sentido de demonstrar como a instabilidade das rela es conjugais dos pais reclusos pode afetar o exercício da paternidade.

Devemos também considerar a hipótese de que há pais no interior da prisão – assim como fora dela - que não desejam envolvimento com os filhos, renunciando   sua participa o nos cuidados e educa o (Hairston, 1998) e, por vezes, nem os reconhecendo como tal.

Em razão da importância atribuída às figuras parentais no desenvolvimento emocional saudável da criança (Winnicott, 1960/2007), além da relevância do suporte familiar para o equilíbrio mental do prisioneiro (Melo, 2013; Hairston, 2001; Mc Grath, 2007)   fundamental que todos os esforços se voltem para a preserva o do vínculo familiar do homem encarcerado.

Enquanto Tebo (2006) refere que uma parcela da popula o defende a ideia de que as crianças não devem manter contato com pais presos, a fim de evitar uma suposta influência pernicioso para os filhos, outros autores (Snyder, Carlo & Mullins, 2001; Maldonado, 2006; Silva, 2007; Conway & Hutson, 2007; Lee et al., 2012; Mapson, 2013) apresentam evidências empíricas sobre a importância da manuten o da rela o entre eles. Esse grupo de pesquisadores considera que, caso estejam motivados, o contato regular entre filhos e pais detidos   fator fundamental para o bem estar de ambos, salvo quando houver algum impedimento, como riscos   saúde e   segurança da criança.

Como sublinham Lee et al (2012), além de Mapson (2013), a manuten o do vínculo entre pai recluso e filho   considerado fundamental para o bem estar da criança. Esse fenômeno lhes assegura que não foram abandonados e que continuam sendo importantes para seus pais (Hairston, 2002). Sintonizados com tal proposta, Bilchik, Seymour e Kreisher (2001) também argumentam que os filhos são favorecidos com a manuten o do contato com o progenitor, pois se tornam menos propensos   delinq ncia juvenil, ao fracasso acad mico e ao sofrimento emocional e psicológico (Mapson, 2013; Maldonado, 2006; Hairston, 2001).

De uma perspectiva psicanalítica, Winnicott (1966/2011) situa a família como base de sustenta o emocional para o desenvolvimento saudável das crianças, sendo a estabilidade e a força do ambiente familiar também dependentes da fun o paterna (Fulgêncio, 2007). A ausência do pai, por qualquer razão, pode trazer

grandes prejuízos, “gerando problemas específicos nos filhos, como por exemplo, aqueles ligados à tendência antissocial” (Fulgêncio, 2007, p.23), além de baixa autoestima, atividade sexual prematura e uso abusivo de drogas (Maldonado, 2006). Vários estudos têm encontrado correlação entre ausência paterna e alto índice de delinquência juvenil e posteriormente criminalidade adulta (Hairston, 2001; Hagan & Dinovitzer, 2002).

O cuidado parental é considerado um dos mais importantes fundamentos da vida humana, pois é a partir dele que se aprende a cuidar e ser cuidado, ou seja, se aprende a estabelecer relações com o outro e com a sociedade (...) [Geralmente] bons modelos de cuidados refletem em bons cuidadores, salvo quando outras variáveis interferem nesse processo de desenvolvimento (Maciel & Cruz, 2009, p.49).

Apesar do exposto acima, é notável a falta de espaço que a literatura tem conferido aos detentos, enquanto pais. Lee et al (2012) asseveram que talvez seja este o reflexo de uma sociedade que atribui ao pai um papel secundário. O conceito de “pai recluso” é praticamente desconsiderado pelo sistema penal, e vem reforçar a ideia de que o cuidado infantil pertence ao universo feminino (Granja et al, 2013).

Contrariando esta concepção, Rosa (2009) salienta que na perspectiva Winnicottiana a participação efetiva do pai é fundamental desde o início da vida da criança, assim como a “qualidade de sua presença e de suas ações, tendo todo o posterior desenvolvimento da relação com o pai uma base nestas experiências iniciais” (p. 59).

Para Winnicott (1960/2007) pai e mãe compõem juntos o ambiente propício para o bebê se desenvolver de forma saudável. A qualidade do cuidado oferecido pela mãe irá depender da sustentação e proteção que o pai der ou não a ela. Ele é a pessoa mais adequada para, ao lado de sua esposa, fornecer os alicerces da família, ou seja, proporcionar um ambiente de estabilidade, indestrutibilidade e acolhimento para a criação da prole. Portanto, os prejuízos da ausência do pai real ou da sua proteção poderá refletir diretamente no ambiente oferecido ao bebê (Fulgêncio, 2007).

As considerações de Popenoe (1996), bem como de Henningen e Guareschi (2008) também indicam a importância do contato da criança tanto com o pai quanto com a mãe, quando cada um dos genitores traz contribuições específicas para o desenvolvimento saudável da criança. Neste contexto, Popenoe (1996) pondera

sobre a criação dos filhos como sendo uma tarefa bastante exigente, muitas vezes desgastante e estressante, situação em que o apoio mútuo torna-se fundamental.

Em contrapartida, a família do prisioneiro pode se tornar o seu suporte emocional, neste momento de grande vulnerabilidade (Swanson, Lee, Sansone & Tatum, 2012; Mc Grath, 2007), exercendo um verdadeiro *holding*, na linguagem winnicottiana, ao se constituir como o amparo e o conforto que ele necessita para continuar existindo (Dias, 2010). Nesse sentido, a manutenção da relação entre o pai e seus filhos funcionaria como atenuante das tensões geradas pelo encarceramento, auxiliando os indivíduos presos a manterem o equilíbrio emocional (Silva, 2007; Melo 2013).

Conduzindo um estudo com 302 pais em uma prisão de segurança máxima em Nova York, Lanier (1993) evidenciou que a relação de proximidade com a prole durante o período de detenção facilita o ajustamento do homem recluso à vida institucional e diminui o risco de manifestações psicopatológicas durante a pena, tais como queixas somáticas, ansiedade e depressão. Outras pesquisas apontam que o contato com os filhos e o exercício das competências paternas, no interior do cárcere, facilitam o processo de reintegração do preso à sociedade ao sair em liberdade (Hairston, 2001; 2002; Dyer, 2005; Mc Grath, 2007), além de diminuir a probabilidade de reincidência ao crime (Maldonado, 2006; Nasser & Visher, 2006; Codd, 2008; Clarke et al., 2005; Mapson, 2013; Hairston, 2001). Portanto, conforme defendem Lee et al (2012), todos os envolvidos, sejam pais reclusos, filhos, instituição e sociedade parecem se beneficiar desta relação de proximidade.

O contato entre pais encarcerados e seus filhos também ajuda a assegurar aos pais que não foram esquecidos. Essa interação possibilita ao prisioneiro assumir um papel socialmente aceito (Hairston, 2002). Esse fenômeno vai ao encontro dos achados de La Vigne et al (2009) que sugerem que os filhos dos pais encarcerados podem ter um papel fundamental no processo de reintegração social desses homens, à medida que lhes davam a sensação de pertencimento e compromisso.

Alguns participantes do estudo de McGrath (2007) revelaram que a paternidade foi o fator mais importante para levá-los ao arrependimento dos delitos do passado e para o incentivo da mudança de vida. Resultados similares foram encontrados por Edin et al. (2001), tendo os filhos atuado como fator de transformação da carreira criminal de pais detidos, haja vista que esses pais passaram a refletir sobre os riscos e benefícios das práticas ilícitas.

Nesse contexto, conhecer o impacto do encarceramento paterno nas relações familiares é crucial, não apenas para a preservação do equilíbrio emocional e bem estar de todos os envolvidos (Santos, 2006), mas também, como Naser e La Vigne (2006) asseveram, pelo fato das relações familiares serem o principal, quando não o único, suporte que esses homens terão durante sua reintegração na sociedade, quando em liberdade.

Entretanto, o exercício de uma paternidade “suficientemente boa”, emprestando o termo de Winnicott (1966/2011), é com frequência ameaçado pela vulnerabilidade gerada pelo encarceramento. A separação decorrente da reclusão impossibilita uma adequada prestação de cuidados pelos pais que desejam ter uma participação ativa na vida dos filhos. Os recursos financeiros, que geralmente já eram escassos, antes do encarceramento, tornam-se ainda mais limitados, dificultando o contato físico com suas famílias, cujo deslocamento nos dias de visita gera novos gastos, contribuindo para a fragilização das relações afetivas (Wacquant, 2001; Granja et al, 2013).

Além disso, o indivíduo preso não apenas deixa de contribuir financeiramente, ainda que o faça de forma esporádica ou até ilícita, como ainda gera despesas, especialmente com advogados e itens para a sua manutenção no presídio. A distância do estabelecimento penal da residência do recluso, assim como a limitação de dias e horários de visita costumam entrar em conflito com a disponibilidade dos cuidadores das crianças, sendo mais um obstáculo à manutenção do relacionamento entre pais presidiário e sua prole (Granja, et al. 2013; Conway & Hutson, 2007). As longas filas de espera, a falta de estrutura institucional para a visitação e o desconforto decorrente do procedimento de segurança também contribuem para que somente os visitantes mais comprometidos se sujeitem a resistir a essas condições de forma contínua (Hairston, 1998). Portanto, podemos supor que quanto mais longa for a sentença do prisioneiro, mais difícil será a manutenção dos vínculos afetivos (Travis, 2004).

Conduzindo um estudo no interior paulista, Silva (2007) nos mostra que muitos presos acabam optando pelo contato com os familiares por meio de correspondência, pois além de todas as dificuldades supracitadas, avaliam a prisão como um ambiente de risco, julgando-o inadequado para receber os filhos, sem falar no tratamento ríspido e desrespeitoso por parte dos funcionários do estabelecimento penal (Arditti, 2003; McGrath, 2007; Hairston, 2002). As crianças acabam ficando à

mercê das mesmas praticas institucionais aplicadas aos adultos, como as revistas em seus corpos desnudos e em seus pertences, enfrentando as mesmas exposições, diante de um ambiente hostil e violento, sujeito a conflitos e rebeliões. Conforme Silva (2007) observa, as crianças transitam em meio a celas e pavilhões, sendo, inclusive, deixadas aos cuidados de outros presos para que os pais tenham um momento de intimidade. Há estudos que evidenciam pais encarcerados desencorajando as visitas de seus filhos em razão do sofrimento emocional experimentado no espaço prisional (Boswell & Wedge, 2002; Mc Grath, 2007; Mapson, 2013; Clarke et al, 2005; Maldonado, 2006).

Lanier (1995) e Mc Grath (2007) consideram que uma das tarefas mais difíceis para os pais encarcerados é explicar sua condição de presidiário aos filhos. Se essa situação já tende a ser constrangedora e vergonhosa para o pai, ela é agravada por atitudes, por vezes equivocadas, de outros membros da família no sentido de proteger a criança da vida criminal de seu pai. Muitas crianças pequenas costumam pensar que a cadeia é o local de trabalho do genitor (Mc Grath, 2007), enquanto outras acreditam que o pai está numa longa viagem. Esse recurso parece ser utilizado para preservar uma imagem positiva do pai aos olhos dos filhos (Mc Grath, 2007). Notamos que há casos, especialmente quando o pai já não morava com a criança antes do encarceramento, em que os familiares acabam ocultando das crianças o paradeiro do pai e a razão pela qual este não as visita, podendo gerar sentimentos de abandono, raiva, rejeição e culpa (Maldonado, 2006).

Vários estudos demonstram que para os detentos que mantêm uma participação positiva e ativa na vida dos filhos antes da prisão, a reclusão altera por completo o envolvimento com a prole, em função do controle penal, com uma decadência significativa no relacionamento entre eles (Lanier, 1993; Granja et al., 2013; Edin et al., 2001; Houghton & Navarro, 2014). Tarefas parentais tradicionais relacionadas ao cuidado, proteção, disciplina e provisão estão, na sua maioria, fora do alcance desses presos. Apesar disso, os dados de Granja et al (2013) nos mostram que grande parte dos pais manifesta desejo de continuar tendo um papel relevante na vida dos seus descendentes. Buscam vivenciar e construir papéis que transcendam as configurações tradicionais de paternidade, investindo principalmente na vertente emocional e afetiva. Atitudes simples como dar um abraço, enviar um bilhete, e executar um trabalho manual como presente, mostram-se muito

significativas e carregam um valor diferente do que tinham na rua, quando em liberdade.

Já para aqueles pais que antes de serem presos não mantinham relações próximas com os filhos, o encarceramento oferece uma oportunidade de reconstrução dos laços rompidos, conforme assinalam Edin et al (2001), Dyer, Pleck e Mc Bride (2012) e Granja et al (2013). A reclusão pode tornar-se favorável ao exercício da paternidade renovada, à medida que afasta os indivíduos das pressões que sofriam anteriormente, como a pobreza, a instabilidade de moradia e os vícios, limitadores da função paterna (Granja et al, 2013; Arditti et al, 2005), ao mesmo tempo em que promove uma reavaliação de suas competências parentais (Clarke et al, 2005). O desejo desse reinvestimento relacional do detento não significa que haverá um envolvimento automático entre pais e filhos, visto que podem haver restrições por parte da própria mãe, no que se refere ao bem estar da criança, ou impeditivos do próprio sistema penal (Granja et al., 2013).

A entrada no cárcere marca a morte das outras dimensões do ser humano preso: morre o homem, o esposo, o pai, restando apenas o condenado, o criminoso. Esquece-se que muitos deles têm os mesmos sonhos e aspirações para seus filhos, como outros pais, e deveriam poder dividir os mesmos compromissos e obrigações parentais, apesar de estarem frequentemente limitados pela realidade do confinamento (Hairston, 1998).

O contexto prisional pode afetar emocionalmente o pai encarcerado e a maneira como este se percebe. O conceito de “prisioneiro” parece emergir e ganhar prioridade na hierarquia identitária do pai presidiário, em função do processo de prisionização (Dyer, 2005). Esse fenômeno adaptativo, segundo o qual o preso é “aculturado”, adotando os usos e costumes da prisão (Sá, 2010), ilumina a compreensão do processo pelo qual a identidade do homem preso é afetada pelo encarceramento, o que pode repercutir na forma como exerce sua parentalidade (Arditti et al, 2005). Esses autores demonstraram em seus estudos que muitos pais reclusos sentiam-se fracassados, impotentes e “despidos” de sua identidade paterna enquanto estavam presos. Para vários presidiários, o tempo durante a detenção parecia representar um período de “dormência” em termos de paternidade e, por conseguinte, a liberdade representava seu renascimento (Arditti et al, 2005).

O cárcere frequentemente gera consequências adversas tanto para o preso, como para o seu núcleo familiar, mas os filhos são especialmente atingidos (Conway

& Hutson, 2007; Mapson, 2013), sofrendo prejuízos sociais, comportamentais e emocionais (Codd, 2008). As desvantagens econômicas, os preconceitos, a baixa autoestima, a tristeza e a angústia, o aumento da agressividade, a queda no desempenho acadêmico e os riscos de crimes intergeracionais são apenas alguns exemplos (Boswell & Wedge, 2002; Maldonado, 2006; Hairston, 2002; Houghton & Navarro, 2014). Entretanto, segundo Carmo (2009), a intensidade do impacto negativo da separação causada pela detenção do progenitor vai depender de algumas variáveis como a idade do filho à época desse evento, a duração da separação, as experiências relacionais que tinham anteriormente ao cárcere, o suporte familiar e comunitário, dentre outros fatores.

As relações conjugais do homem aprisionado normalmente são tensas e frequentemente acabam durante a prisão (Hairston, 2002). As pressões e a tensão do encarceramento levam a frequentes conflitos, ocorrendo muitas vezes desconfiança por parte do detento para com sua companheira, em razão do medo da infidelidade (McGrath, 2007). Apesar disso, quando os homens entram na prisão compartilhando uma relação conjugal, a rotina de vida de suas companheiras costuma ser bastante alterada, conforme assinalam Aaron e Dellaire (2010), além de Melo (2013). Elas tendem a se sentir sobrecarregadas, pelo acúmulo de tarefas, resultantes da criação e educação dos filhos, bem como da provisão financeira, além do sofrimento deflagrado pela separação (Carmo, 2009). Essa situação pode repercutir diretamente nos cuidados com a prole, uma vez que a mãe estará menos disponível aos filhos.

Vários estudos focalizaram a influência das relações de coparentalidade no exercício da paternidade na prisão (Clarke et al., 2005; Arditti et al., 2005; Boswell & Wedge, 2002; Hairston, 1998; 2001; Mc Grath, 2007). De acordo com os autores, os detentos se mostraram totalmente dependentes das mães de seus filhos para facilitar o contato entre eles, e a qualidade do relacionamento entre os progenitores mostrou-se fundamental para o envolvimento do preso com seus filhos. O estudo de Clarke et al. (2005) revelou que pais que mantinham um bom relacionamento com as mães de seus filhos eram muito mais propensos a ter contato regular com a prole, enquanto os presidiários com relacionamento conflituoso com suas parceiras/cuidadoras tendiam a ver os filhos com frequência muito menor.

Essa total dependência do prisioneiro em relação aos cuidadores dos filhos gera intensos sentimentos de raiva, ansiedade e impotência, conforme argumentam

Arditti et al. (2005) e McGrath (2007). Tal quadro pode levar alguns presos a renunciar à paternidade, seja porque seu acesso à vida dos filhos é constantemente negado, seja pela relação tensa que mantêm com suas parceiras (McGrath, 2007). Dados similares são encontrados por Dyer (2005) o qual refere que a tentativa recorrente de excluir o pai do envolvimento com seus filhos pode levá-lo a desistir da sua função paterna.

Contudo, Hairston (1998) nos adverte para o fato de que não devemos ignorar circunstâncias que indiquem que as relações entre pais e filhos podem ser danosas para as crianças e que, portanto, devem ser evitadas. Apesar disso, é importante que compreendamos que não é a prisão em si mesma, nem o envolvimento em atividades ilegais, que fazem dos pais encarcerados maus pais aos olhos dos filhos, dos familiares e da comunidade.

Segundo Conway e Hutson (2007), os presos podem precisar de ajuda e de programas específicos para que sejam auxiliados em suas competências parentais. Entretanto, há que se considerar também o histórico social e familiar, que pode estar comprometido, e entrar em conflito com a paternidade responsável (Arditti et al, 2005). Muitos apresentam sérios problemas emocionais que inibem suas habilidades de se tornarem pais efetivos. Um grande número de presidiários com problemas de uso abusivo de drogas carecem de tratamento, e há ainda aqueles que necessitam de uma atenção especial para que não reincidam, dado o alto engajamento nas atividades criminais (Hairston, 2001).

Sabendo que os presos que mantêm fortes laços familiares durante a prisão tem maiores chances de uma reintegração social bem sucedida (Hairston, 2002), os programas de educação parental, muito comuns nas prisões norte-americanas e europeias, têm se servido desses dados para propor ações que visam reduzir as consequências negativas do encarceramento, tanto para pais reclusos como para seus filhos. Esses programas são conhecidos por encorajar a paternidade responsável, durante e após a prisão - incluindo cursos que orientam os detentos no desenvolvimento de habilidades parentais e na compreensão das necessidades de seus filhos - além de ajudar a prevenir a criminalidade intergeracional (Hairston, 2002).

Infelizmente, os efeitos do encarceramento se estendem para além do indivíduo preso, uma vez que seus familiares também sofrem as dores da prisão, ainda que não tenham cometido crime algum (Codd, 2008). O estigma social sofrido

por toda a família, especialmente pelos filhos, acarreta muitas vezes sentimentos de vergonha e negação do vínculo familiar com o prisioneiro, como ressalta Oliveira (2010). Segundo Goffman (1982), o indivíduo que se relaciona socialmente com um estigmatizado, tende a ser considerado como sua extensão, compartilhando de seu descrédito. A sociedade tende a considerar a ambos como uma só pessoa. Como exemplo, o sociólogo cita um pedido de ajuda de uma menina, publicado em uma coluna de jornal:

‘Querida Ann Landers: Sou uma menina de 12 anos que é excluída de toda atividade social porque meu pai é um ex-presidiário. Tento ser amável e simpática com todo mundo, mas não adianta. Minhas colegas de escola me disseram que suas mães não querem que elas andem comigo, pois isso não seria bom para sua reputação. Os jornais fizeram publicidade negativa de meu pai e apesar de ele ter cumprido sua pena ninguém esquecerá do fato. Há algo que eu possa fazer?[...]’ (Goffman, 1982, p.39).

Segundo Ormeno, Maia e Willians (2013) parece haver uma expectativa social quanto a comportamentos negativos dos filhos de encarcerados, “ressaltando a expectativa intergeracional em expressões populares como: filho de peixe, peixinho é, ou quem sai aos seus não degenera”(p.157). Muitas crianças e adolescentes omitem ou criam histórias fantasiosas sobre o aprisionamento paterno como forma de proteção contra o preconceito, especialmente na escola. Essa atitude teria uma dupla função: proteger a si mesmas e preservar a imagem do pai, conforme assinala Morgenstern (2010). Esse constrangimento pode afastar os filhos do contato com o pai, ainda que tenham o desejo de manter o relacionamento.

Em virtude desse quadro complexo de vulnerabilidades a que detentos e suas famílias estão expostos, o presente estudo visa compreender a experiência emocional de pais encarcerados com relação ao exercício da paternidade em um contexto prisional. Interessa-nos investigar os sentidos afetivo-emocionais que o preso atribui à relação entre pais e filhos, em termos dos limites e possibilidades que o encarceramento paterno implica.

OBJETIVO GERAL

O presente estudo visa compreender a experiência emocional de presidiários com relação ao exercício da paternidade na prisão.

Objetivos específicos

- Investigar os sentidos atribuídos por presos à relação pai-filho(s);
- Conhecer o impacto do encarceramento sobre a relação pai-filho(s) na perspectiva do prisioneiro;
- Refletir sobre os limites e possibilidades para o exercício da paternidade na prisão.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Furlan (2008) assinala que fazer ciência é buscar uma compreensão ou explicação crítica da realidade. E para que esta tarefa seja levada a cabo a pesquisa científica reivindica um método como procedimento de acesso ao fenômeno que busca investigar e uma teoria que possibilite a sua compreensão ou explicação. Se a teoria adotada pelo pesquisador ilumina a escolha do método adequado para responder à questão que inaugura a pesquisa, é igualmente necessário que o método esteja afinado com o objeto de estudo. Nesse sentido, o método “não é um *a priori* da pesquisa, ele faz parte dela” (Furlan, 2008, p.25).

De acordo com Aiello-Fernandes, Ambrósio e Aiello-Vaisberg (2012), durante muito tempo, no campo da Psicologia predominou a pesquisa quantitativa, fundamentada na concepção positivista de ciência, que visa a verificação de correlações entre eventos. Esses autores defendem a abordagem da experiência humana, tal como é vivida por indivíduos e grupos, como sendo o objeto primordial da Psicologia. Não obstante, existem sentidos que não se deixam captar por equações numéricas e nem se reduzem a elas, envolvendo outro tipo de inteligibilidade (Furlan, 2008). Foi apenas a partir dos anos 80 que surgiu uma nova visão de pesquisa – a pesquisa qualitativa – como alternativa à hegemonia positivista, priorizando investigações intersubjetivas ou compreensivas (Aiello-Fernandes et al., 2012).

Diferentemente da pesquisa quantitativa, a qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda; não se preocupa com generalizações populacionais, princípios e leis. O foco de sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, buscando mais a compreensão do que a explicação dos fenômenos estudados [...] As técnicas qualitativas podem proporcionar uma oportunidade para as pessoas revelarem seus sentimentos (ou a complexidade e intensidade dos mesmos); o modo como falam de suas vidas é importante; a linguagem usada e as conexões realizadas revelam o mundo como é percebido por elas. (Nogueira-Martins & Bogus, 2004, p.48)

Conforme nos orienta Stake (2011) a abordagem qualitativa é um método particularmente adequado para o estudo de um fenômeno singular, pessoal e contextualizado, indo ao encontro das necessidades desta pesquisa, cuja ênfase recai na singularidade da experiência paterna que tem lugar em um contexto

prisional. Além disso, optamos por uma pesquisa qualitativa de inspiração psicanalítica que visa compreender a experiência vivida pelos participantes do ponto de vista afetivo-emocional (Granato & Aiello-Vaisberg, 2011), em razão de sua potencialidade de gerar conhecimento sobre o drama humano (Aiello-Vaisberg, 2003), “a partir de uma postura de abertura e receptividade do psicanalista-pesquisador que facilite a livre expressão do pesquisado” (Herrmann, 2004, p.83). Dessa forma conjuga-se, de acordo com a regra fundamental da psicanálise, a associação livre dos participantes com a atenção flutuante do pesquisador para a produção compartilhada do material de pesquisa (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013).

Segundo Aiello-Fernandes et al. (2012) a psicanálise nos autoriza a utilizá-la como “método de investigação sobre processos concretos e encarnados de produção de sentidos emocionais” (p.311), fora do *setting* clínico. Ela também não deve ser confundida com um conjunto imutável de teorias, pois isso seria um “verdadeiro atentado contra sua potencialidade heurística, contra sua potencialidade de produzir conhecimento significativo sobre o humano” (p.311).

A psicanálise consiste em um modo de pensar e/ou investigar a conduta humana, sendo, como método de investigação, independente de suas dimensões doutrinária e terapêutica, conforme a teoria herrmanniana dos Campos. Para Herrmann (2004), é importante que se diferencie o método psicanalítico das teorias psicanalíticas, uma vez que é o método que define a psicanálise, e não as teorias e técnicas que dele decorrem. Dessa forma, interpretar as produções colhidas através do método psicanalítico, à luz do quadro teórico adotado pelo pesquisador, seria uma etapa posterior, ou seja, o uso do método psicanalítico não implica adesão antecipada a teorias específicas (Aiello-Fernandes et al., 2012).

Há inúmeras técnicas, como se sabe. Além das psicanálises das escolas diversas, há psicoterapias mais analíticas que certas análises, há análises psicoterápicas e até adaptativas, e técnicas bem distantes da psicanálise padrão, porém metodologicamente psicanalíticas – e aí nem o divã se salva. Já o método é outra coisa. É a forma geral do pensamento e da ação numa disciplina; em técnicas diferentes, o mesmo método deve estar. (Herrmann, 2001, p.51)

Alinhadas com a perspectiva herrmanniana, Granato e Aiello-Vaisberg (2011) argumentam que a abordagem psicanalítica, sejam seus objetivos terapêuticos ou investigativos, define-se como “a escuta psicanalítica, que é associativa e interpretativa” (p.496). Utilizaremos, portanto, o referencial psicanalítico ao longo do

presente estudo, desde a “confeção do procedimento investigativo, em sua apresentação como convite à expressão imaginativa dos participantes e, finalmente, na compreensão do material produzido pelo diálogo pesquisador-pesquisado”, assim como sugerem Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2011, p. 83).

Narrativas Interativas

Favoretto e Camargo Jr (2011) defendem a ideia de que o mundo interno do indivíduo pode ser trazido à tona por meio de técnicas narrativas, permitindo assim a expressão dos significados “produzidos pela consciência individual e os construídos no contexto social em que o indivíduo se realiza enquanto pessoa” (p.475). Entretanto, o narrar é uma atividade expressiva humana antiga que, antes mesmo de ser utilizada como ferramenta pela Psicanálise, Antropologia e outras ciências, já era utilizada para a transmissão de experiências vividas pelos membros de uma sociedade para transmitir conhecimentos, valores morais, ensinamentos e conselhos (Benjamin, 1936/1992).

Conforme apontam Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2011), as narrativas têm sido muito utilizadas como procedimento investigativo em diferentes áreas de pesquisa (Bruner, 2004; Campos & Furtado, 2008; Favoretto & Camargo Jr, 2011), tornando-se recurso privilegiado de psicanalistas, linguistas, antropólogos e sociólogos, na medida em que estes focalizam a compreensão de uma experiência que é pessoal e singular. Ricoeur (1999) enfatiza o potencial elaborativo do narrar em termos de sua atribuição de sentido para a vida, enquanto Benjamin (1936/1992) reflete sobre o narrar como convite para que uma experiência seja (re)vivida, tornando-se uma oportunidade para compor e recompor os dramas vividos no cotidiano.

Em uma perspectiva psicanalítica, a narrativa do paciente marca o início do processo de investigação, realizado em parceria com o psicanalista que “recupera a narrativa humana como meio fidedigno de acesso ao mundo pessoal, revelando-se poderoso recurso na produção de conhecimento sobre a experiência afetivo-emocional” (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011, p.160). É, portanto, coerente com a proposta psicanalítica de pesquisa que utilizemos Narrativas Interativas, a fim de preservar a característica dialógica do encontro humano: “procedimento que

privilegia a interlocução entre pesquisador e participante na produção de um conhecimento que se assente sobre a dramática humana (Granato, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011, p.83).

A Narrativa Interativa (NI) consiste de uma breve história ficcional criada pelo pesquisador, de modo a apresentar uma situação ou conflito que se quer investigar, convidando os participantes a completar aquela trama de forma livre e espontânea rumo a um desfecho (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013). O envolvimento emocional do participante só será possível caso a história e seus personagens guardem uma “forte relação com a vida e seus desafios” (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011, p. 160), e, ao mesmo tempo, proteja o participante de uma exposição direta de vivências pessoais perturbadoras. Dessa forma, é possível que o leitor se identifique com os personagens e seus dramas, de modo a dosar o acesso à realidade do vivido pela via da ficção.

Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2011) assinalam que a NI é concebida como “ponto de partida para a instauração de um campo investigativo dialógico que contemple tanto o lúdico quanto o dramático”(p.83). Além disso, a proposta de uso de Narrativas Interativas na pesquisa psicológica é sugerida por Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg (2011) com o intuito de disponibilizar recursos e conhecimentos psicanalíticos em contextos onde a análise-padrão não seria viável ou mesmo inapropriada. A instituição alvo de nosso estudo parece se enquadrar nesse critério, o que nos levou a elaborar a seguinte NI para investigar a experiência da paternidade no cárcere:

Era domingo bem cedo e a agitação no pavilhão já era grande. Tudo deveria estar limpo e arrumado pra receber os visitantes que logo começariam a chegar. Aquele não era um domingo igual aos outros, era o Dia dos Pais. Depois do café, enquanto alguns companheiros davam os últimos retoques nos preparativos para a festa, e outros já aguardavam a abertura dos portões, Carlos se sentou num canto, tirou do bolso uma foto de seus filhos e passou a olhá-la fixamente. Nesse instante, ele começou a pensar muitas coisas...

Cabe esclarecer que a elaboração da NI foi inspirada na experiência profissional da pesquisadora na instituição, onde pôde observar, ao longo dos anos, a expectativa com que os dias de visita são aguardados pelos presos,

especialmente em datas comemorativas. Também era muito comum observar o modo como os presos se apegavam a desenhos, cartas ou fotografias de seus filhos, sempre guardados com bastante zelo, sugerindo o vínculo afetivo que nesses se expressava. Optamos pela fotografia do filho, já que, a nosso ver, era um material que permitiria focalizar mais diretamente a questão da paternidade. Caso este objetivo não tivesse sido alcançado, teríamos utilizado uma das versões alternativas de NI que foram elaboradas para esta pesquisa.

Participantes

Participaram deste estudo 41 presidiários adultos voluntários que são pais, independentemente de seu estado civil, escolaridade, raça, religião, número de filhos, nível socioeconômico ou orientação sexual. Seriam excluídos do estudo aqueles que apresentassem limitações motoras, auditivas ou visuais que impedissem a realização do procedimento, porém isto não foi necessário.

Caracterização do Contexto Institucional

Este estudo foi realizado em uma penitenciária masculina que funciona em regime fechado, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A instituição, inaugurada em 23 de Abril de 1992, tem capacidade para 833 presos e abrigava até primeiro de Maio de 2015 uma população de 1947 detentos, tendo sido estes condenados pelos mais variados delitos. Alguns desses prisioneiros (em torno de 300), apesar de já terem sido beneficiados com a progressão para regime semiaberto, permanecem neste estabelecimento penal, sujeitos às mesmas condições dos demais sentenciados, enquanto aguardam vaga e subsequente transferência para um Centro de Progressão Penitenciária – local previsto por lei para o cumprimento de pena nessas circunstâncias.

O perfil atual dos sentenciados desta unidade prisional corresponde ao do restante da população carcerária brasileira, ou seja, é composto predominantemente

de jovens, de afrodescendentes, de baixa escolaridade, com prevalência de crimes contra o patrimônio, com penas que variam entre quatro e oito anos.

Os detentos geralmente chegam à referida instituição quando transferidos de outros estabelecimentos penais, ou oriundos dos Distritos Policiais. Assim que adentram a unidade são entrevistados pelo Setor de Segurança e Disciplina, sendo posteriormente encaminhados para um dos seis pavilhões, denominados “raios”, onde passarão a maior parte do tempo de suas penas.

No interior de cada raio, vivem aproximadamente 340 detentos, distribuídos em celas, cujo tamanho varia de seis a nove metros quadrados. Os raios 1 e 2 possuem as celas menores (2m x 3m), acomodando uma média de 7 detentos cada, quando foram projetadas para apenas três. As celas maiores (3m x 3m), localizadas nos raios 3, 4, 5 e 6 acomodam, no momento, em torno de 15 presos cada, onde deveriam estar apenas seis. No centro de cada pavilhão existe um pátio descoberto, disponível ao uso coletivo, porém apenas em horários pré-estabelecidos.

No interior de cada cela há apenas o básico: alguns beliches de alvenaria (três ou seis dependendo do tamanho da cela), uma pia, um vaso sanitário, um cano por onde sai água para o banho, colchões, uma televisão e objetos pessoais como roupas, produtos de higiene, fotos, cartas, pacotes de bolacha, cigarros, Bíblias, etc. Algumas divisórias são improvisadas com lençóis pendurados no teto ou nos beliches a fim de garantir um mínimo de privacidade. A situação do calor é preocupante: as antigas janelas foram praticamente lacradas por alvenaria após a reforma que se seguiu à rebelião de 2006, restando uma pequena fresta de ventilação, de aproximadamente 15cm x 80cm, situada próxima ao teto. As portas das celas são de chapa de aço com pequenos furos ao longo de toda sua extensão, destinados a facilitar a circulação do ar; no meio desta porta há uma abertura maior, tipo “janelinha” com um mecanismo que abre e fecha por fora, com a finalidade de passar a alimentação ou outro item qualquer sem ter a necessidade de destrancar a cela/porta.

A rotina da penitenciária costuma ser metódica, apesar de imprevisível. Na maior parte do tempo as celas permanecem trancadas com os presos em seu interior, onde recebem a alimentação e fazem toda a sua higiene pessoal. Diariamente às 7:30 da manhã, os detentos são liberados para o banho de sol, após o café da manhã. Alguns aproveitam esse momento para a prática esportiva, em geral uma partida de futebol improvisada, ou um “levantamento de peso” com

garrafas Pet cheias de água, enquanto outros jogam dominó ou simplesmente ficam perambulando de um lado para outro - “pedalando”, como se diz na gíria dos presos - mas sempre dentro do seu próprio pavilhão. Saem dos raios somente aqueles que têm autorização para se dirigir à enfermaria, à escola, ao trabalho, ou a atendimentos com advogados e corpo técnico, como o psicólogo e o assistente social.

A partir das 11 horas os presos retornam para as celas, que são novamente trancadas a fim de receberem o almoço em seu interior, voltando a ser liberados às 13:30 horas. Vale ressaltar que é permitido permanecer no interior da cela o preso que preferir dormir, assistir televisão ou ler revistas e livros, sendo sua saída obrigatória sempre que tiver um atendimento agendado. A rotina da tarde segue muito semelhante à da manhã, quando às 16 horas são finalmente recolhidos, permanecendo enclausurados até as 7:30 horas do dia seguinte, perfazendo um total diário de 18 horas de confinamento.

As oportunidades de emprego no interior da penitenciária são bastante escassas, visto que a demanda é grande e a oferta limitada. Como exemplo, na data de primeiro de Maio de 2015 apenas 298 detentos (15,30% da população carcerária local) estavam usufruindo deste recurso que, embora seja um dever do indivíduo preso, é encarado como um benefício. As vagas são extremamente concorridas em função não apenas do valor pecuniário da remuneração, fundamental para a manutenção de muitos dos que lá se encontram, mas principalmente pela remição da pena², proposta segundo a qual a cada três dias trabalhados um dia de pena é abatido. Normalmente os trabalhos oferecidos são de limpeza das áreas administrativas, no setor de manutenção, cozinha e em empresas instaladas no interior da unidade prisional, nos chamados Pavilhões de Trabalho.

A escola conta com quatro salas de aula, seu funcionamento se restringe ao período da manhã, e oferece cursos que vão do Ensino Fundamental ao Ensino Médio; contudo, as vagas também são limitadas, comportando no máximo 25 alunos por classe. No mesmo período acima mencionado verificamos que apenas 98 presos

² A remição da pena segue os critérios da Lei de Execuções Penais 7.210/84, em seu Artigo 126. Vale salientar que esta é a grafia correta do termo, conforme o texto da referida lei.

estavam frequentando as atividades escolares, ou seja, 5% da população carcerária da unidade. A atividade escolar também gera remição da pena.

Como alternativa ocupacional no interior da prisão existe o Programa de Educação para o Trabalho, atividade desenvolvida em parceria com a Fundação de Amparo ao Preso – FUNDAP, onde são oferecidos cursos livres voltados para a qualificação profissional. O funcionamento dessas turmas, que não exige grau de escolaridade, ocorre no espaço da escola, no período da tarde. Entretanto, assim como as demais atividades descritas acima, as vagas são limitadas e bastante disputadas.

As visitas são liberadas somente aos sábados ou domingos, de acordo com escala pré-estabelecida, iniciando-se por volta das 9 horas da manhã e se estendendo até por volta das 16 horas, sendo autorizadas somente a pais, irmãos, cônjuges/companheiras e filhos dos prisioneiros (salvo exceções avaliadas pelo Setor de Segurança). Os dias de visita são aguardados com muito entusiasmo e expectativa, havendo bastante empenho dos detentos para receberem os familiares da melhor forma possível. Exige-se respeito com o visitante e o descumprimento das regras estabelecidas pelos próprios internos é punido com severidade. Para aqueles que não recebem visitas, este é um dia de tristeza e amargura. A solidão bate forte, apesar de estarem em meio a um aglomerado de pessoas.

As visitas são administradas pela Diretoria de Segurança e Disciplina, que também se responsabiliza pelas revistas nos dias de visitação. Para se ter uma ideia, o número total de visitantes que adentraram a unidade num final de semana normal do mês de julho do corrente ano foi de 629, sendo 490 mulheres, 65 homens e 74 menores. Já quanto a datas comemorativas, como o Dia dos Pais, em agosto de 2015, computou-se um total de 773, sendo 547 mulheres, 75 homens e 151 menores, segundo relatório da Portaria da unidade prisional.

A saída do presidiário do estabelecimento penal se restringe a audiências no Fórum e a consultas ou exames médicos, quando os cuidados recebidos na prisão não foram suficientes. Porém, nestes casos, o preso será sempre escoltado pela Polícia Militar. Alguns sentenciados, apesar de estarem cumprindo pena neste estabelecimento penal, já foram agraciados com o regime semiaberto, caso em que poderão obter autorização do Juiz da Vara das Execuções Criminais para usufruir das Saídas Temporárias. São ocasiões em que o interno deixa a unidade prisional sem vigilância direta, pelo prazo máximo de sete dias para visitar a família em datas

festivas, conforme art. 122 da Lei de Execuções Penais. Usualmente, estas saídas ocorrem cinco vezes por ano e costumam ser vistas como estímulo à Reintegração Social.

Procedimento

O trabalho de pesquisa com prisioneiros constituiu-se como desafio desde o seu início, dadas as inúmeras etapas que antecedem a aproximação do pesquisador de populações vulneráveis, como é o caso dos participantes deste estudo. Além da avaliação e aprovação de dois comitês, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade onde esta pesquisa de mestrado se desenvolveu (Anexo III) e o Comitê de Ética da Secretaria da Administração Penitenciária (Anexo IV), também foi necessária a autorização formal da Vara das Execuções Criminais (Anexo V).

Superada esta fase, a qual demandou repetidas revisões do projeto inicial e tempo para aguardar as etapas burocráticas de tais liberações, traçamos uma estratégia de aproximação dos possíveis participantes deste estudo. Elaboramos um folheto-convite com as informações básicas da pesquisa (Anexo II), que seria distribuído por um funcionário em 3 pavilhões, até termos um número de participantes que atendesse aos objetivos da pesquisa. A escassez de tempo nos fez pensar em um plano que agilizasse o retorno dos convites. Neste caso, os pavilhões-alvo seriam os de número 1, 3 e 5, em razão de estarem sem visita no dia escolhido para o recrutamento, conforme escala pré-estabelecida pela unidade, facilitando assim o acesso do funcionário, que interferiria minimamente na rotina do estabelecimento penal. Ao adentrar no primeiro raio, o funcionário achou prudente conversar rapidamente com alguns líderes do pavilhão, esclarecendo o motivo da sua presença, o que foi perfeitamente compreendido e apoiado. Desta maneira, um grande número de sentenciados se aproximou do funcionário a fim de ouvir a proposta que seria apresentada. Foi esclarecido de forma bastante sucinta o objetivo da pesquisa, bem como a questão do sigilo, o caráter voluntário da participação e a não implicação em questões judiciais. Também foi esclarecido que receberiam maiores informações posteriormente, podendo retirar sua participação a qualquer momento da pesquisa. Pareciam bastante interessados e os convites, que imaginamos serem suficientes para os 3 pavilhões, acabaram sendo insuficientes

até mesmo para essa primeira abordagem, sendo necessário o retorno do agente de segurança no plantão seguinte para a entrega de mais convites a serem preenchidos. Em razão do número de manifestações favoráveis ter superado nossa expectativa, já nesse primeiro contato, interrompemos a distribuição de convites, pois não teríamos como dar suporte aos demais interessados.

O folheto-convite deveria ser preenchido com o nome ou o número de matrícula do preso, além da manifestação de interesse/desinteresse em participar do estudo, sendo posteriormente devolvido para o funcionário responsável, que os repassaria para a pesquisadora, de modo que esta ainda não tivesse contato com os prisioneiros, deixando-os livres para optar, já que esta é funcionária na unidade prisional. Foram devolvidos 93 folhetos com o aceite dos participantes, alguns se perderam, e nenhuma recusa foi entregue.

Finalizada esta etapa, os participantes voluntários foram chamados em grupos de dez para participar de uma entrevista coletiva com a pesquisadora, em sala e horário reservados para esta atividade, na própria instituição, onde receberam esclarecimentos detalhados sobre os objetivos da pesquisa, seu método e os cuidados éticos envolvidos. Foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) aqueles que confirmaram o interesse de participar, depois de terem suas dúvidas esclarecidas.

Foi entregue a cada participante uma cópia da Narrativa Interativa, impressa em folha sulfite não identificada para que pudessem acompanhar a leitura feita em voz alta pela pesquisadora, antes de serem convidados a completar a história sob a forma de escrita. Ao final desta primeira etapa as folhas foram recolhidas e guardadas em envelope pardo, também sem identificação, de modo a garantir seu anonimato. Como segunda fase do procedimento, os participantes foram convidados para um momento de reflexão/discussão sobre o tema da paternidade, a partir de sua vivência pessoal. Esta etapa visa dar continuidade à produção associativa de sentidos, ampliando as possibilidades de expressão do participante sobre um tema que os toca sobremaneira – o exercício da paternidade na prisão.

Para concluir, a pesquisadora se colocou à disposição para dar continuidade à reflexão sobre a questão paterna, porém de forma individualizada, na eventualidade de algum participante sentir-se mobilizado emocionalmente pelo tema abordado. Neste caso, poderiam procurar o setor de Reintegração Social para agendamento de entrevista com a pesquisadora.

Após cada encontro grupal a pesquisadora redigiu um relato narrativo, doravante denominado de Relato do Encontro (RE), a fim de registrar as associações dos participantes, a dinâmica interpessoal do encontro e as impressões contratransferenciais da pesquisadora. Vale ressaltar que os encontros não foram gravados nem em áudio, nem em vídeo, com o objetivo de proteger a privacidade dos participantes e promover a instauração de um ambiente de confiança e respeito entre pesquisadora e participantes.

No contexto da pesquisa, o encontro face a face, com todas as suas intercorrências e imprevisibilidades reproduz, de uma certa forma, as relações interpessoais do cotidiano, conferindo fidedignidade ao estudo, em termos de sua qualidade dramática. O pesquisador qualitativo se ocupa da heterogeneidade, da singularidade, e das múltiplas camadas de significação de uma vivência, tarefa que é levada a termo pela sensibilidade empática e não pelas fitas de áudio/vídeo gravadas.

Entretanto, para ampliarmos maximamente a captação dos sentidos comunicados pelos participantes, por meio da escrita da NI e depois oralmente, durante o Grupo de Discussão, contamos com a participação de uma assistente de pesquisa, escolhida pela pesquisadora, para auxiliá-la no registro dos diálogos e da dinâmica do encontro. A função dessa assistente foi exclusivamente de observação e anotação, contribuindo desta forma com o registro dos encontros a ser realizado pela pesquisadora responsável.

Análise do material narrativo

O material narrativo foi tomado coletivamente, isto é, como expressão de um sujeito coletivo que, em nosso caso, é um grupo de pais que compartilham a experiência de estarem presos em uma mesma unidade prisional e o fato de terem se voluntariado para conversar com uma pesquisadora sobre a experiência de ser pai na prisão. Como não entendemos o grupo como a simples reunião de indivíduos, mas como um coletivo que se organiza de modo peculiar em função de suas experiências de vida e do contexto/ambiente que compartilham, abordamos o material narrativo como sendo uma expressão daquele grupo.

As Narrativas Interativas e os Relatos dos Encontros compuseram o *corpus* desta pesquisa, sendo tomados para consideração psicanalítica, com o objetivo de identificar sentidos afetivo-emocionais atribuídos pelos participantes à experiência da paternidade na prisão. Tais sentidos, que estabelecem contornos para as vivências dos participantes, são descritos e ilustrados com os relatos dos participantes, na íntegra, sejam eles oriundos da escrita das NI ou dos depoimentos nos Grupos de Discussão.

Tendo em vista o refinamento das interpretações e as exigências de rigor na pesquisa todas as interpretações foram discutidas na interlocução com o grupo de pesquisa, satisfazendo a exigência metodológica de triangulação (Stake, 2011). Finalmente, o material narrativo assim obtido foi discutido à luz de pesquisas recentes sobre o tema da paternidade no cárcere, além das contribuições de Donald Winnicott sobre a provisão ambiental, sendo apresentado de modo a explorar os diferentes aspectos que caracterizam a experiência da paternidade na prisão, segundo a perspectiva dos participantes.

Considerações éticas

A pesquisa está de acordo com o protocolo exigido pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que regulamenta as normas para a realização de pesquisa com seres humanos. Todos os cuidados foram tomados a fim de proteger os participantes de qualquer tipo de constrangimento.

Os participantes foram informados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que sua participação não implicaria em remuneração, nem acarretaria prejuízos de qualquer natureza caso decidissem se retirar da pesquisa, o que poderia ser feito a qualquer momento do processo. Também foram orientados sobre a não identificação do material, visando o sigilo, sendo destinado exclusivamente para fins de pesquisa.

Como o objetivo da pesquisa foi promover a reflexão sobre a paternidade em contexto prisional, existia uma possibilidade mínima de riscos, em termos de desconforto emocional. Em caso de necessidade, a pesquisadora comprometeu-se a oferecer atendimento psicológico aos participantes, tanto durante como após a

realização da entrevista na própria instituição, o que não ocorreu até o presente momento.

RESULTADOS

O material desta pesquisa foi produzido por quatro grupos de pais, de encontro único, sendo composto de 41 Narrativas Interativas (NI) e quatro Relatos do Encontro (RE), totalizando 45 narrativas. Dos 93 convites devolvidos com as manifestações favoráveis à participação na pesquisa, foram selecionados aleatoriamente (por sorteio) 49 participantes, supondo que alguns pudessem desistir ou que problemas institucionais interferissem em sua participação. De fato, um dos participantes desistiu, um não compareceu, sem justificar, e seis estiveram impossibilitados de participar do encontro, em virtude de um procedimento no pavilhão, que impedia a movimentação de qualquer prisioneiro naquele horário. Cabe esclarecer que todos os pais que devolveram os convites preenchidos serão atendidos pela pesquisadora, ainda que seus relatos não estejam incluídos nesta dissertação, sendo reservados para trabalho posterior.

Para melhor acompanhamento da trajetória percorrida pela pesquisadora, apresentamos os 4 grupos, identificados como grupos A, B, C e D. As Narrativas Interativas dos participantes foram identificadas com números e os pais participantes dos Grupos de Discussão receberam nomes fictícios.

Do primeiro grupo participaram 13 pais, do segundo 7, do terceiro 12 e no último grupo foram 9 os participantes. Apresentamos a seguir o conjunto de Narrativas Interativas de cada grupo, reproduzindo *ipsis litteris* a escrita dos participantes e, na sequência, os Relatos dos Encontros realizados pela pesquisadora.

Narrativas Interativas do Grupo A

Era domingo bem cedo e a agitação no pavilhão já era grande. Tudo deveria estar limpo e arrumado pra receber os visitantes que logo começariam a chegar. Aquele não era um domingo igual aos outros, era o Dia dos Pais. Depois do café, enquanto alguns companheiros davam os últimos retoques nos preparativos para a festa, e outros já aguardavam a abertura dos portões, Carlos se sentou num canto, tirou do bolso uma foto de seus filhos e passou a olhá-la fixamente. Nesse instante, ele começou a pensar muitas coisas...

PARTICIPANTE 1: 32 anos, 7ª série, 3 filhos de 7, 9 e 11 anos

"como seria se no dia de hoje eles estivessem aqui ! O meu dia se completaria, pois já tem muito tempo que não os vejo, poderíamos nos divertir como nunca, eu poderia abraçá-los, beijá-los, e demonstrar todo meu carinho, embora estou num lugar difícil, a saudade é grande. Há...se esses muros e grades falassem o quanto é duro a dor de não recebê-los, mas sei que um dia tudo isso vai passar e quando menos esperar, eles se farão presente. Aí a alegria vai ser completa, mas se não virem hoje fico feliz em saber que estão bem e fico feliz por meus amigos estarem podendo dar um abraço em seus filhos, logo vejo que não há melhor amor do que sentir saudades de quem está distante e perto do coração ! fui..."

PARTICIPANTE 2: 24 anos, 2º ano do ensino médio, 2 filhos de 2 e 5 anos

" Como meus filhos devem estar nesse momento (pensava)... E a saudade aumentava a cada instante..."

Algo que mexe muito com o psicológico dos presos é não terem um tipo de educação social voltado para a família. Com isso, os 'reeducandos' saem sem uma capacidade para tratar seus filhos, afetando assim a relação entre pais e filhos. Prejudicando também o crescimento da criança, pois ela terá uma imagem do pai*, e o pai não terá capacidade para tratá-lo. Entretanto o que mais afeta um pai reeducando dentro do presídio é:

-Como será a reação dos meus filhos?

-O que devo fazer?

-Como tratá-los?"

*ruim

PARTICIPANTE 3: 35 anos, 4ª série, 3 filhos de 2, 4 e 17 anos

"Como meu Deus porque aconteceu isto comigo. Gostaria de estar lá na minha casa com meus amorzinhos minha família. Como papai o ama meus filhos queridos. Vocês são tudo em minha vida que Deus me deu.

Gostaria muito de estar com vocês em casa pra vocês pularem no papai, brincar com você, morder, dar beijinhos, levar no parquinho e da ainda mais amor a vocês. Estou com muita saudades de vocês. Sei que Deus vai me tirar desse lugar

próprio que se um dia fosse pai faria de tudo para ser o melhor pai do mundo! Olha agora outra foto, essa foto é de suas meninas, suas filhas. Essas já são mocinha, diferente do caçula. Essas, nessa data prefere fazer de conta que esqueceu que é o dia dos pais, isso deixava Carlos triste, mais no almoço vinham todas rindo e abraçando, dizendo seu bobinho não esquecemos não, feliz dia dos pais, te amamos muito papito...

Como era bom... Agora Carlos pensa e fala com Deus pai daria tudo para voltar atrás, daria tudo que tenho para que esse dia pudesse ser novamente como antes..."

PARTICIPANTE7: 34 anos, 6ª série, 3 filhos de 14, 8 e 12 anos

"principalmente no que levou ele a se afastar dos seus bem mais prezioso que havia constituido na Terra, que era sua família, principalmente seus maravilhosos filhos . Desde então ele começou a ver as coisas de outra forma, havia percebido quanto tempo o tal do 'crime' havia feito ele perder tempo, afastado de seus filhos e por que de tudo aquilo... porque teria que ser assim. Então ele percebeu que ainda havia esperança e que nem tudo estava perdido. A luta seria grande a batalha não seria fácil mas ele estava disposto a lutar com todas as forças para recuperar o bem mais prezioso que dele foi tomado, seus filhos! o bem mais prezioso de um pai..."

PARTICIPANTE 8: 43 anos, ensino médio completo, 4 filhos biológicos e 1 "de coração" de 22, 17, 15, 8 e 3 anos

Este participante colocou título em sua N.I.: "A minha história verídica"

"Quantas oportunidades desperdiçadas. Quantas pessoas maravilhosas e do bem passaram pela minha vida. A ignorância, a prepotência, a cobiça (drogas, álcool, mulheres e dinheiro) me fizeram todo o mal que podem fazer.

Nesse dia dos Pais (agosto de 2015) este pequeno texto ilustra bem o que senti, vivi. Meu nome é XXXX e não Carlos.

Vem mil pensamentos- sentimentos positivos e negativos. Estou tentando registrar meu filho em meu nome. Por problemas pessoais não pude registrá-lo, estava procurado pela justiça e sem documentos. Fui no Hospital Grajaú/SP 2 sul,

convivi com ele até os 2 meses e aí...Ele nasceu em 27/07/2012 e estou preso quase esse tempo. Escrevi para a defensoria pública, mas aí me trouxeram para esta região e tudo ficou muito-muito mais difícil. Moro no litoral sul - SP em Peruíbe-SP.

A prisão, o cárcere me tiraram (só frisando que tenho consciência que errei e muito) a maior dívida de Deus, a vida e a convivência com meus filhos.

Gostaria muito de vê-los. Assim vou aguardando a liberdade, desta vez com responsabilidade. Não me iludo mais. Vou virar o jogo da vida voltar a pescar, trabalhar. Trazer eles para o meu lado e viver a vida aproveitando o que há de melhor, família - filhos - o bem estar bem.

Obrigado pela oportunidade de poder expressar-me."

PARTICIPANTE 9: 27 anos, 7ª série, 1 filho de 4 anos

"o que eu fiz da minha vida? como eu não conseguia perseber as cosas valiozas que tinha la fora. Sei que não fui um bom pai e sei bem na pele o que é isso. Mais tudo tem seu preço. Tem cosas que não da pra voltar atraz. O crime tem sua iluzão, acha que nao vão te pegá. Carlos não vai pode ver o filho crescendo falando pai consegui anda de bicicleta. Esta de mãos amarradas. não sabe o que o moleque vai pensa . Seu pai é só um marginal. Espera um dia pode explicar...Fim"

PARTICIPANTE 10: 28 anos, 1ª série do ensino médio, 1 filho de 2 anos

"aonde está meu filho que não está aqui comigo. estou com muita saudade dele, gostaria de estar com ele hoje só para passar o dia dos pais comigo. Sei que não tenho sido um pai presente, mas Deus sabe todas as coisas, sei que um dos motivos de ele não esta aqui comigo é por causa dos meus erros que cometi no passado. Mas á tempo para tudo, esse é um tempo que eu tenho de ficar longe mas eu creio que, a de vir o tempo em que ele vai estar do meu lado não vejo a hora. Mas sei que grande vai ser minha alegria quando eu sair daqui e volta pra dar um abraço no meu filho e um enorme beijo nesse.

E sei que o tempo que estou longe dele só vai aumentar meu amor por ele cada dia mas. Filho me desculpe mas fique sabendo que o pai te ama e sei que nos vamos passar muito tempo junto voce foi muito especial para mim um beijão no seu coração e fique com Deus já já o pai vai estar aí te amo."

PARTICIPANTE 11: 50 anos, 7ª série, 2 filhos de 1 ano e 4 meses e 6 anos

..."Cinto muita falta dos meus filios. Meu coração sempre está machucado. Faz 1 ano e 3 mesis que eu não veju, mas todos dias choro muito... mas tenh fe em Deus que brevi estarei co elis para nunca mais cepará dos meus filho que eu tanto amo.

De todo meu coração em brevi em nome do noço Jesus Criso logo estarei coelis.Acim ce Deus protege... Muito hobrigado pro todo... e graças adeus. Amei."

Atrás da folha: "Gostaria de esta perto dos meu 2 filo que tanto amo. Fica todos co Deus e tenho um bom dia paratodos".

PARTICIPANTE 12: 37 anos, 2ª série, 3 filhos de 16, 10 e 8 anos

"eu comecei a pensar quando eu iria ver meu filhos que eu não vejo a 6 anos. então comecei chora com muita saudade deles, mais com fé em Deus logo eu vou esta com eles para eu faze uma festa para comemorar os dias do pais. Pois entre este 6 anos nunca teve um so dia que eu não pensava nos meus filho."

PARTICIPANTE 13: 38 anos, 8ª série, 1 filho de 12 anos

"todos os fins de semana me sinto muito mal, pois a saudade do meu filho é tão grande que não aguento e acabo chorando, meu filho é que me dá forsa pra aguenta o sofrimento que passo, cada dia que pago para a justissa já é uma vitoria pois sei que logo estarei junto do meu filho, ficá longe do meu filho é terrivel, mas sei que estou pagando pelo meu erro, també tenho fé que logo estarei perto do meu filho."

Relato do Encontro com o Grupo A

Foram selecionados aleatoriamente 13 convites dos 93 que foram preenchidos pelos pais encarcerados que aceitaram participar da pesquisa. Dos 13 participantes que foram agendados para compor o primeiro grupo, todos compareceram. Esse número foi sugerido supondo que alguns presidiários

pudessem desistir antes ou durante o procedimento, uma vez que, nosso alvo era ter aproximadamente 10 participantes por grupo.

O encontro foi realizado no interior da unidade prisional, em uma das salas de aula da escola. A escolha dessa sala, a última do corredor, foi pensada como estratégia de se evitar que o trânsito no corredor distraísse os participantes, já que as salas de aula não têm portas. Todos os encontros se deram neste mesmo espaço. No grupo A, assim como nos demais grupos, quando a pesquisadora chegava com a assistente de pesquisa, os participantes já estavam no interior da sala, alguns sentados, outros em pé conversando. Ao adentrarmos o espaço, os participantes se acomodavam espontaneamente nas carteiras escolares, mobiliário disponível na sala, configuração que também atendia nossa necessidade, uma vez que precisaríamos de apoio para o preenchimento do TCLE e das Narrativas Interativas.

Iniciei minha fala me apresentando, bem como a assistente. Informei que apesar de ser funcionária daquela unidade prisional, naquele momento estaria ali em um papel diferenciado, como psicóloga pesquisadora da PUC de Campinas, desenvolvendo um trabalho com pais encarcerados. Preocupei-me em deixar evidente que a participação na pesquisa era voluntária, sem qualquer implicação jurídica e que nenhum material produzido seria arquivado em qualquer prontuário do estabelecimento penal. Agradei o retorno do convite preenchido e expliquei a importância da participação na pesquisa, uma vez que a população de pais encarcerados não tem sido alvo de trabalhos acadêmicos e, portanto, carece de compreensão. Apresentei a pesquisa, esclarecendo seus objetivos, o procedimento metodológico, assim como as questões do sigilo. Todos estiveram bem atentos à explicação inicial. O ambiente parecia agradável e os participantes mostravam-se interessados.

Na sequência foram entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante, para que pudessem me acompanhar na leitura. Todos concordaram em assinar. Alguns tiveram dúvidas quanto ao preenchimento, sendo orientados diretamente por mim e pela assistente. Os termos foram recolhidos e colocados em um envelope pardo.

O próximo passo foi apresentar a proposta das Narrativas Interativas. Foi entregue a cada participante uma folha sulfite com a história previamente elaborada, que foi lida por mim em voz alta e acompanhada pelos presentes. Ao final da

leitura foram convidados a terminar a história livremente, do jeito que desejassem, sem que se preocupassem com respostas certas ou erradas, nem com o tamanho do texto ou erros de português. Não apresentaram nenhuma dúvida, parecendo compreender bem a tarefa. Todo o procedimento descrito até aqui se repetiu de forma idêntica nos demais grupos de participantes.

Durante a atividade um dos participantes me questionou se ao invés de Carlos, o personagem da história, poderia ser ele mesmo, Miguel. Respondi afirmativamente. Este participante colocou até um título para sua história "A minha história verídica".

Tiago, o primeiro a terminar, se levantou para entregar sua folha e após guardá-la no envelope pardo, que ficava sobre a mesa, me chamou de lado e, falando bem baixinho, começou a me contar sua história pessoal enquanto aguardávamos os demais concluírem a tarefa. Falou da dificuldade de contato com suas crianças, dos empecilhos colocados pela ex-mulher, da preocupação com o ambiente prisional para os filhos, do seu delito... Senti que queria me relatar fatos que talvez não estivesse disposto a fazê-lo com o grupo. Conforme os participantes iam terminando e entregando as suas folhas, disse a Tiago que, caso desejasse, poderíamos continuar aquela conversa em outra oportunidade, mas que naquele momento teríamos que nos dirigir ao grupo. Ele pareceu compreender e retornou à sua cadeira. Recolhidas todas as folhas, partimos para a segunda etapa do procedimento.

Propus que todos encostassem as carteiras no canto da sala e que sentássemos em círculo só com as cadeiras, para que todos pudessem se ver. Minha intenção era também garantir um ambiente mais acolhedor. Questionados sobre a execução da tarefa, iniciaram seus relatos.

Jessé disse: *"Faltou folha, senhora... o espaço pra escrever é muito pequeno pro tamanho da história que a gente gostaria de contar... Tudo o que a gente faz não é nada, o filho é a única coisa que a gente tem e o que fica, o resto tudo é ilusão. Falar sobre família é muito importante pra nós... É o que nos dá força pra enfrentar isso aqui, é o que realmente importa... A gente tá aqui mas o coração tá sempre agoniado querendo saber notícias deles..."*

Começam a falar sobre as dificuldades para entrar em contato com os familiares, especialmente com os filhos. *"As dificuldades aqui dentro são muito grandes..."* diz um dos participantes. Muitos verbalizam que as cartas são o

principal veículo de comunicação; contudo, queixam-se da demora para chegar ao seu destino. Amauri relata que “a casa” (a unidade prisional) poderia ajudar mais com essa questão... *"porque isso reverte no bem estar do próprio preso, isso acalma ele"* (sic). Informa que enviou uma carta para o aniversário de sua filha com uma semana de antecedência, mas que esta só chegou após 40 dias, ou seja um mês depois da data a ser comemorada. Ele pergunta: *"Como fica o emocional da criança, senhora? Ela pensou que eu tinha esquecido o aniversário dela... como é que eu vou explicar isso?"* (sic). Gilmar completa: *"E quantas cartas a gente manda que nem chega? A gente tenta pedir informação, mas ninguém sabe de nada... A gente sabe que é preso, e preso não tem que saber o porquê das coisas... Tá bom, mas então as coisas tem que funcionar! Onde está a carta que mandei há mais de um mês? E as cartas que a família diz que manda e nunca que chega?"* (sic). Muitos se queixam dessa situação.

Tiago explica, fazendo uso de uma analogia: *"As cartas são muito importantes para nós: são como envelopinhos de oxigênio, um momento pra respirar... Aí quando a gente questiona os funcionários sobre isso, eles não dão retorno, nem ligam... Isso dá muita raiva... Eu não quero que meu filho tenha a minha vida, cometa os mesmos erros, então eu preciso intervir, ter preocupações com o seu dia a dia, me fazer presente... O elo de ligação entre o pai e o filho é a carta!"* (sic). A valorização das cartas é praticamente unânime dentre os participantes, e parecem ser aguardadas com uma grande expectativa e ansiedade, tendo um peso muito diferente do que têm para as pessoas em liberdade.

Silveira diz que concorda que as cartas são muito importantes, mas quando as recebe fica com o coração apertado durante uns 4, 5 dias... Fica mal, triste, depois vai melhorando. Pergunto: Como assim? Ele responde: *"É porque a única pessoa que está fora da minha família sou eu, então eu fico sabendo que eles tão fazendo um monte de coisas, mas eu mesmo tô longe... Parece que estou excluído de tudo..."*(sic).

Alguns participantes concordam com a posição de Silveira, mas mesmo assim não veem a hora de receber alguma informação da família. *"É como se a gente pudesse tá olhando eles de longe... mas fazer o que? nós não tá aqui injustamente, tá porque fez alguma coisa, então, é o preço ..."* pondera Jessé.

Lino diz que *"às vezes vem notícia que abala a gente também, falando que alguém tá doente, ou que os filho tão passando necessidade ou tão com algum*

problema... e a gente aqui , sem poder fazer nada.."(sic). Muitos balançam a cabeça concordando.

Pergunto como veem o relacionamento entre o pai que está preso e seus filhos. Tiago toma a iniciativa: *"Senhora, olha como a coisa funciona, se eu tiver minha família junto comigo, tendo sempre notícia deles, eu não vou encher o saco dele (aponta para companheiro ao lado). Se ele me falar: 'vamos fazer um negócio na saidinha?' Eu vou falar que não, porque eu penso no que eu tenho lá fora e não vou sacrificar a confiança deles e, de repente, pôr tudo a perder de novo!"*

Para Marques *"preso sem a família, principalmente os filhos, fica desorganizado, se afunda nas drogas, não vai sair dessa vida nunca!"*. Silveira diz que concorda com Marques. Comenta que tem as fotos dos filhos e dos pais estampada no seu cantinho da cela, porque sabe que eles o amam e não desistiram dele, como os parceiros do mundo das drogas... *"Muitas pessoas me abandonaram, mas eles não! Isso incentiva a gente, dá força pra tentar sair dessa vida"(sic).*

Laércio relata que a maior dificuldade do preso é que ele se sente excluído do mundo e, devido à ansiedade gerada pelo encarceramento, acaba não sabendo se controlar: *"Quando a família vem, a ansiedade é tanta que o preso dá o carinho errado pros filhos, fala coisa que não deve... não sabe nem o que perguntar. O preso não sabe nem lidar consigo mesmo, quanto mais com os outros... O preso não tem educação social, apoio psicológico, não tem reeducação. É muita cara de pau chamar a gente de reeducandos! Alguém ajuda a gente se reeducar? Se houvesse um programa psicológico pra nos orientar, o preso saberia melhor como lidar com seus filhos, como falar com eles quando eles vêm aqui., como agir.... A gente tá tão desligado do mundo que coloca uma barreira... Às vezes, a mãe pede pra gente dá bronca de alguma coisa, mas como é que a gente vai fazer isso? A gente tá louco pra abraçar, pra beijar o filho"...(sic).* Laércio se preocupa com o que vai passar para sua filha, que tipo de educação vai dar pra ela...e como vai fazer para tirar dela a visão da sociedade sobre o preso: *"Como será que ela vai me ver?" (sic),* ele se questiona. Percebo que teme que sua imagem de pai fique manchada para a filha, em função de sua condição de prisioneiro. Verbaliza que poucos presos pensam em crescer, sendo que a maioria quer continuar com essa mesma vida. E continua a se questionar: *"Mas como ficam aqueles que realmente pensam em dar uma boa educação para o seu filho? Como fazer isso se ele é ansioso, ou depressivo?" (sic)*

Miguel acredita que é muito importante manter o contato com os filhos, mas a distância da residência dificulta demais esse contato. Seus familiares residem na baixada paulista, onde ele também morava antes da prisão. *"Como é que eles vão poder vir com frequência? É muito, mas muito difícil... Pra piorar, cortaram um dia da nossa visita, antes era dois dias na semana, então tinha a opção do sábado ou domingo; de um tempo pra cá tem que ser só aquele dia só e pronto."* (sic). Opina que o Estado tinha que ajudar mais nessas questões pra evitar esse distanciamento familiar: *"É onde a família vai indo, acaba desanimando..."* (sic). Percebo que se refere ao fato de muitos presos serem abandonados pelos familiares em razão das dificuldades pessoais, financeiras, além da distância. Lino comenta que *"muitas vezes os familiares não têm nem pra eles, mas mesmo assim fazem sacrifício, às vezes passam por privação pra vir aqui visitar nós e mandar sedex"* (sic). Alguns concordam com a cabeça. É possível avaliar como alguns participantes sentem-se na família – um estorvo, dando trabalho e despesa.

As questões da revista dos filhos em dia de visita são muito enfatizadas por vários participantes, parecendo ser um dos motivos de ausência das crianças na visita. Um participante explica que tem um menino de 12 anos: *"Sempre ensinei que não era pra ele tirar a roupa na frente dos outros, só pro médico. Chega aqui ele não quer ficar pelado pro guarda! É muito constrangedor, senhora"* (sic). Vários concordam. Dizem que as crianças falam muito dessa situação quando descem pro pavilhão e também quando vão embora, compartilhando com parentes e amigos. Acreditam que esse fato abala emocionalmente os filhos. Alguns argumentam que é pior para as meninas, outros para os meninos, mas alguns acreditam que tem o mesmo efeito para ambos.

Tiago comenta que não quer que os filhos venham ao presídio de jeito nenhum, pelo ambiente em si. Não sabe como os companheiros podem agir e não quer que as crianças presenciem *"coisa errada"* (sic), por exemplo o uso de drogas: *"Eu me importo com o que eles vão ver aqui dentro... é a educação da minha família... a senhora sabe, aqui dentro tem de tudo..."* (sic). Vários participantes concordam sobre a heterogeneidade da população carcerária, mas contra-argumentam sobre a pouca probabilidade desse evento específico ocorrer (uso de drogas ao lado da visita), uma vez que o "partido" (referindo-se ao "comando" do PCC) repreende qualquer conduta dessa natureza nesses dias. Um dos participantes diz que talvez ele estivesse se referindo a outra unidade prisional pela

qual tenha passado. Iniciou uma discussão um pouco mais acalorada nesse instante, porém sempre de forma respeitosa. Marques intervém: "*Senhora, em dia de visita nós temos que nos comportar. Nessa cadeia, e em várias aqui da região, tem algumas regras básicas, se eu não andar na linha, a hora que a visita for embora eu vou escutar, e não é de funcionário, isso é regra nossa mesmo. Tem que respeitar, ainda mais quando tem criança envolvida. A criança, para o preso, é o que tem de mais sagrado!*"(sic)

Outros participantes acreditam que o ambiente de cadeia pode impressionar a criança, deixá-la perturbada, ou então, no sentido oposto, pode fazer a criança se acostumar com ela, achando esse ambiente natural e que nem é tão ruim assim, a ponto de começar a admirar o crime, dizendo que quando crescer quer ser como o fulano, o ciclano, "o chefe da biqueira" (figuras do crime bem sucedidas). "*Isso pra mim não é motivo de orgulho pro meu filho, é motivo de vergonha! Se eu pudesse eu queria que ninguém soubesse disso aí*" (sic), disse Abner. Percebo que muitos se mostram preocupados com o envolvimento dos filhos no mundo do crime e das drogas. Quando pergunto sobre o que é possível fazer para evitar essa situação, Miguel refere que tenta conversar, orientar, mostrar o que é certo e o que não é, além de falar do sofrimento que é estar neste lugar, com tantas privações: "*Tento mostrar tudo o que o pai passa nesse inferno: cê quer vir parar nesse lugar? Então, anda na linha!*" (sic).

Pergunto se há outras razões que levam um preso a preferir que seus filhos não o visitem e Jessé toma a palavra: "*Senhora, vamos falar a verdade, tem pai que aprontou muito lá fora e a família abandonou mesmo, não é que ele não quer que venha não!*" (sic). Digo que é bem possível que existam muitos casos como esse, mas suponho que também ocorram outras situações...

Um dos participantes diz que às vezes é porque não quer ficar incomodando, dando trabalho: "*A gente vê que a situação já tá crítica... a gente tem que entender que a família não tá só à disposição da gente. Tem os problema deles também*" (sic).

Gilmar reflete: "*Na minha opinião é porque é mesmo um dano irreparável para a criança. Ela tem que passar pela revista, ficar sem roupa, agachar... é muita humilhação. Fora ver o pai preso. Acho que isso marca pra sempre a cabeça da criança*" (sic). Já Amauri acha que há "*muita exclusão social*" (sic). Peço que explique melhor. Ele parece se referir à exposição dos familiares que visitam o

preso, diante dos vizinhos, do patrão que precisa autorizar uma troca de folga, dos passageiros do ônibus que segue para o presídio, situações estas que se tornam motivo de vergonha e de constrangimento. Outro participante acrescenta: "*Na minha opinião é muita tristeza, senhora*" Como assim? pergunto. Ele continua: "*Na hora deles irem embora, a gente sabe que as coisa não tão bem e não pode fazer nada...*" (sic). Miguel intervém: "*É muito triste mesmo a hora de ir embora. Na hora da visita é tudo maravilhoso, mas na hora de ir embora a tristeza bate. E é pior ainda para quem fica, porque fica vários dias com aquele aperto no coração*" (sic). Outro participante diz que, às vezes, eles têm que falar que precisam ficar ali trabalhando.

Tiago verbaliza que fala a verdade para os filhos, pois acha que mentir pode acarretar um trauma para a criança: "*Será que depois eles não vão começar a mentir também? Por isso que eu falo: O pai tá preso!*"

Há uma diversidade de opiniões sobre esse assunto. Alguns participantes acreditam que o melhor a ser feito é contar a verdade para os filhos. Outros pensam diferente. Laércio opina: "*Eu acho que em relação a isso poderia ter uma orientação psicológica e social para as mães das crianças e pra nós também, sobre o que falar da prisão do pai...*"(sic). Alguns participantes pedem minha opinião, como se aguardassem uma orientação sobre a melhor conduta a ser tomada. Digo que não tenho uma resposta pronta, e acredito que cada caso é um caso e que vai depender de uma série de questões como a idade da criança, o contato que tinham antes da prisão, a duração da pena, etc. Sinto que muitos se esforçam para acertar e fazer o que for mais adequado para o bem estar dos filhos.

Neste momento, começam várias conversas paralelas. Parece que alguns estão compartilhando com o participante ao lado a forma como agem e isso acaba dispersando a discussão. Procuro trazer o grupo de volta ao nosso tema. Comento que gostaria de saber mais das experiências que os pais encarcerados vivem.

Marques relata que sua prisão teve um impacto enorme em sua vida e na da família: "*Eu acompanhava meus filhos em tudo... a gente era muito grudado (sic). Era um pai presente mesmo*". Verbaliza que sente demais essa separação. "*Essa é a pior parte da cadeia pra mim, o resto tudo eu tiro de letra. Meu filho quando vem aqui fala: pai, sinto tanta falta do seu cheiro. Ele gosta de ficar no meu colo só pra ficar sentindo o meu cheiro...*"

Outro participante disse que a separação dos filhos, motivada por seu aprisionamento, foi horrível, mas como eles já não moravam juntos há algum tempo,

foi mais fácil superar: *"Imagino que se eu tivesse morando na mesma casa que eles, ali no dia a dia, ia ser muito pior..."*

Aproveito a pausa para lançar outra ideia: Vocês acham que é possível o aprisionamento aproximar a relação entre os pais e filhos?

Laércio acredita que sim, *"porque aqui dentro você tem 12 horas com seu filho, na rua não. Na rua você fica meia hora com ele e vai fazer suas coisas... Então acontece de ficar mais com o filho quando está na cadeia, dá mais atenção..."*

Jessé comenta: *"Aqui parece que a gente passa a dar um valor diferente pra nossa família. Você passa a valorizar tudo que você tinha e a gente não percebia... Os que a gente achava que eram nossos amigos, somem..."*.

Outro participante acrescenta: *"No meu caso, a questão das drogas prejudicou muito meu relacionamento não só com as crianças, mas com a mãe deles também. Quando eu tava na rua, a droga falava mais alto, por mais que você ame seus filhos. Você larga qualquer coisa pra usar a droga... Aqui dentro, mesmo que a pessoa use – a senhora não é boba – é pra gente falar as verdade, né? (sic) É tudo muito mais controlado..."*.

Pergunto quais são as preocupações mais comuns de um pai que está preso. Jessé disse que se preocupa com o fato do filho ser cuidado por outra pessoa que pode ser *"má influência, por exemplo: a minha filha fica numa casa em que a tia é prostituta, tem outros homens... o que que eu posso fazer? Nada. Tô de mãos atadas..."*(sic).

Miguel se queixa de que não fica sabendo em tempo real das necessidades dos filhos: *"A gente fica o tempo todo preocupado com a saúde dos filhos, com o que a gente vê toda hora na TV (violência), com a dificuldade financeira. Às vezes, a gente fica sabendo o que aconteceu com eles um mês depois. Isso agonia muito a gente"*. Muitos concordam.

Tiago relata que quando estava no semiaberto algo que o preocupou muito era que quando ele ligava para as crianças, a mãe atendia, dizendo: *"Florinda, o Tiago quer falar com você (referindo-se ao pai pelo nome), ele logo corrigia: "Tiago, não! É o pai que tá falando! Que negócio é esse de me chamar pelo nome para as crianças? Eles não podem esquecer quem é o pai delas...Não é porque eu tô preso que eu não sou mais o pai deles"*. Amauri completa falando que já viu muitos casos em que a criança passa a chamar outra pessoa de pai: *"O meu mesmo, tá chamando o vô dele de pai (avô materno). Acho errado isso daí"*(sic).

Um dos participantes conta que pensa muito no que os filhos acham do atual companheiro da mãe. Silveira intervém: "*Com isso a gente preocupa mesmo, mas não tem jeito...A gente tem que se conformar com a situação do filho ser cuidado por outra pessoa e esperar até a gente sair daqui...vai fazer o quê?*"

Lino comenta que é muito ruim a sensação de ver os filhos passando por alguma situação em que talvez ele pudesse ajudar "*se tivesse ali, junto, e não posso... isso dá uma sensação horrível !!*"(sic). Pergunto que outras sensações tem um pai que está preso. Um dos participantes diz que tem a sensação "*de que poderia ter feito muito, muito mais*"... Laércio completa: "*De decepção, mas também de esperança de que vou ter tempo de ser pai*"(sic).

Tiago confessa que só não quer ser esquecido pelos filhos. Marques tem opinião diversa: "*Eu tive um relacionamento intenso enquanto estava na rua com eles. Não tenho sentimento de culpa por não ter dado a atenção que eles mereciam... não deixei faltar nada em termos de sentimento... Tenho saudade , mas não culpa! Tenho sim uma sensação de tá impotente ...e de culpa no sentido de ter feito algo que teve consequências pra eles... eles tão sofrendo as consequências dos meus atos...sei o quanto eles sentem minha falta...*"(sic).

Outro participante comenta: "*O que eu mais sinto é saudade. Ele (filho) que me dá força para aguentar o que eu passo e para eu sair de cabeça erguida. É preciso vencer. Quero continuar sendo um bom pai como fui na rua*", diz um dos participantes.

É possível ser pai estando preso? – questiono. Tiago diz que "*é humanamente impossível, muito difícil*". Jessé comenta: "*Como preso, eu procurei, né? Então tenho que assumir meus erros, mas é possível. Meus filhos não estão distantes porque eu também corri atrás e estou correndo. Vai de cada um se dedicar... Tem pai que larga mão...*" (sic).

Um dos participantes diz que "*É difícil e restrito. Restrito pela instituição, e posso responder por todos do raio*"(sic). Miguel comenta que enquanto estava na rua fez o que pôde, foi um pai presente, "*isso ninguém nunca vai poder falar, busco continuar um bom relacionamento*".

Pergunto se acham que algo pode ser feito para ajudar o preso a ser um pai melhor, e Miguel responde: "*Deixar a gente mais perto da família*". Amauri completa: "*Ter mais serviço pro preso. Isso ajuda a gente dar apoio financeiro pros filhos, e aumenta a autoestima do preso, ele pode contribuir em casa, mandar um dinheirinho*

numa época especial pra comprar um presente, além de manter a nossa mente ocupada, porque pros presos que fica tudo ocioso o que mais se ouve é, quando eu sair vou fazer essa treta aqui...vou matar um... vou roubar ali...” (sic). Percebo que eles gostariam de se sentir úteis e participativos na vida dos filhos, pelo menos em datas festivas. E Laércio acrescenta: “Educação e preparo do preso. Educação profissionalizante! Ter uma relação mais próxima dos psicólogos com as mães das crianças, pra ajudar as mães que querem vir visitar e também pra elas saber a educação que dá para o filho” (sic).

Após ter extrapolado o tempo previsto em mais de uma hora, finalizo o encontro, com bastante dificuldade pois não paravam de falar. Agradei a presença de todos e me coloquei à disposição, caso quisessem continuar a conversa, ou se sentissem angustiados, conforme já explicado no TCLE. Muitos agradeceram a oportunidade e fizeram questão de me cumprimentar dando a mão, à medida que deixavam a sala, como um sinal respeitoso de gratidão pela participação. Alguns não se preocuparam em levar o TCLE, deixando-o sobre a carteira, insisti que aquele material era deles e deveriam levar consigo. Alguns fizeram uns rolinhos com o documento. No geral, o grupo foi bastante participativo, apesar de alguns membros terem permanecido em silêncio o tempo todo. Senti que a maioria tinha uma grande necessidade de falar e de serem ouvidos. Distanciavam-se do tema da pesquisa com certa facilidade, ora com queixas sobre as condições do encarceramento, ora compartilhando paralelamente suas experiências, fazendo com que eu tivesse que retomar a proposta com alguma direção por meio de perguntas pertinentes ao tema.

Narrativas Interativas do Grupo B

PARTICIPANTE 1: 45 anos, 3ª série, 2 filhos, um menino de 10 e uma menina de 15 anos

"nossa como ela está linda. Como gostaria de vela entrando por esses portões correndo ao meu encontro gritando papai ti amo, felis dia dos pais= me beijando como seria bom.

É, mais eu tenho que cair na realidade estou preso e separado da minha família. A mãe dela nunca deixaria ela vir me ver ne um presidio. Ela acha que aqui é um lugar de monstro sem recuperação = acha que nois perdemos o amor, mais ela nem sabe que aqui eu aprendi o verdadeiro sentido do amor por uma família. Preso tambem ama pois nos somos pessoas normal."

PARTICIPANTE 2: 22 anos, 2º ano ensino médio, 1 filho de 3 anos

"pensou como seus filhos estariam naquele momento, pois era um dia especial para as crianças. Imaginou o que os seus filhos estavam pensando a respeito de um pai que se encontra ausente, e que não estaria acompanhando o crescimento deles.

Lembrou-se da consequência que o seu ato, sua atitude ocasionou à seus filhos, por ter de ficar longe por tanto tempo."

PARTICIPANTE 3: 35 anos, 8ª série, 2 filhos de 11 anos e 4 meses

"como ele seria se iria puxar pra mim ou pra mãe, se ele iria ser um filho educado, estudioso, carinhoso e amoroso. Se ele ia ter os mesmos gostos que o meu, se ele iria conseguir realizar seus sonhos, se iria ser um bom pai na sua formação. Si seria um exemplo pra sociedade, como que ele seria no seu futuro e dependente de qualquer coisa eu estarei sempre do seu lado. E torcer pra que tudo de bom de certo na sua vida. E que Deus o abençoa eternamente."

PARTICIPANTE 4: 36 anos, 1º série ensino médio, 1 filho de 16 anos

"pensou como deveria estar moço hoje aquele menino que não ve a 7 anos. Sera que ele vai se lembrar de mim, ja faz tanto tempo.

Não tenho nada pra te oferecer pensou Carlos. Não quero te envergonha meu filho.

De repente um companhero bateu nas costas de Carlos. Tem alguem que quer ti ver.

Pai, sou eu, a quanto tempo espero pra poder ti ver. Agora estou di maior e pude vim com minha propria perna. Senti muito sua falta todos esses anos. e me deu um grande abraço.

Filho, que homem bonito voce esta. Carlos não acreditou e começou a chorar. Foi só então que Carlos assustado acordou e percebeu que tudo não passou de um sonho...

PARTICIPANTE 5: 27 anos, 3ª serie, 1 filho de 6 anos

"sera que vou ter visinta, meu filho estou crom munta saundade dela não veju muinto tempo mais si Deus quise vai vim. quais 4 anos que não veiju."

PARTICIPANTE 6: 51 anos, 6ª série, 1 filho de 21 anos

"por exemplo: eu daria tudo de mim para estar com o meu filho, com a minha esposa enfim, com todos os meus familiares, não apenas nesta data que se comemora o dia dos Pais, como tambem nos dias normais e nos finais de semana mas como isso no momento não esta em minhas possibilidades eu aguardo anciosamente pelo momento oportuno o qual eu pesso a Deus para que em breve Ele possa me conceder."

PARTICIPANTE 7: 29 anos, 1º grau, 2 filhos de 7 e 4 anos

"sei que hoje voces não entende, mas um dia vao saber que o pai so queria o melhor pra voces. Cadeia não é lugar de criança. É muito sofrimento. O pai vai sair logo logo na saidinha e ai sim vou abraçar muito voces, vamo toma sorvete e ir na lanchonete. Perdoa o pai a dor que voces passa. Tudo vai acabar"

Relato do Encontro com o Grupo B

Foram agendados 13 participantes, assim como no grupo A, pelas mesmas razões já descritas anteriormente. Como o raio estava passando por um procedimento de segurança seis participantes não puderam comparecer. Todos estavam bem atentos à explicação inicial. Todos concordaram em assinar o TCLE.

Assim que terminei a leitura da Narrativa Interativa, os participantes deram início à tarefa. Armando me chamou e, discretamente, mostrou as fotos de seus filhos, uma menina de 11 anos, fruto de seu primeiro relacionamento, cuja mãe

inclusive passou pela prisão feminina quando a filha era pequena, e um menino de 4 meses, filho de uma nova companheira, que atualmente vive com o bebê no exterior. Logo me lembrei desse caso, pois ela liga com frequência para a assistente social para dar notícias da criança, e como é estrangeira, chama a atenção pelo forte sotaque e pela dificuldade com o nosso idioma. Em Janeiro, ela deve vir ao Brasil, conforme Armando referiu. Sorridente, ele parecia mostrar as fotos com orgulho. Elas estavam em ótimo estado, guardadas em um saco plástico, de onde foram tiradas com muito cuidado. Falou-me rapidamente o nome de cada filho e sua idade. Disse-lhe que as crianças eram muito bonitas e que ele estava de parabéns pelos filhos! Ele, todo satisfeito, recolhe as fotos e continua sua atividade.

Enquanto todos ainda escreviam, Saul me abordou, enquanto eu andava pela sala, para relatar particularidades do seu relacionamento com sua filha, da dificuldade de relacionamento com a mãe da adolescente. Não atrapalhou o grupo, pois falava baixo. Diferentemente do caso do grupo A (Tiago), que também me abordou enquanto todos escreviam, esse participante não me pareceu querer falar nada em segredo, apenas estava ansioso para relatar o que estava vivendo, tanto que esse assunto foi posteriormente retomado e compartilhado no grupo.

Assim que todos terminaram, mudamos a disposição das cadeiras e os questionei sobre o que acharam da tarefa, sendo Saul o primeiro a dar sua opinião: *"Nossa, a senhora quase me faz chorar escrevendo essa história"*. Por quê? pergunto. Ele responde: *"Porque foi como um filme passando na minha cabeça... muitas lembranças dos meus filhos..."*(sic). Armando completou: *"Motivou muitas lembranças pra gente, né?..."*

Outro participante diz: *"Me fez pensar a respeito dos filhos... A crise do país faz com que as pessoas não tenham emprego, e isso causa indiretamente prejuízo para as crianças...porque os pais não tendo emprego, apelam e acabam indo presos, prejudicando seus próprios filhos"*.

Pergunto como é a experiência de ser pai e estar preso. Saul argumenta: *"Sou separado, para minha mulher a cadeia é o fim do mundo, só meu pai que vem me ver. Minha filha tem 15 anos e não vem. A mãe dela teria que entender que esse é o lugar que eu estou, mesmo que ele seja o fim do mundo... Não vejo ela (a filha) há dois anos e três meses. Faz tempo que ela não me escreve, mas sei que o amor dela é notório, não tem barreira entre nós. Ela não escreve por influência da mãe, a mãe reprime, faz a cabeça dela..."*(sic).

Ozório explica que, *"quando o pai e a mãe estão separados, é mais difícil: Se a mãe não colaborar, complica"*. Já, Eli intervém: *"É, mas já vi mulher falando que não vinha em porta de cadeia trazer os filhos, aí bastou uma carta e na semana seguinte tava aí. Não é louca..."*(sic). Eli diz que *"a distancia dificulta muito a relação com o filho, parece que vai esfriando aquele contato..."* Peterson acredita que se o preso é separado da mãe da criança, o contato fica muito difícil. Informa que sua mulher, juntamente com sua filha foram embora para Pernambuco e com isso não vê a menina há quatro anos. *"Não tem o que fazer!"*

Pedro relata que é casado, mas já pediu para sua esposa não trazer os filhos, porque acha que ficam imagens negativas no pensamento da criança: *"Aqui é um lugar com muitas grades e muitos homens. Quando eu era criança fui no presídio com a minha mãe visitar meu irmão e aquelas imagens me marcaram muito, não quero isso para o meu filho. O ambiente é opressor, pode gerar traumas na criança. Já quando a pessoa está maior, aí não"*. Ozório concorda, e acrescenta: *"Tem criança que vem e é como se estivesse numa creche, fica ali jogando bola, não acho isso bom, ela tem que saber que isso aqui é um lugar de sofrimento, de dor, pra nunca cair nisso aqui"*.

Saul comenta: *"A imagem que as pessoas tem lá fora do sistema carcerário é muito ruim. Se tivesse uma maneira de divulgar que o preso tem sentimento, que ele ama seus filhos, que ele tem seu lado humano, seria bom para as pessoas não acharem que somos bichos. Pra senhora ter uma ideia, até quando chega um companheiro novo na cela que nunca passou numa cadeia, a gente vê que fica assustado. A gente fala assim: pode entrar, companheiro, fica tranquilo!"* (sic). Pedro, porém, verbaliza que tem receio da criança vir e ficar exposta *"a um monte de coisa que está fora do seu controle... você não sabe exatamente qual é o pensamento dos outros companheiros"*.

Armando tem uma experiência diferente: *"A minha ex-mulher colabora, ela deixa minha filha vir com a minha mãe. Para minha filha é tranquilo vir aqui, ela já estava acostumada, teve a mãe presa por dois anos. Nessa época, eu é que levava ela pra visitar a mãe. Quando ela vem aqui ela pede pra dormir comigo, porque sempre foi muito próxima de mim. Para mim é muito bom quando ela vem, porque posso ver que ela tá bem, converso como tá indo na escola... posso acompanhar o desenvolvimento dela, dar conselho... A mãe dela está com outro cara, mas tranquilo, porque eu sei que ele é bom. Quando ela vem (a filha), a pior coisa é na*

hora de ir embora porque ela fica pedindo: deixa eu dormir com você hoje pai". Pergunto para quem é pior? Armando responde: "Para os dois, senhora, porque ela sofre do jeito dela e eu do meu...".

Saul intervém dizendo que, às vezes, observa os companheiros que recebem visita dos filhos, e percebe que *"o difícil mesmo é na hora de ir embora, porque o filho agarra no pai e chora... e depois que vão embora o pai também fica mal. Só que aqui a gente não pode ficar demonstrando pros companheiros que tá triste, deprimido, com saudade... na nossa linguagem isso é pesar a cadeia do outro"*(sic).

Um dos participantes acrescenta: *"a criança muitas vezes não entende porque o pai não vai embora junto com ela... Às vezes fica até com raiva..."*(sic). Armando argumenta que muitas crianças vão embora já pensando em quando vão poder voltar para ver o pai. Elas já saem daqui fazendo planos... Ele diz que se depender de sua filha, ela quer vir toda semana, mas é difícil pra mãe dele trazer... ele orienta a mãe pra ficar tranquila e vir quando puder, dentro das possibilidades.

Pergunto se acham que é possível exercer a função de pai quando se está preso?

"É muito restrito", diz um dos participantes.

Outro comenta: *"Sim, dando carinho, atenção..."*

Pedro opina que é possível, mas com limitações: *"Se a criança tem afeto com o pai, ela ouve ele, aí é possível ter um diálogo"*.

"É... se a criança vier na visita, dá para passar carinho... aí ela tá te vendo ali, com contato. Também dá para manter contato por carta, dá pra falar que vão se encontrar quando sair, o que vão fazer. Eu fiquei dois anos sem ver meu filho e ele tinha contato só com o padrasto, mas ele sabe que o pai dele sou eu."

Tales comenta: *"Pra mim é impossível Eu tenho um filho... já faz 16 anos... mas nunca o vi. Quando vim preso ele nasceu. A mãe foi embora e levou a criança. Ela sumiu no mapa, não deixou rastro. Fico imaginando como ele deve ser... Tinha vontade de conhecer..."*(sic). Não chegou nem a registrar. Aproveitando esse gancho, Ozório relata que *"esse negócio do filho crescer sem o pai, às vezes pode deixar a cabeça da criança meio perturbada... meu pai separou da minha mãe e foi embora... isso gerou tipo um trauma ni mim, comecei a ir mal na escola, era muito ruim, ele nunca tava em nada, os colega tiravam sarro..."*(sic).

Saul diz que teve uma experiência muito diferente: *"Eu não tenho o que falar dos meus pais, pois eles sempre estiveram por perto, meu pai nunca me*

abandonou, nem minha mãe. Acho que eu deveria era ter tido mais a postura do meu pai. Armando completa que teve um pai muito severo e apanhava muito, "porque também aprontava, mas eu amo ele mesmo assim, não fiquei revoltado não. Eu procuro não agir assim com meus filhos, tento ser diferente, porque sei que pode gerar revolta, né? Já vi muito caso assim..."(sic).

Um dos participantes diz: *"Por isso, senhora a gente se preocupa tanto com quem tá tomando conta dos filho da gente, a gente não sabe exatamente o que tá se passando lá fora"*, diz um dos participantes.

Pergunto como é imaginar que tem alguém cuidando de seus filhos, e se eles pensam muito nisso. Eli responde de imediato: *"24 horas por dia!"*. Vários participantes se entreolham e sorriem sem graça, meio envergonhados e balançam a cabeça concordando.

Armando comenta que sempre pergunta para sua filha sobre o namorado da mãe e ela diz que não quer conversar com ele, *"mas sei que ele é tranquilo, mas tô sempre ligado, não com a preocupação de ser substituído, porque esse lugar ninguém vai me tomar, mas pra ver se ele tá andando na linha, ainda mais com filha mulher, né?"* (sic). Pedro pondera: *"Eu não me preocupo com isso. Acho que vai depender muito do relacionamento que pai e filho tinham antes de vir preso. Se existe confiança na sua parceira, esse medo não vai existir"*.

Saul comenta que sua filha chama o padrasto de tio. Seu filho também (penso que sejam de relacionamentos diferentes). E argumenta: *"Eu não me preocupo com isso não. O padrasto da minha filha não deixa faltar nada pra ela, tá sendo melhor pai do que eu. Então, o que eu posso falar? Tenho ainda que agradecer. Nem pensão minha ex-mulher pedia. Acho que eles pensam assim: deixa ele quieto lá, no canto dele, pra não vir aqui encher o nosso saco"*(sic). Todos riem... E continua: *"Mas acho que o amor é de quem cultiva"*.

Eli diz que não acha certo uma coisa: *"meu filho começou a chamar o vô (avô materno) de pai. Acho que a mãe deles tinha que ter corrigido isso ...o pai sou eu, ela tinha que falar, esse é o vô!"*(sic). Alguns participantes começam a falar de casos desse tipo que já presenciaram.

Pergunto: Vocês acham que depois de passar pela prisão é possível que alguns pais se tornem pais melhores do que eram antes?

Armando confirma: *"Sim, pois fortalece!"* E Saul ironiza: *"Senhora, essa é uma receita que eu recomendo para todos no Brasil, se vocês não estão sendo pai, vem*

preso que você vai saber ser! O mesmo para outras coisas, como comida, abraço... Você também começa a valorizar mais o tempo. O tempo não era aproveitado e agora tá sendo. Na rua eu ficava um pouquinho com minha filha e, às vezes, já corria pro bar... Aqui, até o grilo que canta a gente dá valor!"(sic). Percebo que é quase unânime a crescente valorização da família e o quanto se sentem culpados por não terem sido pais melhores quando estavam em liberdade.

Pergunto se os filhos geralmente sabem que lugar é este onde os pais estão. Um dos participantes verbaliza que algumas crianças acham que aqui é local de trabalho do pai. Armando prefere a verdade: *"A minha menina sempre soube; antes era a mãe dela que tava presa, agora sou eu. Sempre falamos a verdade. A gente ia explicando. Quando a mãe dela tava presa, ela teve até que mudar de escola, começou a ter problema com os coleguinhas... isso mexeu muito com ela, mas agora comigo aqui não, acho que ela aprendeu a lidar com isso, tá mais velha também".*

Saul comenta que conheceu uma menina que achava que o presídio era *"o asilo do vovô Alfredo"* (referindo-se ao diretor de segurança da unidade). Todos riram. Para Pedro, *"não adianta esconder. A criança, às vezes, sabe mais que o adulto. Só que na inocência ela passa a informação para frente"* (sic). Relata a experiência da filha de um companheiro de cela: *"um dia a professora perguntando da profissão dos pais a menina falou: "o meu mexe com uns bió", referindo-se à forma como a família se referia ao seu pai, "que estava envolvido com uns B.O. (forma comum de se referirem a algum delito). Aí a professora chamou a mãe pra saber o que era isso e aí acabou sabendo da verdade..."(sic). Todos riem. Pedro continua: "eu acho que é ruim não saber, porque quando descobrir vai pensar, meu pai mentiu para mim, me traiu".*

Saul fala da sua experiência: *"a gente pensava que a minha filha, quando era menor, não sabia que eu tava preso, até que numa conversa da minha mãe com outra pessoa, falou: isso aqui não pode entrar lá, tentaram disfarçar ao notar a presença da menina. Aí ela falou: vó, eu sei muito bem que meu pai tá preso ! Todo mundo ficou surpreso..."(sic)*

Pergunto o que acham que influencia o relacionamento dos pais presos e seus filhos. Um deles diz: *"A distância"*. Saul acha que a dificuldade de contato *"pesa muito, se a gente pudesse usar o telefone ia ajudar bastante! Já pensou se o filho pudesse ouvir a voz do pai, se preocupando com ele, falando pra obedecer a*

mãe, pra estudar, desejando um feliz aniversário, mesmo que fosse tudo vigiado, não tinha problema, ia fazer muita diferença". Eli acrescenta: "quando a mãe da criança fica falando: seu pai não presta, ele é isso, é aquilo.... "(sic). E Ozório conclui: "Quando há separação, isso afeta muito a criança."

Pedro acredita que *"tem preso que não sabe aproveitar a família. Quando a família vem, o preso briga. Quando a mulher não chega na hora, ele briga, ele não quer saber o que a pessoa passa fora daqui, só pensa no prazer próprio, acha que todo mundo tem que tá à disposição dele. Tem preso que acha que a mulher tem que vir toda semana, é onde ela se enche e abandona ele. Aí ele fica chupando o dedo!"* (sic) Todos riem. Pedro continua dizendo que acredita que o fato da esposa abandonar o marido é também reflexo do casamento: *"Se ele era atencioso, presente, a mulher vai dar valor e vai acompanhar ele nessa caminhada..."* (sic).

Pergunto qual a importância de se manter o vínculo com os filhos. Eles respondem, alternadamente:

"Bem estar."

"Menos sofrimento, pros dois lados."

"Trazem coragem e esperança."

"Conforta o coração."

"Comunicação, saber o que está se passando com o filho."

Para encerrar, pergunto se poderiam definir em poucas palavras qual a sensação que fica para um pai que se encontra preso. Alguns respondem:

"Dor."

"Tristeza."

"Pai ausente."

"Perda."

"Pensar no quanto a gente pode tá gerando algo negativo pros filhos".

Este grupo durou menos tempo que o anterior, porém não menos participativo. Tiveram uma boa interação, bastante descontraído em alguns momentos. Como no grupo anterior, alguns participantes quase não falaram. Tive a sensação de que um deles não estava muito à vontade no grupo, pois estava sempre bem sério. Terminado o encontro, enquanto os participantes saíam, dois deles perguntaram: "A senhora não vai chamar a gente de novo?" Expliquei que não seria necessário, apenas se desejassem. Neste caso poderiam solicitar atendimento. Talvez para eles o assunto não tivesse se esgotado naquele encontro.

Narrativas Interativas do Grupo C

PARTICIPANTE 1 : 24 anos, 1º colegial, 2 filhos de 2 anos (gêmeos)

"pensou será que ele iria vim pois ele sabia que tem 2 lindo filho e ainda não teve ao portunidade de conhecer. a unica coisa que ele sabe sobre seus filho era que a sombrancelha dele era igualzinha a sua. Intão ele comesava a imagina como é o rostinho do seus filho e que depois que ele saisse desse lugar iria registrar e tenta recoperar o tempo perdido.

Pois sabendo ele que não iria ser fácil pois seus filho estava crescendo e ainda não conhecia seu pai.

Ele ainda pensava, o presente maior que é ver seu filho crescer e a sua primera palavra torcendo para que seja papai já tinha passado, mais é só correr atrais e tento levar uma vida nova pois sua vida ao lado da sua mulher e filho iria recomeçar de novo."

PARTICIPANTE 2 : 40 anos, 8ª série, 1 filha de 20 anos

"Em primeiro lugar me bateu uma grande saudade dela e arrependimento por não ter dado o carinho e atensão que ela merecia, devido eu ter cido pai muito novo e só queria fica pra rua em buscas de coisas erada eu não vi o crescimento dela, hoje eu me arependo de tudo isso, mais de uns anos pra ka eu me aprocimei mais dela e pude sentir o que é ser pai e amar mais ela e cuidar e ter ciumes dela, mais agora que eu tava mais perto dela e vivendo junto todos os dias eu estou me sentindo um pai de verdade. Mai enfilismente fui afastado dela dinovo, justo na hora que ela mais precisa de mim.

Tenho medo de deichar ela sosinha no mundo de hoje violento. Sinto muita falta dela não vejo a hora de estar do lado dela dinovo. Amo ela e ela é tudo pra mim e purela que eu mudei minha vida. Ela e minha esposa são toda a força que eu tenho pra ficar aqui nesse lugar".

PARTICIPANTE 3: 54 anos, 4ª série, 4 filhos de 34, 32, 29 e 28 anos

"no tempo que perdeu de se divertir com seus filhos, de fazer suas vontades, de cuzinhar, levar para escola ou creche, do aconchego para dormir a saudade era imensa e na sua imaginação olhava para o portão esperando que viece um familiar

com os filhos para matar a saudade, mas a espera é dolorida a ansiedade tomava conta dele. nunca tivera visita mas sempre esperava que algum dia viria alguém. mas o dia foi passando e nada. e parou um amigo e comentavam sobre filhos como tudo que se perde estando preso e o amigo também tinha fotos dos filhos que não via a muito tempo sem notícia derrepente a surpresa o portão se abriu e lá estava seu filho mais velho e sua esposa o coração chegava a sair pela boca, louco de felicidade e conversaram bastante e mataram a saudade e ele comentou com a esposa sobre o que é o sofrimento de esperar a visita e não vir ninguém e na hora de despedir é triste."

PARTICIPANTE 4: 21 anos, 1º ano ensino médio, 1 filho de 5 meses

"como que eu queria estar do seu lado filho, acompanhando o seu dia-a-dia no seu crescimento, estando presente no seu desenvolvimento a saudade dói de poder querer estar do seu lado e não ter nenhuma saída, eu queria ser um pai presente para que voce tenha um conforto de um pai do seu lado para que voce seja mais feliz, que eu possa estar do seu lado em todas as dificuldades que voce poderia passar meu filho, mais logo-logo eu estarei do seu lado ti dando um apoio de pai, eu sei que voce deve sentir muita minha falta, mais o tempo que eu estou perdendo aqui eu vou reconquistar tudo de novo meu filho e a gente vai ser uma família reunida na presença de Deus e vamos ser uma familia muito feliz. Te amo filho."

PARTICIPANTE 5: 43 anos, 6ª série, 1 filha de 17 anos

"Tudo vai dar certo e com a ajuda de Deus serei um bom pai e marido.

Estou com benefícios montados... vou sair e dar muito valor a minha familia.

Nisso abre-se o portão e a gaiola se movimenta.

Carlos olha e vê seus filhos vindo o visitar. Um dia lindo. Carlos comenta sobre mudanças, amor, e sente-se que aqueles dias de prisão vai passar e fará sua família feliz.

Ganhou sua sonhada liberdade e foi ser feliz com sua família, que teve muitas dificuldades com a ausência de Carlos... Assim como Carlos, espero e vou ter uma oportunidade assim, e viver uma vida normal."

PARTICIPANTE 6: 49 anos, 5ª série, 6 filhos de 31, 18, 22, 1, 4 e 4 anos (gêmeos)

"como era si ele não estivesse preso naquele dia tão importante que era o dia dos pais. Pois ele gostaria que tudo voltasse atrás. Porque seu filho estava prezando muito dele mais como tinha essa barreira que o impedia, só restava ora a Deus para que tudo desse certo e eles fossem felizes para sempre."

PARTICIPANTE 7: 25 anos, 7ª série, 3 filhos de 7, 5 e 3 anos

"Bom como eu gostaria muito que meus filhos vissem com minha esposa. É Deus que eu tenho pensado um pouco mais hoje eu não estaria aqui, hoje eu estaria junto com minha família em um parque se divertindo, brincando muito e principalmente eu estava matando minha saudade do pai. Bom depois de alguns anos como meus filhos vão me receber. Eu peço pra Deus abençoe minha família e que eles nunca esqueçam do minha presença do pai. Hoje eu sou um pai com os pensamentos de um pai de família, pois eu não vejo a hora de poder acordar e dormir com eles. Bom um dia tudo vai acabar em nome de Jesus, aí eu vou dar valor em tudo isso que eu aprendi. Bom, com licença pensamento, minha família chegou. Vou curtir eles. Obrigado meu Deus, você ouviu meus pensamentos. Vai ser um dia perfeito, feliz e com muito amor e carinho. .. Obrigado atenção."

PARTICIPANTE 8: 39 anos, 8ª série, 3 filhos de 17, 4 e 3 anos

"Estava bem trabalhando registrado com carteira assinada dando o melhor e do melhor para meus filhos.

Agora me encontro neste lugar, nesta situação com muita tristeza porque depois de dez anos do processo o qual fui réu confesso não tinha tanto compromisso com família, ainda era solteiro o juiz mandou me prender (agora!). E aí dói de verdade pois nem o auxílio reclusão consigo receber para ajudá-los, sofro muito porque não estou do lado de minha família.

Paguei INSS tanto tempo e agora meus dependentes estão passando necessidade financeira e psicológica porque não viram eu fazer nada para vim preso apenas a rotina da casa para o trabalho. Mas tenho fé que Deus está no controle de tudo! (Amém)"

PARTICIPANTE 9: 66 anos, 4ª série, 4 filhos de 14, 43, 40 e 28 anos

"Como dizer em pensamento quanto tempo perdido eu estou perdendo aqui neste lugar que não me leva a nada, dando trabalho para esta família que eu criei com tanto zelo, mas ainda me conformo porque eles todos me amão e da toda assistencia que eu prexigo de todo coração porço eu sempre trabalhei e sempre quiz o melhor para minha família mas infelismente cai no trafico de drogas mas peço a deus que nunca mais."

PARTICIPANTE 10: 37 anos, 8ª série, 4 filhos de 16, 15, 13 e 7 anos

"como poderia ver meus filhos no dia de hoje. A saudade é(grafia incompreensível). Mas sei que não poderei velos hoje até porque meus proprios filhos não estão autorizados a me visitarem pois são menores e a mãe deles não está mais comigo e mesmo sendo amigo da mãe deles mesmo tendo autorização para que eles me visitem não poderei velos por tamanha burocracia do sistema pois eles não estão no nome da minha companheira atual então passarei este dia dos pais pençando neles e torcendo para poder estar com eles assim que(grafia incompreensível). Sei que o estado não está nem aí para o amor que eu sinto por meus outros trez filhos. Só porque não estou com a mãe deles não quer disser que deixei de amalos, mas minha linda filha poderei ver pois a mãe deles esta comigo e ela podera visitar. Quanto aos outros trez mandarei abraços e beijos . Eles sabem que eu os amo e que não nos vemos por miras burocracia. mas eles sempre serão meus filhos o estado nunca vai mudar essa historia e sempre os amarei. Para o estado eu sou mais um numero, mas para os meus filho serei sempre os pai deles..."

PARTICIPANTE 11: 44 anos, 6ª série, 5 filhos de 12, 8, 14, 14 e 7 meses

"Gostaria que os meus filhos estivessem ao meu lado porque sei que eles sentem saudade de mim como eu sinto deles.

Graças a Deus faltam 5 meses pra mim sair e não vejo a hora de estar ao lado deles dando amor e carinho porque aqui nesse lugar é triste viver longe de quem a gente ama.

Pretendo sair e viver junto com eles dando amor e carinho. Porque é triste o dia de visitas a gente ver outros pais brincando com os seus filhos... a gente tinha

vontade também daquele momento que os meus estivessem junto comigo... dá muita saudade."

PARTICIPANTE 12: 39 anos, ensino médio completo, 2 filhos de 13 e 18 anos

"Se eu pudesse ter feito tudo diferente. Que saudades que da quando abre a gaiola. Será que ela vai entrar por aquele portão e eu vou poder abraçar e dizer que saudade dando aquele abraço bem apertado e um eu te amo bem grande. Vai se passando a visita, oro a Deus para que não chegue o almoço, pois enquanto o almoço não chega ainda há esperança.

As horas vão passando como se o relógio fosse contra o meu favor. A tristeza vai aumentando, o desespero, mais tenho que ser forte, é só mais um dia de visita, minha rotina continua amanhã. Tenho que recomeçar quem sabe uma carta que não chega, ou uma notícia que não vem, espero que ela esteja bem e que no próximo dia de visita eu possa esperar mais uma visita..."

Relato do Encontro com o Grupo C

Todos concordaram em assinar o TCLE e, logo, partimos para as N.I. Um dos presos informa ter deixado seus óculos na cela, pois não imaginou que fosse precisar deles neste encontro e não conseguia enxergar o texto e realizar a atividade proposta. Quando perguntei se ele gostaria que a assistente o ajudasse, ele concordou. Ele ditava e a assistente escrevia. Contudo, antes de começar sua história apresentou à assistente queixas sobre a dificuldade de sua família vir visitá-lo, pois a esposa mora no XXXX e foi recapturado pela polícia (fugitivo). Sendo assim, não receberia qualquer visita até o final do cumprimento da sua sentença.

Aos poucos os participantes entregavam suas N.I.; o último a entregar foi Elias, que verbalizou: *"Esse Carlos aí sou eu, e essa história que eu escrevi é a minha vida..."*

Assim que afastaram as carteiras e se acomodaram em círculo a pesquisadora perguntou ao grupo o que acharam da tarefa. Nestor é o primeiro a responder: *"Senhora, é como se tivesse vindo um flash na minha cabeça do que acontece com a vida da gente... Eu também me pego olhando foto desse jeito aí da*

história e aí eu me transporto... Alguns participantes relataram que fazem exatamente como o personagem Carlos, com as fotos dos filhos nas mãos: "A gente fica olhando muito as fotos dos filhos. É o que a gente tem, né?"

Fabício comenta que achava que Carlos não receberia visitas e, assim como ele, "ficaria só na saudade, pensando nos filhos; no momento não veria os filhos crescerem e não acompanharia os seus primeiros passos, nem os veria dizer a primeira palavra". Diz que seu desejo é sair e recomeçar tudo de novo para recuperar o tempo perdido. Elias intervém e diz que já pensou o contrário, porque Carlos segurou as fotos do mesmo jeito que ele agarra as dele em dia de visita, mesmo sabendo que os filhos vêm. Neste momento, começa a chorar. O participante ao lado coloca uma das mãos em seu ombro, em sinal de solidariedade. Aguardo e, em seguida, pergunto se está tudo bem. O grupo parece ter ficado sensibilizado. Elias se desculpa e continua: "Sou chorão mesmo, quem me conhece lá no raio sabe" (sic). Conta como suas filhas, já adultas, o ajudam e são importantes na sua vida, e como tem sido sofrido o afastamento familiar.

Os participantes começam a falar da importância do suporte familiar. Um deles relatou que o apoio que recebeu dos filhos e da esposa foi fundamental para que enxergasse a realidade de sua vida e de suas antigas amizades: "às vezes a gente acha que tem um milhão de amigos... quando você tem casa e carro, todo mundo se apresenta, mas na prisão não aparece ninguém pra trazer uma sacola".

Nestor refere que já cumpriu pena anteriormente por dois anos. Quando saiu, conseguiu abandonar o crime, trabalhou como pedreiro e chegou a prestar serviço para grandes empresas, com reconhecimento profissional: "Tava registrado, constituí família, filhos, mas depois de 10 anos do crime é que veio essa minha condenação" (sic). Explica que estava em uma nova fase de sua vida, feliz e não se conforma com a prisão. Conta que se entristece diante da impossibilidade de ajudar financeiramente a família, ainda mais que era contribuinte do INSS. Reconhece que a nova família foi fundamental como suporte para viver essa nova vida, "sem luxo, com humildade". Tem um filho de 17 anos, fruto de um relacionamento anterior, que está na FEBEM e outros dois (de 3 e 4 anos) com a atual esposa.

Josemar relata uma experiência semelhante: "Minha condenação veio 11 anos depois do meu B.O" (sic). Diz que sua grande preocupação é saber como vai ser quando sair daqui: "pode ser que tudo volte ao normal, ou não!" (sic). Fica aflito diante da possibilidade de perder tudo que levou anos para reconquistar: a

aproximação de sua filha, que não foi fácil, esposa, emprego: "*Se eu perder tudo, onde vou me apoiar? No crime? Eu não quero mais isso pra mim. Quando eu tava nessa vida (do crime) era diferente, mas isso foi há muito tempo atrás*"(sic). Refere que na época do delito tudo o que ele queria era "*fama, mulherada, dinheiro, carrão*"(sic), mas que ao longo de todos esses anos mudou muito. Afirma que se desiludiu com essa vida, em grande parte devido à atitude de muitos companheiros: "*os parceiros são muito bons enquanto você tem as coisas, depois que você vem preso eles somem... nem pra escrever uma carta*".

Davi comenta que o preso que não tem família para dar um suporte, fica numa situação muito difícil. Pontuou sobre a falta de oportunidade de estudo e trabalho nos presídios e sobre a dificuldade de se manterem ocupados, para a "*mente ficar mais tranquila*"(sic).

Fábio relatou que enfrenta uma situação complicada com os filhos. Apesar de ter um bom relacionamento com a ex-esposa, esta não pode trazer as crianças porque não está cadastrada em seu rol de visitas, pois ele já tem uma nova amásia. Explico que caso ela autorize, outra pessoa poderá trazer as crianças, como por exemplo sua mãe ou outro parente, ou até sua atual amásia. Ele explica que ela autoriza os filhos a visitá-lo, mas não tem quem os traga: "*Minha mãe não vem na cadeia porque tem um problema na perna e pra minha atual mulher ela não vai dar essa autorização... Olha que situação!*"

Fabrizio contou que já estava na rua há dois anos fora do crime, trabalhando na roça, com a esposa grávida, e faltando pouco tempo para o filho nascer, mas voltou a ser preso. Ele mencionou ter tido filhos gêmeos, mas não os conhece, além da esposa também estar presa no momento. Busca orientação de como deveria proceder para ver as crianças. Esclareço que somente quem tiver a guarda dos filhos poderá autorizar essa visita. Percebo que os prisioneiros tem muitas dúvidas burocráticas, estão bastante desorientados, e buscam esclarecimentos.

Elias comenta que se considera uma pessoa abençoada por Deus. Tem muito apoio dos familiares, especialmente dos filhos. Está casado há 43 anos, mas quando estava com 51 anos de idade, "virou a cabeça" e "amigou" com uma menina de 21, tendo um filho com ela. Esta jovem faleceu quando o bebê tinha 1 ano e 1 mês de idade. Os familiares da falecida queriam levar o bebê, pois achavam que ele não teria condições de cuidar da criança. A ex-esposa assumiu os cuidados desse menino e, hoje, é ela quem o traz para visitar o pai.

Pergunto quais são as preocupações de um pai que se encontra preso. Fernando relata que tinha uma convivência muito próxima de seu filho quando estava na rua, mas há um ano não o vê. Ele estava com três anos de idade. *"Eu tenho muito medo que ele me veja como um estranho"*(sic). Acredita que terá de reconquistá-lo. Fábio parece se identificar com a opinião do companheiro. Teme que o distanciamento dos filhos "esfrie" o relacionamento e, com o tempo, seja esquecido pela filha: *"Periga, quando eu ver ela, ela nem me reconhecer"*(sic). Vários participantes parecem compartilhar essa preocupação, haja vista o longo tempo que estão afastados da família.

Fabrício, o pai dos gêmeos, comenta que soube, pelo seu irmão, que seus filhos já estão falando papai. *"Mas tão falando pra quem, senhora? Eles nem me conhecem. A gente fica imaginando coisas..."*(sic). Que coisas? pergunto. Ele responde: *"Ah, não sei senhora.. e dá uma risadinha."* Percebo que Fabrício teme que seu espaço enquanto pai seja tomado. Pergunto se é frequente os pais terem esse tipo de preocupação. *"Eu tenho!"*, disse um participante. *"Eu também!"*, confirma outro. Josemar diz que às vezes não consegue nem dormir pensando nisso. Fábio intervém dizendo que acha que todo mundo que está ali pensa nisso, *"só que se a gente não se esforçar pra desviar esses pensamentos, fica louco!"*(sic).

Nestor disse que sempre foi um pai muito presente (penso que esteja se referindo aos dois filhos mais novos, do atual relacionamento), levando os filhos na creche, no médico, onde precisasse, e quando foi preso, a polícia o tirou de casa, enquanto os filhos dormiam. Quando acordaram, ele simplesmente tinha desaparecido: *"Pra eles eu sumi do dia pra noite. Eles pediam pra mãe deles me devolver..."*(sic). Depois de três semanas vieram visitá-lo e parece que perderam a confiança nas pessoas; *" não conseguiam acreditar em mais ninguém, nem na mãe, nem na avó"*. No primeiro dia de visita na cadeia, Nestor relata que eles ficaram paralisados quando o viram, com os olhos lacrimejando e o nariz escorrendo, *"nem se moviam, não sei o que tava passando na cabecinha deles"*(sic). Explico que quando nada é explicado para a criança pequena, ela pode começar a fantasiar muitas coisas do tipo meu pai me abandonou, não gosta mais de mim... O participante continuou dizendo que a esposa não explicou nada para eles, e quando *"os filhos viam a mãe sofrendo queriam cuidar, dar remédio. Não entendiam porque ela só chorava. E eles perguntavam quando o papai ia voltar para casa. Eles ficaram um tempão sem acreditar na mãe. Depois com o tempo passou"*(sic).

Pergunto ao grupo se os filhos sabem onde estão e como eles lidam com isso. Josemar diz que a filha dele sabe por que “já é grandinha” (sic). Ele diz que sente vergonha pelo que ela está passando; ele pensa nos comentários que ela ouve, ou mesmo acusações de amigos, falando que o pai dela é ladrão: “Ela deve estar sofrendo muito porque já tem 20 anos”.

Outro participante afirma: “Eu imaginava que minha filha pensava que eu estava trabalhando. Mas em uma das saidinhas, ela disse: Pai eu sei que você está preso”. Ainda assim, imagina estar sendo difícil para a filha interagir com os outros sabendo que o pai está preso: “eu também sei que ela sofre por eu estar ausente em várias situações como reunião dos pais, aniversário. Eu sei que é muito difícil pra ela”.

Elias diz que seus filhos já eram grandes quando foi preso. Mencionou que a filha trabalhava em uma empresa multinacional e perguntou se o pai tinha coragem de buscar drogas na Bolívia. Quando ele respondeu que sim, a filha disse: “Então tá aqui tua passagem”. A partir daí começou a traficar, foi preso, ganhou a liberdade e repetiu tudo de novo. A filha fez o “pé de meia” (sic) enquanto ele foi preso. Os filhos já eram grandes e já sabiam o que era uma penitenciária. Os netos sabem o que é, mas não falam sobre isso... Elias acrescenta que tem um filho preso em XXXX e o genro preso em XXXX.

Fábio também achava que a filha não sabia que ele estava na cadeia. Surpreendeu-se quando ela confirmou que sabia, mas teve a preocupação de tranquilizá-la, dizendo-lhe que independentemente da situação seria sempre seu pai.

Assim como no grupo A, me perguntam o que eu os aconselharia a fazer, no sentido do que falar para as crianças sobre o aprisionamento paterno. Da mesma forma, respondi que não tinha essa resposta pronta, e que dependia de uma série de fatores.

Em seguida, pergunto como é a relação de um pai preso com seus filhos. Fábio acredita que é muito difícil ter participação na vida dos filhos quando não se tem contato. Fica preocupado ao escutar as notícias do mundo e não poder estar lá para acompanhar os filhos, e ajudar em qualquer coisa que precisem. Fica imaginando quando eles chegarem da balada, começarem a namorar, se o namorado for agressivo, pensa sobre o uso de drogas.

Josemar relatou que ele vivia bagunçando na rua. Depois que se reaproximou da filha pôde acompanhar seu crescimento, levava e buscava no serviço, na escola, era bastante participativo. Hoje diz que se sente limitado, de mãos amarradas, pois não sabe o que está acontecendo lá fora.

Nestor comenta que ensinou o filho mais velho a dirigir com oito anos de idade e, quando este já tinha uma certa idade, começou a ajudar o tio que trabalhava em um desmanche de carros: "*O que ele viu, acabou iludindo ele...*"(sic). Hoje está na FEBEM. Enquanto Nestor estava solto, informa que foi visitar o filho na instituição para menores: "*Dei muitos conselhos pra ele, ele chorou muito, só que logo em seguida eu é que voltei pra cadeia*"(sic). Diz que sente falta por não poder estar dando um suporte nessa hora. Comenta que muitos familiares estão envolvidos no crime, como seu tio que mora em XXXX, seus dois irmãos mais velhos que foram mortos. Conclui que "*não compensa viver essa vida de ilusão e riquezas e ganhar dinheiro fácil na criminalidade*". Voltou a dizer que estava trabalhando como servente de pedreiro, e que aprendeu que é possível ser feliz com pouco.

Jonas, um participante bem jovem, aproveitou esse gancho e se mostrou bastante preocupado por não conseguir ser um modelo de referência para o filho quando este for mais velho: "*Senhora, hoje meu filho é bebê, mas tenho medo de quando ele crescer ele não me respeitar por causa do meu passado...tipo assim, eu não ter autoridade com ele pra chamar atenção de coisa errada...ou ele me dizer: quem é você pra me falar isso...?*" (sic). Perguntou o que eu achava disso. Disse-lhe que acredito que tudo vai depender de como for a vida dele daqui para frente. Caso a criminalidade faça parte de seu passado, ele poderá falar da experiência negativa que teve, das consequências que gerou, e do alto preço que teve que pagar. Isso poderia servir de alerta para o filho. Entretanto, caso essa rotina perdurasse, ficaria mais difícil.

Jonas continua, dizendo que quando foi preso orientou a companheira a não trazer o filho no presídio, pois achava que não era bom um bebê tão novinho vir nesse lugar. Propôs que se comunicassem através de cartas: "*Ela até escreveu algumas vezes, mas aí sumiu...me abandonou... agora não recebo nem carta nem nada há cinco meses*"(sic). Elias confirma o valor das cartas: "*é um tipo de suporte pra aguentar isso aqui*", referindo-se à solidão do cárcere. Relata que sabe da vida

sacrificada das filhas, sendo a carta o recurso que utilizam para manter contato próximo. Explica que as recebe com frequência, e que chora "*igual bobo*"(sic).

Reimar comenta que as cartas são tudo que ele tem. Então é uma alegria quando chega alguma: "*A carta é a presença de quem não tem visita*"(sic).

Para Fábio a correspondência é o canal para os pais participarem e interagirem com seus filhos, já que seus filhos do primeiro relacionamento não conseguem vir visitá-lo. Contudo, avisa que "*quando elas demoram, acabam prejudicando o relacionamento entre eles, porque ficam sem sentido*". Acha muito importante poder participar da vida das crianças, especialmente em datas festivas, como o aniversário, o Natal, o Dia das Crianças através das cartas, já que não é possível enviar nenhum tipo de presente da cadeia, seja um trabalho manual, uma bola ou uma caixa de bombom do pecúlio.

Começam a discutir algumas regras da prisão, opinando sobre o que acham injusto, distanciando-se do tema proposto. Na tentativa de retomar a proposta daquele encontro, pergunto ao grupo se é possível que um pai se torne melhor depois do aprisionamento. Marcelo logo responde: "*Ó!! Lá fora tudo distrai a gente, a gente não gasta tempo com a família*".

"*Difícil, hein senhora?*", Davi discorda: "*O que é que eu tô podendo fazer aqui? Tô é dando despesa e preocupação pra família, e ainda não ajudo em nada*"(sic). Já, Jonas acha que aqui eles dão muito mais valor para os que estão na rua. Diz que quando estão soltos não conseguem ver que família é tudo na vida. Hoje vê o que os pais passam para vir visitá-lo: "*Muitos vêm às cinco da manhã ou viajam longe de outras cidades, carregando sacola pesada³ e eles sofrem mais do que nós, tudo eles ficam preocupado. Se vê alguma notícia na TV, então...*"

Pergunto qual a importância do contato com os filhos. Um dos participantes explica que é para saber como eles estão e poder acompanhar o desenvolvimento deles, mas também para orientar a procurarem pessoas que possam ajudá-los, no caso de necessidade. Davi afirma que é bom para a autoestima do preso ver que os filhos estão bem: "*Isso acalma o preso, ajuda ele a tirar a cadeia*". Diz que "*mente vazia é oficina do diabo*" (sic). E que quando sabe que tudo está bem em casa, consegue passar os dias mais tranquilos, se alimentar e dormir bem.

³O participante se refere ao Jumbo, que é o apelido dado ao conjunto de produtos que os familiares encaminham aos detentos, tais como roupas, alimentos e artigos de higiene pessoal. Cada estabelecimento penal tem uma lista de itens que são permitidos.

Elias considera que filho é "*sangue do sangue*", então não pode perder contato. "*É diferente de esposa...*" (sic). Disse que às vezes fica preocupado pensando "*será que eles não estão omitindo algo para não deixar eu sofrer?*" (sic)

Nestor acredita que ele "*é a cruz e a família (esposa e filhos) são a rodinha pra levar a cruz*". Diz que só tem que tomar cuidado para não sobrecarregá-los, caso contrário "*a rodinha quebra e a cruz poderá afundar e formar um buraco*". Também considera fundamental que os filhos sejam ouvidos. "*Quando eles vêm aqui eu procuro em primeiro lugar escutar muito o que eles tem a dizer*". Relata que tem prazer em ouvi-los contar as novidades e os acontecimentos lá na rua. "*Todo o resto é depois*" (sic).

Davi considera que o contato é muito importante pros filhos também. "*Os meus ficam desesperados pra vir... a mãe deles diz que é difícil explicar pra eles que cada fim de semana a visita é num dia diferente. Eles pensam que é todo sábado, ou todo domingo... aí eles ficam impossível*".

Fábio refere que acha bom para o filho amadurecer e conhecer esse lugar de sofrimento.

Para finalizar, pergunto se eles poderiam definir em poucas palavras qual a sensação de estar preso e ser pai?

Nestor: "*Amputação*"

Fábio: "*Tristeza*".

Josemar: "*Insegurança e Impotência*".

Davi: "*Dificuldade*".

Elias: "*Uma coisa ruim*".

Fabício: "*Incapacidade*"

Agradei a presença e a participação de todos e, mais uma vez, coloquei-me à disposição, caso precisassem. Embora este grupo tenha sido bastante participativo, alguns participantes permaneceram em silêncio.

Narrativas Interativas do Grupo D

PARTICIPANTE 1: 41 ano, 8ª série, 3 filhos de 17, 13 e 8 anos

"Pensou na ausência deles naquele dia... E conseqüentemente sentiu saudades. Pior ainda que à saudade, é saber que seus filhos são "vulneráveis" à alguns riscos ou perigos tais como: violência, agressões, sentimentos de revolta, falta de orientação, privações de certos bens de necessidades pessoais, riscos estes que poderiam ser sanados, se houvesse à presença no lar da figura paterna.

Sabendo que em alguns casos, estes problemas foram gerados por outras pessoas e não propriamente pelo indivíduo.

Eu me refiro, no caso de sentenciados que foram condenados e presos por crimes que não cometeram e que Por equívoco foram considerados "culpados".

...Por alguém ter como base o seu passado, e desconsiderar os relevantes elementos presente no fato que indicam contradições na acusação....Em resumo tanto o preso como à Justiça, devem-se "auto reformar" nas: ações, opiniões, valores, conduta, moral e na conscientização de que todos são parte da solução!"

PARTICIPANTE 2: 22 anos, 1º grau, 1 filhos de 7 anos

"Bom quando eu olhei para aquela foto senti um aperto, no fundo do coração. Pensei, estou preso minha filha está crescendo, eu não estou ao lado dela, quando ela mais precisa.

Mas eu vejo um lindo sorriso que reflete alegria, saúde, amor.

Pois você é meu refúgio neste lugar.

Por isso, que sou esse Pai cheio de fé no coração. Te amo muito Filha.

O amor que sinto por você não tem preço."

PARTICIPANTE 3: 30 anos, "nunca estudou", 2 filhos de 11 e 10 anos

"Senti saudade dos filhos, pois faz cinco anos que não vejo elas. Minha mãe não tem contato com a minha sogra porque não se bate a família.

A guarda tá com a sogra, pois a mãe batia muito nelas.

Mas espero sair daqui pegá elas de volta para dar o carinho que não dei até agora, o amor de pai.

Faz cinco anos que estou preso.

Espero que elas me perdoem por estar cinco anos ausente, cinco natalis sem poder dar um presente para elas."

PARTICIPANTE 4: 31 anos, 3º grau, 1 filho de 11 anos

"Puxa vida, como deve estar minha filha neste momento, eu acredito que ela está bem e com muita saúde e também com muita saudade de quando nós brincávamos juntos.

Eu espero que ela esteja indo bem na escola, para não passar por tudo que eu estou passando, pois quero que ela cresça, e seja uma grande profissional e que conquiste todos os seus objetivos.

Pois hoje eu poderia estar ao lado dela mas os destino por um tempo atropelou os meus sonhos mais eu creio que vou conseguir realizar todos os sonhos que tenho com minha filha com muita fé em Deus vou poder educá-la e também vou poder mostrar o caminho certo para ela seguir."

PARTICIPANTE 5: 30 anos, 1º colegial, 1 filha de 12 anos

"Pensou o quanto ele perdeu no crescimento dos filhos o quanto ele poderia ter mudado e não mudou.

A saudade apertava e cada gaiola que se abria Carlos ficava com o olhar fixo esperando o reencontro com os filhos. É triste viver ausente dos filhos nas festas de final de aniversário, dia das crianças. Mas os filhos de Carlos sabem que ele ama demais e nunca vai deixá-los. E com todo esse sofrimento que Carlos está passando por não ter seus filhos diariamente do seu lado. Carlos aprendeu que a dor da saudade de quem amamos não tem preço. E tudo que Carlos quer é sair viver uma vida digna do lado dos seus filhos poder dar um futuro de orgulho para eles.

Ser um exemplo para eles: os pensamentos de Carlos nesse domingo. Até breve. Fim !!!"

PARTICIPANTE 6: 33 anos, 1º ano ensino médio, 2 filhos de 12 e 11 anos

"Olhando para aquela foto senti muita saudades dos meus filhos, e um grande arrependimento por tudo que fiz que acarretou a minha vinda para o cárcere e hoje

aqui longe a quatro anos de meus filhos penso no valor sentimental e amoroso que tenho por eles e a vontade de sair daqui e dar um forte abraço neles e chama-los de meus filhos e ouvirem eles me chamar de pai e dar continuidade em minha vida em meio a sociedade e ser um verdadeiro pai e dar muito amor e carinho que eles merecem e acompanhar essa natureza linda do coração de Deus nos presenteando com partes de nós que se formam em filhos assim então vivermos o dom da vida e desfrutarmos juntos em família do que a vida tem mais belo a oferecer não vejo a hora desse meu sonho se tornar realidade e voltar para casa junto dos meus filhos e começar a escrever uma nova história, fazer meus filhos felizes e ser feliz ao lado deles e que o verdadeiro significado das palavras pais e filhos floresça em nossas vidas e possamos viver pro resto de nossas vidas unidos no verdadeiro amor de Deus em nossas vidas".

PARTICIPANTE 7: 31 anos, 8ª série, 4 filhos de 18, 15, 10, 13 anos

"Carlos olhava seu filho como se tivesse olhando ele a primeira vez naquele lugar.

Em um só momento ele só tinha em suas pequenas lembranças seu lindo e amado filho aquela criança pequena e alegre. Mais uma voz te trouxe divouta naquele lugar, era seu amigo te chamando pra joga domino. sem palavras pra responde sin ou não se virou e olhou com seus olhos cheios de lagrimas e lhe pediu um abraço e chorou.

Muitas pessoas achão que um reiducando não se lembra dos seus filhos neste lugar mais mal sabe que todos seres umanos sem feito das mesma carne. so quem vive e sente a falta de um filho ou de um entiado sabe o quanto doe. muito obrigado todas as pessoas que estão neste progeto sam com estas atitudes que teremos um pais melhor.

Amor traz amor.

Guera traz guera.

Paz traz paz."

PARTICIPANTE 8: 39 anos, 3ª série, 5 filhos de 6, 11, 15, 15 (gêmeos) e 16 anos.

"Carlos lembro das horas gostosa que brincava com ceus filhos ele deve te imaginado que pordia esta na sua casa, mais vivado homem neste logar e difiso,

uma vida de saudade de tristeza de alegria normetaniha [momentânea] nais quando senga estas fartas [cartas] dentro deste loga faiz minha nente é lá fora, gosto muito destas perto por que é nelas que neus filhos vem me vê."

PARTICIPANTE 9: 25 anos, 1º colegial, 3 filhos de 7, 6, e 10 meses.

"Eu lembro muito dos meus filhos pois aqui nesse lugar passa de tudo na minha cabeça lembro do dia que eles nascerão pois tava banho tava carinho atenção tava amor de verdade pra eles. quando vim preso nesse lugar ai meu castelo caiu porque vê sua filha que voce ama passa por tudo isso é uma dor demais. Pois ficá com ela alguns minutos pra mim é pouco demais. sabê que sua filha fica a madrugada inteira no frio ou no calor pra vê voce nesse lugar não é o que eu queria pois sofro todo dia. Penso neles 24 horas pois são tudo o que tenho na minha vida e depois que está acabando a visita fica mais difícil porque não é fácil vê sua filha ir embora pois pra nois que é pai eu queria ficar todos os dias do lado deles sem ter que vê meus filhos ir embora chorando."

Relato do Encontro com o Grupo D

Quando pergunto o que acharam da atividade, Onofre diz que foi tranquilo. Pietro comenta que percebeu que Carlos tinha uma expectativa de que alguém viria para a visita. Onofre discorda, pois se Carlos achasse que a família viria, ele não teria se afastado das outras pessoas e se encostado num canto. Rubens já achou que Carlos era uma pessoa que tinha visita, mas por alguma razão deixou de ter, e a única coisa que ficou foram as fotos, a lembrança, "*e pra ele contentar seu ego ele ficava olhando as fotos, pra tentar preencher um vazio que ele sabia que não ia ser preenchido com a presença*". Ficaram mais alguns minutos expondo a percepção de cada um sobre a história de Carlos.

Em seguida, proponho que o grupo me ajude a compreender como é a experiência de ser pai e estar preso. Aníbal comenta que para ele é uma decepção muito grande. Reconhece que das quatro unidades por que passou nunca quis que seus filhos fossem visitá-lo, porque acha que é um clima muito pesado. Peço para me explicar um pouco mais como é esse ambiente pesado. Diz que são várias as

situações: em primeiro lugar, acha que depende da idade dos filhos: "*eu tenho filhos pequenos...acho que isso pesa*"(sic). Informa que tem quatro filhos, "*dois de sangue e dois não*". Acredita que vir numa cadeia é uma marca que ninguém nunca mais esquece, nem adulto nem criança: "*É como um pai que leva o filho para um campinho de futebol pela primeira vez. O filho nunca mais esquece... ele vai tá velhinho e vai falar: lembra, pai? Já com a esposa é diferente. A minha segunda esposa vem, mas meus filhos não*". Aníbal apresenta justificativas mostrando os vários riscos que uma cadeia oferece. Argumenta que o primeiro deles é para a saúde, por não ser um ambiente com uma higiene adequada, acha que "*por mais que o reeducando limpe a cela, é um lugar que tem muita gente doente, muita tuberculose, doença de pele*". Outro motivo diz respeito ao constrangimento da revista: "*Isso é muito pesado, especialmente pras crianças e adolescentes*" e, finalmente, porque acha que é perigoso: "*A cadeia uma hora tá tudo bem, daqui a pouco pode não tá. Esses dias mesmo começou uma confusão lá no raio no dia da visita, como é que a gente vai prever isso?*" Percebo que ele e alguns outros participantes veem a presença dos familiares, principalmente dos filhos no presídio, como uma exposição à riscos. E continua: "*Pra mim é o preso que tem que pagar a pena e não a família.... a família já paga por isso com a parte psicológica, com a saudade*". Quanto aos dois filhos que "não são seus", estes também sofrem muito por ele estar preso: "*Quando eu casei pela segunda vez, há oito anos, um deles tinha 10 e o outro uns 5 anos. Quando eu fui preso, o menino (o mais novo) sofreu demais, principalmente na escola*". Pergunto como foi isso. Aníbal explica: "*Ele começou a ir muito mal na escola, ele nunca tinha repetido de ano; quando eu vim preso ele repetiu, não queria mais ir na escola, eu tive que mandar várias cartas pra ele falando sobre isso e motivando ele a estudar. Agora ele está estudando à noite, até me mandou uma carta esses dias, desesperado por causa da mudança. Minha filha também teve problema na escola, agora ela até parou de estudar para trabalhar*".

Rubens diz que concorda com o companheiro "*em partes*" (sic): "*Eu já tenho uma outra interpretação do que ele falou. Tem pesquisas aí que mostram que a ausência do pai é a razão de muitos adolescentes se envolver no mundo das drogas. Tem filho que só obedece os pais*", referindo-se à figura paterna. "*a mãe às vezes é mais suave, mais delicada, não tem aquele pulso... e acaba não dando conta de colocar limites sozinha e o pai precisa intervir. É importante o filho ter*

aquele temor pelo pai, no bom sentido. É fato que a ausência do pai pode deixar o filho mais vulnerável no mundo das drogas, e ao abuso, pois não tem ninguém pra defender. A figura e a presença do pai, eu acho que é muito importante! Acho que a orientação do pai é fundamental para que o filho não caia nesse caminho de crime, drogas". Rubens concebe a figura paterna como uma figura de força, de autoridade, de contensão. Este participante tem uma grande habilidade para falar, atraindo a atenção dos demais.

Pergunto se existe essa preocupação do pai que está preso de que o filho não entre na vida do crime, conforme Rubens pontuou.

Aníbal: *"Claro! Esse também é um dos motivos que a gente evita a presença de criança aqui dentro. Eu já vi criança quando tá brigando com outra falar assim: ó, não mexe comigo que meu pai tá preso! Começa assim: admirando quem é do crime. Se na rua já tem esse problema (de admirar bandido), imagina aqui dentro. E ainda mais com essa questão de drogas... a senhora sabe, né? A gente se preocupa com isso, a criança não precisa se expor a essas coisas".* Começa um burburinho, mas Aníbal continua: *"Mas é claro que depende da unidade".* Onofre balança a cabeça negativamente, e comenta baixinho: *"eu não sei do que ele está falando..."* E Rubens intervém: *"Senhora, eu entendi o que ele quer dizer... que as unidades poderiam tomar certas providências pra ajudar nisso, pra prevenir essa conduta (uso de drogas no dia de visita) no caso de preso que não se toca. Não tô falando dessa cadeia, tô falando no geral. A unidade também podia ajudar mais no sentido de conseguir ocupação pra gente, ter mais atendimento, principalmente do advogado, pra gente saber como é que tá nossa situação. O que acontece em muitos casos? Não é o nosso caso aqui, mas tem muitos companheiros que tão sem visita, sem serviço, sem escola, viciado, o benefício⁴ demora demais pra vir, não tem nenhuma atenção da casa. O que que vai acontecer? O preso volta pra rua sem nada, perdido e volta pro tráfico, pro crime. Nós aqui tentamo lutar contra isso"(sic).*

Pietro faz um comentário: *"A unidade quer reeducar, mas não dá nada pra nós, eu mesmo queria estudar aqui, já que eu não consegui emprego, mas não deu nada certo"(sic).* Começam a falar do quanto o Estado tem sido negligente com a população carcerária. A discussão parte para outro rumo. Digo que compreendo

⁴O participante refere-se aos pedidos judiciais de Progressão de Regime: do regime fechado para o semiaberto e deste para o aberto. A Lei de Execuções Penais prevê uma série de benefícios aos presidiários, desde que ele preencha os requisitos mínimos.

todas as dificuldades que eles enfrentam, mas proponho que retornemos ao nosso tema.

Aníbal: *"Senhora, eu tenho um exemplo de um amigo meu que ficou preso comigo e depois também saiu comigo. O filho dele teve que fazer tratamento por conta do que viu dentro da cadeia e da imagem que ficou. Ele sonhava com os barulhos da tranca das portas batendo"*.

Onofre refere que tem uma filha de 11 anos: *"Eu agradeço a Deus esse presente que ele me deu. Eu sinto muito a falta dela, mas sei que ela tem medo de mim"*. Refere que está preso há 14 anos e a filha está com 11. Onofre argumenta que como não conviveram (exceto nos dois períodos em que esteve foragido), a menina parece não conseguir vê-lo como pai, apenas como bandido: *"Eu penso que se ela tivesse vindo me ver durante esses anos, junto com minha mãe, com meu pai ou com minha ex-mulher, no tempo que ela me visitava, acho que hoje ela não teria tanto medo de mim"*. Pergunto qual foi o período em que conviveram, e ele responde: *"Eu fiquei perto dela quando ela tinha de 4 pra 5 anos e depois agora de 10 pra 11 anos"*. Durante o período de encarceramento a mãe da criança entendia que ela não deveria vir. E Onofre reflete: *"a minha filha me obedece, mas parece que não é por respeito... é por medo. Ela tá sempre assustada, preocupada com o que eu possa fazer com ela, acho que é porque eu morava numa cidade pequena, fiquei muito conhecido lá, e todo mundo fica falando demais... isso assusta ela um pouco. Mas eu tento ser sempre carinhoso com ela, falo assim: eu sou seu pai, não tenha medo de mim, eu só quero seu bem"* (sic). Diz que se esforça para aproximá-la de si, mas mesmo assim não sabe explicar o que acontece. Há um tempo atrás a filha teria dito pra ele que esse medo deveria ser por causa do tempo que ficaram longe: *"Olha só, uma criança falando isso pra um pai! Isso dói demais... Ela é super inteligente. Resumindo: eu acredito que se durante esse tempo ela tivesse vindo me visitar, a gente teria um afeto maior, eu ia poder ter dado um carinho, um abraço, ia ser dolorido pra ela e pra mim, mas não tinha ficado essa distancia; e, por outro lado, tinha servido de lição pra ela não seguir o caminho que eu segui, porque a criança sonha em ser alguém, mas pra isso tem que ter pai e mãe na criação deles. Por mais que estejam separados, eles tem que tá juntos na criação dos filhos. Se ela tivesse vindo com alguém da minha família me ver, hoje ia ser diferente. Eu também nunca escondi dela que eu tava preso, eu não concordo em falar que tô trabalhando, depois cresce e vai falar: meu pai é um mentiroso!"*

Pergunto ao grupo o que acham da importância desse vínculo entre pais aprisionados e filhos? Rubens se posiciona: *"Na minha opinião acho que é muito importante, porque é uma forma do pai ficar mais presente, poder acompanhar o que tá se passando com os filhos"*. Aníbal intervém, dizendo: *"Sim, mas ainda acho que a criança não deveria vir aqui, porque mexe demais com o psicológico deles"*(sic). Rubens diz que concorda com Aníbal, mas aponta uma outra perspectiva: *"Eu acho que vir aqui também serve pra criança amadurecer, pra ela saber que esse lugar é ruim, pra não entrar nessa vida! Pra mim, o que mais vai marcar mesmo os filhos é a transformação do pai, ver que você mudou, melhorou. Por exemplo, o cara tava na rua, não dava atenção pros filhos, só bebia, batia em todo mundo. Aí vê que cê tá diferente"* (sic).

Onofre diz que o pai ausente não pode exigir nada: *"Eu acho que o pai ausente traz uma consequência muito ruim pros filhos, pode gerar um tipo de uma revolta na cabeça deles. Além disso, quando o pai tá presente, ele tem a oportunidade de mostrar pro filho um lado dele que talvez os outros não mostrem. Se eu tivesse tido a oportunidade da minha filha vir me ver, eu mostraria para ela um outro lado meu, aí ela não ia ter motivo pra ter medo de mim. Por exemplo, eu nunca agredi minha ex-mulher, mesmo tendo crescido vendo meu pai bater em todo mundo, eu quero mostrar pra minha filha justamente esse meu lado, que eu segui outro caminho"*. Depois associa com seu próprio pai, dizendo que até um certo ponto de sua vida olhava seu pai como se fosse um inimigo, devido aos atos violentos do pai, pensava que na primeira oportunidade que tivesse tiraria a vida dele. E conclui: *"Eu cresci com esse impacto dentro de mim... Então acredito que se a criança tiver a oportunidade de crescer do lado do pai, e ele transmitir algo bom pra ela, ela vai aprender coisas boas também, a criança vai crescer incentivada a viver naquele caminho"*. Relata que durante o período em que ficou foragido trabalhava e procurava mostrar para a filha a importância de estudar e trabalhar, assim como ele estava fazendo, porque só desta forma ela realizaria o seu sonho de ser estilista. Comenta que seu maior desejo é ajudá-la a realizar esse sonho, mas para isso sabe que ela tem que estudar muito. Diz que esse período que passaram juntos na rua foi muito bom, eles se reaproximaram. Só que alguns meses depois ele foi recapturado: *"Do nada, eu sumi! Ela sabe que eu vim preso, mas ficou aquele buraco de novo. Eu tenho tentado ser um pai melhor, eu gosto muito de ler Augusto Cury, não sei se a senhora conhece... Ele dá umas dicas muito boas de*

relacionamento entre pais e filhos, a maneira de você se aproximar do seu filho, de você conquistar ele. É muito bom!" Todos ouvem o relato de Onofre com muita atenção.

Licurgo, quieto até então, diz que gostaria de dar sua opinião sobre o contato dos filhos com o pai preso: "*Pra mim cadeia é lugar de sofrimento, de dor. Meu filho disse que quer falar comigo, mesmo depois de muito tempo. Eu acho que filho homem ainda dá pra deixar vir, mas filha mulher, não dá, ainda mais se for criança, por causa do constrangimento da revista*" (sic). Diz que não é contra o procedimento que a unidade tem que fazer, mas da forma como é feito. Comentou que numa ocasião seu filho de seis anos foi visitá-lo num presídio. Estava acompanhado da mãe e da avó e foi revistado junto com outras mulheres nuas. Licurgo achou que isso o marcou muito, pois quando chegou no raio só falava que "*viu isso, viu aquilo....as mulheres faziam assim....*" Refere que nesta unidade seus filhos nunca vieram, mas sabe que a primeira coisa que a criança e o adolescente chegam falando no pavilhão é sobre como foi a revista. Queixa-se também do barulho e da agitação no raio em dias de visita (falatório, rádio, TV, pregação): "*Não é um ambiente de paz, isso tudo ajuda a abalar o psicológico dos filhos, eles vão embora com isso na cabeça. Eu também sei que as crianças quando crescem sem nós, pais, crescem com sintoma de rebeldia. Então não sei...*"

Aníbal comenta que achou maravilhoso ter diminuído os dias de visita semanal. Explica que, muitas vezes, por conta da visita, os filhos acabam ficando sem o pai e sem a mãe também, como era o caso dele. Ele se pergunta: "*Será que nesse dia que a minha mulher tá aqui, ela não tá fazendo falta na vida dos meus filhos? Com quem eles ficaram? Porque se ela trabalha a semana inteira, o final de semana é a única hora que ela vai dar atenção pra eles. O pai que é pai mesmo tem que pensar em tudo, aqui dentro e na situação lá fora*".

Pergunto se acham que é possível estar presente na vida dos filhos mesmo estando preso? Lourival é o primeiro a se colocar: "*É possível tá presente por carta, por recado da mãe. É como eu faço!*" Já, Pietro discorda: "*Comigo isso aí já não funciona, porque minha mãe não se dá com a mãe das minhas filhas e eu mesmo não tenho acesso com minha ex-esposa. Ela me odeia. Além disso, eu não sei escrever, aí dificulta. E, no presídio, a gente não consegue aula*". Aproveitei para orientar que a Reintegração Social poderia ajudá-lo com as cartas, caso tivesse interesse.

Lourival compartilha sua experiência: "*Comigo funciona, minha filha responde às cartas que eu mando*". Comenta que acha que é bom para os dois lados. Onofre confirma: "*Carta pra nós é muito importante. Carta parece visita! O duro é que minha ex-mulher mudou e não tenho o novo endereço dela*". Oriento que ele poderia procurar o Serviço Social da unidade para ajudá-lo a localizá-la.

Percebendo que alguns participantes não tinham feito nenhum comentário no grupo, pergunto se mais alguém gostaria de falar sobre sua experiência como pai. Imaginei que talvez não tivessem tendo espaço, tendo em vista que alguns participantes eram bastante falantes. Apesar disso, tive o cuidado e a preocupação de deixá-los à vontade, sem forçá-los a nada.

Neste momento, Rodolfo verbaliza que, de todas as vezes em que esteve num presídio, poucas foram as visitas que recebeu dos filhos, sendo esta a quarta vez que está preso. Conta que teve uma adolescência muito conturbada, entrando no crime aos 13 anos de idade: "*Quando eu tive filho, eu não tava preparado pra ser pai e a minha esposa também não tava preparada pra ser mãe; eu não tive pai, eu só tive mãe. Então eu tive uma dificuldade tremenda, eu não tinha um exemplo. Quando a gente tava junto, eu me esforçava pra ser atencioso pros meus filhos, eu tentei dar a atenção que eu não tive de um pai. Só que aí os vício, a droga, a bebedeira me fez vim parar aqui de novo. Eu tô com 30 anos de idade e, só agora que eu conheci a Deus, é que eu tô podendo recomeçar minha vida, eu tô renascendo agora, parece que eu tô partindo do zero, porque meu passado foi muito triste, muito obscuro. Acho que é importante sim o contato com os filhos, mas a mãe dos meus filhos não deixaria eles virem, por tudo que já passamos no passado, por tudo que eu aprontei, por ter deixado ela sozinha...*" Rodolfo acrescenta que mesmo que ela permitisse, a cadeia é um lugar muito pesado, um lugar difícil, e por isso a criança não deve vir sempre, mas que de vez em quando seria muito bom. Refere que se tivesse a oportunidade de conviver com seus filhos, hoje, aconselharia a não trilharem o mesmo caminho que o pai: "*Eu iria orientar, ia falar pra eles ficarem de olho bem aberto pra não cair aqui, onde o pai caiu. Pelo que eu vejo aqui, não tô generalizando, mas têm muitos pais que nem dão atenção pros filhos, quando tão aqui, não se preocupam com o que eles tão presenciando, às vezes a criança vê aqui dentro situações que ela nunca viu lá fora*".

Coloco para o grupo minha percepção de que muitos deles manifestam essa preocupação com o ambiente da prisão. Onofre concorda: "*Sim, eu já vi muitos*

casos que nem convém falar aqui, nesse lugar a gente confia desconfiando, não sabe exatamente o que passa na mente de cada um, né?"

Pergunto como eles se percebiam como pais, antes da prisão. E Pietro confessa: *"Eu não fui um bom pai não! Eu ia só na balada, saía com a mulherada. Se eu falar que fui bom pai, estou mentindo, mas hoje meu desejo é sair daqui pra cuidar das meninas. Tô há quase cinco anos preso, sem ver elas, já tão mocinha, tão com 11 anos"* (sic). Comenta que quando sua mãe trouxe uma foto das suas filhas, ele não as reconheceu. Pietro admite: *"Sinto muita saudade, queria poder ver minhas filhas. A minha família e a família da minha ex-mulher não se dão, porque eu traí ela e por isso eu não consigo ver as meninas. Ela tem ódio de mim. Não deixa nem minha mãe ver. Mas se tudo der certo, em 2017 eu vou na saidinha"* (sic).

Aníbal: *"Eu posso dizer que fui um bom pai, mas poderia ter sido muito melhor"*. Em que sentido? pergunto. Ele explica: *"Em tudo. Eu sempre fui bom pai, fui presente, nunca deixei faltar nada, meus filhos me adoram, mas poderia ter sido mil vezes melhor. Só de estar aqui hoje..."*

Rubens: *"Também acredito que fui um bom pai, só que agora o fato de estar preso e ter ficado ausente, já demonstra que não fui tão bom assim, né? A ausência conta muito!"*

Aníbal: *"A saudade aqui pega fundo. Todos aqui que são pais podem falar, a saudade que o pai sente do filho, da esposa, da família é muito grande! Eu tenho 31 anos, mas quando eu sair daqui vou ter mente de 71 anos, a dor de um pai na cadeia é muito grande, e o sofrimento também. O Dia dos Pais, o Natal, essas datas é muita dor. Se o juiz ou o promotor quiser fazer algo pra ferir o preso é só mexer na família. Mexer com a família atinge diretamente o preso. Tem muito preso que se droga, que toma remédio controlado, não é por causa da cadeia em si, mas por causa da ausência da família."*

Pontuo que estar próximo da família parece ajudar a cumprir a pena...

Rubens exclama: *"Mil por cento!"* E Aníbal completa: *"A senhora pode ver, quando o preso é pego com celular no CR é com a família que ele estava falando, porque ele sente muita falta. Se rastrear as ligações vão ver que 80% era ligação para família"* (sic). Licurgo retoma a questão das cartas: *"A carta é nosso meio de tá perto da família, o problema é que demora demais"*. Onofre concorda: *"Isso acaba interferindo no nosso psicológico porque a gente nunca sabe como a família está."*

Pra senhora ter uma ideia, eu fiquei sabendo que meu pai faleceu num dia, porque ligaram aqui, e 15 dias depois chegou a carta da minha irmã falando que ele tava doente!" (sic). Licurgo diz que as dele demoram uns 25 dias. Rubens comenta que não tem como serem enganados, pois "basta verificar a data do carimbo na carta. Eles sabem exatamente quando ela foi enviada. Mas vai falar o quê?"

Aníbal retoma o valor da família para o prisioneiro: *"Ainda falando da importância da família pra nós, é só a senhora vir num dia de visita pra ver do que eu tô falando. O preso que não tem visita, ele não tem lugar pra ficar, (ele tem que deixar a cela para aquele que recebe a visita), ele fica encolhido, igual um cachorro amarrado na rua, é muito sofrimento, aquilo destrói o preso, principalmente se é uma data festiva. Aí então..." (sic).*

Nesse momento, o guarda discretamente interrompe a discussão e, pedindo licença chama por Rubens, devido a uma notificação de um oficial de Justiça. Como já estávamos quase no final do encontro, ele não retornou.

Onofre explica que sua mãe não suporta o barulho dos portões batendo. Diz que *"ela fica mal quando vem aqui"* (sic). Explica que fala para a mãe: *"mãe, quem roubou, quem tirou a vida dos outros fui eu, é por isso que eu tô aqui, não é culpa sua, não precisa vir aqui, porque eu sei que a senhora não passa bem, e como eu amo a senhora não quero ver a senhora ruim. Então ela me manda carta e eu falo com ela assim. Se eu tô sabendo que ela está bem, eu fico bem!"* (sic).

Logo em seguida, o guarda aponta na porta, e logo já sai, sinalizando que eu deveria concluir. Pergunto se alguém gostaria de fazer mais algum comentário. Licurgo relata que estar preso é *"uma ótima experiência para poder ensinar aos filhos que não devem mexer com as coisas dos outros"* (sic). Aníbal diz que para ele a sensação que fica como pai é de vergonha e tristeza.

Rodolfo pontua que para ele o que mais pesa é a preocupação com a filha que está com 12 anos. Teme que ela se envolva com alguém que use drogas, ou que a engravide e que depois a abandone; com o filho a preocupação é com a droga: *"Quando eu ver eles lá fora, quero poder mostrar o melhor caminho pra eles, pra que eles não caiam onde eu caí. Sinto muita saudade"* (sic). Valdécio emenda: *"Saudade... é muito tempo sem ver"*.

Aníbal informa que gostaria de deixar registrado que caso tivesse um lugar específico para receber os filhos, preferia que seus filhos viessem aqui. E Licurgo complementa: *"Eu sou testemunha que isso que ele tá falando faz diferença. Eu*

trabalho no pavilhão. Lá eu não me sinto numa cadeia, parece que eu tô numa firma. Só quando eu vou pra cela é que lembro onde estou. Então se a gente pudesse receber os filhos na escola, por exemplo, seria muito melhor. Aí sim".

Onofre conclui que a dificuldade é um ponto de fortalecimento: "A pessoa que quer, faz o possível".

Aníbal: "Quem ama, cuida".

Agradei a presença de todos e me coloquei à disposição, em caso de necessidade. Todos foram se levantando, parecendo satisfeitos por terem sido ouvidos e participado do grupo. Onofre perguntou se não seriam chamados de novo. Outros participantes também pareciam ter essa dúvida, tanto que pararam para ouvir a resposta. Informei que só no caso deles manifestarem esse interesse. Orientei como deveriam fazer nesse caso. Onofre deu dicas de vídeos no *YouTube* que abordam a relação entre pais e filhos na prisão (vídeos americanos). De forma geral, os participantes mostraram-se dispostos e interessados com o desenvolvimento do grupo. Foram sempre respeitosos ao ouvirem os companheiros. Esse grupo foi composto de pessoas bem informadas sobre o tema da pesquisa, expressando-se de forma muito clara. Ainda que tivessem oportunidade para falar, dois ou três participantes ficaram bem quietos, comportando-se mais como ouvintes.

DISCUSSÃO

Poderíamos supor que os pais que participaram voluntariamente desta pesquisa eram aqueles que mantinham laços afetivos com seus filhos, ainda que tivessem pouco ou nenhum contato com eles, uma vez que sua participação era voluntária. Contudo, a expressiva participação dos presos não invalida a suposição de que outras expectativas, além da possibilidade de falar sobre o relacionamento pai-filho, possam ter alimentado essa disponibilidade para participar da pesquisa. Também não podemos ignorar que a possibilidade de encontrar com uma psicóloga na prisão possa ter despertado inúmeras demandas, afetivas ou não, até então encarceradas com os presos.

Cabe esclarecer que, durante o processo de coleta de dados, a equipe de funcionários da instituição mostrou-se extremamente cooperativa. A direção da unidade prisional não mediu esforços para tornar o ambiente prisional favorável ao desenvolvimento desta pesquisa. A atuação sensível do agente penitenciário na abordagem inicial dos detentos, quando distribuiu os folhetos-convite, mostrou-se fundamental para que os participantes compreendessem a proposta da pesquisa e se manifestassem favoravelmente à sua participação.

Foi-nos dada a oportunidade de escolher o local mais adequado para o encontro com os participantes, ainda que implicasse o remanejamento das atividades rotineiras no espaço em questão. Também pudemos contar com a discrição dos agentes penitenciários, que se mantiveram do lado de fora da sala durante os encontros da pesquisadora com os grupos de participantes, situação que, a nosso ver, não só garantiu o sigilo, mas também a espontaneidade dos participantes.

Vale ressaltar que o fato da pesquisadora ser funcionária da unidade prisional, tendo já conquistado a confiança do corpo funcional, deve ter tido um papel facilitador ao longo de todo o processo. Não sabemos quais seriam as circunstâncias e os desafios a enfrentar, caso o estudo fosse realizado por um pesquisador externo. Nossas dificuldades se circunscreveram às exigências que a pesquisa com populações vulneráveis impõe ao pesquisador, demandando-lhe reelaborações de seu plano de trabalho e a convivência com o risco de ter sua proposta recusada e a pesquisa comprometida. Aceitamos o desafio e aqui discutimos os seus principais resultados, conscientes de que apresentamos uma

perspectiva dentre as múltiplas possibilidades de interpretação que o material narrativo permite.

Verificamos que as NI se mostraram um recurso de fácil aplicação e compreensão dos participantes. Não tivemos nenhum caso onde se constatasse dificuldade, recusa, ou má interpretação da tarefa. Pelo contrário, o engajamento dos participantes na escrita foi imediato e a transição desta etapa para a do Grupo de Discussão se deu de maneira fluida e natural. Embora tenhamos observado uma participação bastante ativa nas discussões que se seguiram às NI, alguns participantes optaram pelo silêncio. Supomos que a abordagem grupal possa ter inibido alguns reclusos que, movidos por sentimentos de vergonha, ou pela preocupação com a sua imagem no presídio, preferiram se calar.

Salientamos que para cada pesquisa uma NI é elaborada, buscando uma aproximação do cotidiano dos participantes, de modo a permitir a identificação do participante com o protagonista e seu contexto dramático, condição que a torna potencialmente geradora de sentidos pessoais (Granato & Aiello-Vaisberg, 2016). Podemos acompanhar como algumas produções narrativas dos participantes confirmam essa potencialidade: Elias (grupo C), ao entregar seu material, verbalizou: *"Esse Carlos aí sou eu, e essa história que eu escrevi é a minha vida..."*. Miguel (grupo A) pergunta à pesquisadora se, ao invés de Carlos, o personagem da história poderia ser ele mesmo. A NI8 (grupo A) é intitulada como "A minha história verídica" tendo o participante se apropriado da história para narrar seu próprio drama: *"Nesse dia dos Pais (agosto de 2015) este pequeno texto ilustra bem o que senti, vivi. Meu nome é XXXX e não Carlos"*. E Saul (grupo B) comenta: *"nossa, a senhora quase me fez chorar escrevendo essa história [...] porque foi como um filme passando na minha cabeça... muitas lembranças dos meus filhos"*.

Podemos também observar que alguns participantes fizeram uso da NI para falar a respeito da experiência de estar preso, como a NI 2 (grupo A): *"algo que mexe muito com o psicológico dos presos é não terem um tipo de educação social voltado para a família..."*. Outros já iniciam a história falando de si, como nos mostra a NI 8 (grupo C): *"Estava bem, trabalhando, registrado com carteira assinada..."* Outros, ainda, passam a falar diretamente com o filho, colocando-se no lugar do pai que olha para o retrato do filho, tal qual o personagem Carlos, como na NI 4 (grupo C): *"como eu queria estar do seu lado, filho [...] te amo, filho"* ; ou na NI 2 (grupo D): *"o amor que sinto por voce não tem preço"(sic)*. Desse modo, ainda que o foco

narrativo da NI do participante comece na terceira pessoa, ele se desloca invariavelmente para a primeira pessoa, atestando os movimentos projetivos do participante que podem, como acima expresso pelas NI 4C e NI 2D, atingir uma profundidade dramática que rompe os limites entre narrador e personagem, que passam a partilhar os mesmos dramas.

Após essas primeiras considerações sobre o percurso metodológico da pesquisa voltaremos nossa atenção ao material narrativo colhido nos encontros com os participantes deste estudo, seja pela via da NI, seja pelas interações durante o Grupo de Discussão, sendo tomado como expressão de um coletivo, isto é, de um grupo de pais encarcerados.

Os pais aprisionados deste estudo revelaram que suas experiências não são consonantes nem uniformes, mas complexas e multideterminadas. Percebe-se que o estilo de vida pré-encarceramento de muitos participantes tem um grande impacto em suas relações interpessoais atuais e na forma com que exercem suas competências paternas.

Quanto às relações familiares, encontramos entre os participantes de nosso estudo relatos de instabilidade nas relações conjugais, sendo seus filhos oriundos de diversos relacionamentos, o que vem corroborar os dados de Hairston (1998), McGrath (2007) e Mapson (2013). Alguns se mostraram afetivamente ligados a crianças e adolescentes que não eram seus filhos biológicos, como por exemplo na NI8 (grupo A), quando o participante declara ter quatro filhos biológicos e um “de coração” (sic), ou como Aníbal (grupo D) sublinhava: *"dois são de sangue e dois não"*(sic). O modelo da família nuclear tradicional – pais casados, que vivem juntos, com filhos biológicos – é dificilmente retratada pelos participantes.

Na esfera do relacionamento paterno-filial, a maioria dos pais entrevistados referiu vínculos frágeis com os filhos, tendo pouco ou nenhum contato com eles durante o encarceramento, similarmente às conclusões de Houghton e Navarro (2014), Mumola (2000), e Arditti et al. (2005). De acordo com os achados de Lee et al. (2012) e Hairston (1998), os participantes afirmam o desejo de estreitar os laços familiares, apesar de sua precariedade, conforme a NI7 (grupo D) nos informa: *"Muitas pessoas achão que um reiducando não se lembra dos seus filhos neste lugar mais mal sabe que todos seres humanos sem feito das mesma carne. so quem vive e sente a falta de um filho ou de um entiado sabe o quanto doe"* (sic). A existência de um histórico criminal e laços familiares rompidos ou prejudicados,

especialmente com as mães das crianças, podem ser vistos como barreiras, até certa medida, insuperáveis. As produções narrativas de alguns participantes evidenciam esse fenômeno:

“Sou separado, para minha mulher a cadeia é o fim do mundo [...] Minha filha tem 15 anos e não vem (visitá-lo). A mãe dela teria que entender que esse é o lugar que eu estou, mesmo que ele seja o fim do mundo... Não vejo ela (a filha) há dois anos e três meses. Faz tempo que ela não me escreve, mas sei que o amor dela é notório, não tem barreira entre nós. Ela não escreve por influência da mãe, a mãe reprime, faz a cabeça dela...” (Saul, grupo B)

Pietro (grupo D) conta que não vê suas filhas há cinco anos, em razão do ódio que a mãe das meninas tem por ele, deflagrado por uma traição conjugal.

Rodolfo (grupo D): *“... a mãe dos meus filhos não deixaria eles virem, por tudo que já passamos no passado, por tudo que eu aprontei, por ter deixado ela sozinha...”*(sic).

Ni 1 (grupo B): *“a mãe dela nunca deixaria ela vir me ver ne um presidio. Ela acha que aqui é um lugar de monstro sem recuperação”* (sic)

Os relatos sugerem que a atitude da mãe é essencial na facilitação do relacionamento entre o pai encarcerado e seus filhos, pois cabe a elas autorizar as visitas na prisão e/ou intermediar a correspondência entre eles. Os estudos de Clarke et al. (2005), Boswell e Wedge (2002), Arditti et al. (2005) e Hairston (2001) corroboram esse quadro, em que a relação entre os progenitores costuma ser mais conflituosa que cordial. Nas palavras do participante Ozório (grupo B): *“Quando o pai e a mãe estão separados, é mais difícil mesmo...se a mãe não colaborar, complica”*.

Ainda com relação à influência materna na preservação dos vínculos familiares, os participantes referem três tipos de conduta: mães que facilitam o contato, mães que não se empenham muito, e mães que dificultam a relação entre pais e filhos. Não temos como afirmar se as mães que limitam ou impedem o acesso dos filhos aos pais aprisionados o fazem como forma de proteção, considerando o bem estar infantil, se estão agindo impulsionadas pelo desejo de retaliação frente a conflitos vividos antes do encarceramento desses homens, ou se esse quadro é resultado das restrições institucionais. No entanto, Laércio (grupo A), Nestor (grupo C), Marques (grupo A), Elias (grupo C) e Armando (grupo B) são alguns dos participantes que veem a companheira ou ex-companheira como facilitadora de seu contato com os filhos. Os relatos dos participantes nos autorizam

a supor que todos estes elementos desempenham um papel determinante na aproximação ou distanciamento afetivo entre o pai preso e seus filhos.

As exigências institucionais também foram apontadas pelos participantes como um fator disruptivo do vínculo entre pais reclusos e seus filhos, tais como o constrangimento das revistas e as longas filas que as antecedem. Além disso, a distância geográfica entre a unidade prisional e a residência dos familiares, além da dificuldade financeira contribuem para que o contato e o envolvimento dos reclusos com sua família diminua, com o passar do tempo, representando uma considerável ameaça para a manutenção dessas famílias (Lanier, 1993). A NI8 (grupo A) ilustra como a distância da residência dos reclusos dificulta o relacionamento: "... *me trouxeram para esta região e tudo ficou muito-muito mais difícil. Moro no litoral sul de SP...*"(sic). Eli, do grupo B, verbaliza que "*a distância dificulta muito a relação com o filho... parece que vai esfriando aquele contato*"(sic).

Em contrapartida, alguns presos optam pelo afastamento de seus filhos do espaço prisional, como forma de cuidado e proteção. Em consonância com os estudos de Boswell e Wedge (2002), Clarke et al (2005), McGrath (2007), e Silva (2007), muitos participantes percebiam o ambiente carcerário como inerentemente hostil a crianças e adolescentes, preferindo desencorajar as visitas, a fim de evitar a exposição dos filhos a situações de risco, especialmente no que se refere ao impacto emocional. As narrativas a seguir ilustram essa preocupação paterna.

Gilmar (grupo A) considera inadequada a presença dos filhos na prisão em dias de visita, "*porque é mesmo um dano irreparável para a criança. Ela tem que passar pela revista, ficar sem roupa, agachar... É muita humilhação... Fora ver o pai preso... acho que isso marca pra sempre a cabeça da criança*" (sic).

Tiago (grupo A) relata que nunca sabe como os companheiros podem agir e não quer ver os filhos "*presenciando coisa errada. Eu me importo com o que eles vão ver aqui dentro... É a educação da minha família... A senhora sabe, aqui dentro tem de tudo...*"(sic).

Anibal (grupo D) considera que a visita a uma cadeia produz uma marca indelével, especialmente para as crianças. "*É como um pai que leva o filho para um campinho de futebol pela primeira vez. O filho nunca mais esquece... ele vai tá velhinho e vai falar: Lembra, pai [...] mexe demais com o psicológico deles*"(sic).

Pedro (grupo B) recorda a experiência de, ainda criança, ter acompanhado a mãe em uma visita ao seu irmão, que estava preso. Conclui que aquelas imagens o

marcaram profundamente: "*Não quero isso para o meu filho. O ambiente é opressor...Pode gerar traumas na criança..*"(sic).

Outros participantes avaliam que, devido à constante exposição, as crianças podem se acostumar com o ambiente da prisão, aceitando o encarceramento como um fenômeno natural, risco apontado por Hairston (2002) e Mc Grath (2007). Ozório (grupo B) pondera sobre essa situação: "*Tem criança que vem e é como se estivesse numa creche... fica ali jogando bola...não acho isso bom, ela tem que saber que isso aqui é um lugar de sofrimento, de dor...pra nunca cair nisso aqui*".

Vários participantes do Grupo de Discussão A referem o risco de que crianças e adolescentes passem a admirar os criminosos no interior do presídio, tomando-os como modelo a ser seguido. Segundo Aníbal (grupo D), "*se na rua já tem esse problema (admirar bandidos), imagina aqui dentro!*"(sic). Além dessa inversão de valores sociais, Aníbal (grupo D) ressalta que a prisão é um lugar perigoso e instável: "*A cadeia uma hora tá tudo bem, daqui a pouco pode não tá...esses dias mesmo começou uma confusão lá no raio no dia de visita; como é que a gente vai prevê isso?*" (sic).

O sofrimento emocional que emerge do encontro entre pais e filhos na prisão é outro motivo para que prisioneiros desencorajem as visitas da família, opção paterna também observada por Maldonado (2006), Mapson (2013), Boswell e Wedge (2002), Mc Grath (2007) e Arditti et al. (2005). A emoção vivida no momento da despedida parece ser um dos aspectos mais difíceis de se lidar, conforme Miguel (grupo A) ilustra: "*na hora da visita é tudo maravilhoso, mas na hora de ir embora a tristeza bate. E é pior ainda pra quem fica, porque fica vários dias com aquele aperto no coração*" (sic). Armando (grupo B) refere que em dia de visita "*a pior coisa é na hora de ir embora porque ela (a filha) fica pedindo: deixa eu dormir com você hoje, pai*"(sic). Saul (grupo B) diz que observa os companheiros que recebem visita dos filhos e percebe o quanto é difícil a hora da partida. Relata que os filhos agarram nos pais, choram, e depois que vão embora os reclusos também "*ficam mal*" (sic).

Em sintonia com os achados de Clarke et al. (2005), nossos participantes também explicaram que, apesar das visitas serem muito esperadas pelos pais encarcerados, as tensões institucionais e familiares frequentemente prejudicam o seu desfrute.

Para alguns pais, a vergonha de estar na prisão também pode ser uma razão para manterem distância de seus filhos (Clarke et al., 2005). Josemar (grupo C) reconhece que sente vergonha por fazer a filha passar pelo constrangimento de ouvir de seus amigos *"que o pai dela é ladrão"*(sic). Abner do grupo A relata que para ele *"a vida no crime não tem que ser motivo de orgulho pro meu filho, é motivo de vergonha. Se eu pudesse, eu queria que ninguém soubesse disso aí"*(sic). Anibal (grupo D) também refere que se sente envergonhado diante dos filhos. Muitos reclusos optam por omitir o fato de estar preso para os filhos, conforme os estudos de Maldonado (2006) e Mc Grath (2000), a fim de preservarem uma imagem positiva do pai ou para evitar a exposição da prole ao preconceito.

Dadas as dificuldades e limitações de contato físico entre sentenciados e familiares, as cartas parecem ser a estratégia mais viável e significativa para que os presos mantenham contato com a família, especialmente os filhos. O compartilhamento de experiências favorecem o envolvimento afetivo de pais e filhos. O estudo de Hairston (2002) sublinha essa ideia, uma vez que as cartas asseguram aos presidiários que estes não foram esquecidos e aos seus filhos que são importantes e amados. Esse recurso também oferece aos pais a oportunidade de exercer um papel socialmente aceito, acompanhando o cotidiano dos filhos, oferecendo-lhes supervisão e apoio.

Tiago (grupo A) fala sobre o exercício da paternidade à distância: *"...eu não quero que meu filho tenha a minha vida, cometa os mesmos erros, então eu preciso intervir, ter preocupações com o seu dia a dia, me fazer presente... o elo de ligação entre o pai e o filho é a carta!"* (sic). Tiago faz uso de uma metáfora para explicar o sofrimento claustrofóbico no cárcere: *"as cartas são muito importantes para nós, são como envelopinhos de oxigênio, um momento para respirar"*.

Reimar do grupo C diz que as correspondências são tudo o que eles têm: *"a carta é a presença de quem não tem visita"*. A NI 8 (grupo D) descreve poeticamente uma das funções das cartas: *"...é nelas que meus filhos vem me vê"*. Elias (grupo C) diz que *"as cartas ajudam bastante, é um tipo de suporte pra aguentar isso aqui"* (sic), enquanto Amauri (grupo A) reflete sobre os benefícios de receber notícias dos filhos, ainda que seja por carta, *"reverte no bem estar do próprio preso, isso acalma ele"*(sic).

Os participantes concordaram que as cartas são o principal meio de comunicação com os filhos; contudo, queixam-se da demora para chegar ao seu

destino e da repercussão emocional gerada por essa situação: "...fica sem sentido e acabam prejudicando o relacionamento", diz Fábio (grupo C). Amauri (grupo A) relata que enviou uma carta para o aniversário de sua filha com uma semana de antecedência, chegando às mãos de sua filha 40 dias depois de seu envio: "*Como fica o emocional da criança, senhora? Ela pensou que eu tinha esquecido[...] como é que vou explicar isso?*"(sic). Para muitos dos participantes esse fato se deve à negligência do Estado: "*Os funcionários não dão retorno pra gente disso, dá muita raiva!*", desabafa Tiago (grupo A).

A importância das cartas é reconhecida pela maioria dos participantes, são aguardadas com ansiedade e têm um peso muito maior neste contexto de privação de liberdade. Compreender o papel que a correspondência assume no exercício da paternidade no contexto prisional poderia influenciar a forma como a questão das cartas é tratada pelo sistema penal.

Confirmando os achados de Maldonado (2006), Silva (2007), Lee et al. (2012), Mapson (2013) e Hairston (2001) vários participantes concluíram que a manutenção do relacionamento entre pais encarcerados e seus filhos são benéficas para o bem estar de ambos, para a instituição prisional e para a sociedade. Além disso, há evidência na literatura científica (Swanson et al., 2012; Mc Grath, 2007) e no relato de nossos participantes que os filhos podem ser seu principal suporte emocional nesta condição de vulnerabilidade, na medida em que ajudam a atenuar as tensões e as privações da prisão:

NI 13 (grupo A) "*...meu filho é que me dá força pra aguenta o sofrimento que passo*"(sic).

NI 2 (grupo D): "*...Pois voce (filha) é meu refúgio neste lugar*"(sic).

NI 2 (grupo C): "*Ela (filha) e minha esposa são toda a força que eu tenho para ficar aqui nesse lugar*"(sic).

Armando (grupo B) fala do desejo de cuidar da filha: "*Para mim é muito bom quando ela vem, porque posso ver que ela tá bem, converso como tá indo na escola... posso acompanhar o desenvolvimento dela, dar conselho...*"(sic).

Já, Marques (grupo A) aborda os benefícios do contato íntimo entre pai e filho, na perspectiva dos filhos: "*pai, sinto tanta falta do seu cheiro... ele gosta de ficar deitado no meu colo só pra ficar sentindo o meu cheiro*"(sic). Armando (grupo B) comenta que se dependesse de sua filha, ela viria visitá-lo toda semana: "*Ela já sai daqui fazendo planos para quando voltar*". Davi (grupo C) confirma essa

expectativa de reencontro: *"os meus ficam desesperados pra vir... a mãe deles diz que é difícil explicar pra eles que cada fim de semana a visita é num dia diferente [...] aí eles ficam impossível"*(sic).

Do mesmo modo que Lanier (1993), encontramos nos relatos dos participantes associações entre a manutenção do contato entre pais e filhos e uma maior facilidade no ajuste institucional do preso, como na NI 4 (grupo A): *"No sistema carcerário um contato com os filhos, com as mães, esposas, alivia e muito o dia a dia na prisão [...]. Outro item é o esforço que o pai fará para ter ótima conduta no sistema e pensar em sair logo da prisão e voltar a ter uma família"* (sic). Davi (grupo C) explica que *"mente vazia é oficina do diabo"* (sic) e que, quando tem notícias dos filhos, consegue se alimentar e dormir bem.

Além do bem estar pessoal que o contato pai-filho promove a ambos, alguns relatos evidenciaram que os laços familiares podem ser um fator de proteção contra a reincidência criminal, fenômeno também observado por Mapson (2013), Codd (2008), e Maldonado (2006), sendo os filhos apontados como os maiores incentivadores para a mudança de vida do pai:

NI 2 (grupo C): *"...ela (filha) é tudo pra mim e purela que eu mudei minha vida"* (sic).

Tiago (grupo A) argumenta : *"Senhora, olha como a coisa funciona: se eu tiver minha família junto comigo, tendo sempre notícia deles eu não vou encher o saco dele (do companheiro). Se ele me falar: vamos fazer um negócio na saidinha? Eu vou falar que não, porque eu penso no que eu tenho lá fora e não vou sacrificar a confiança deles e de repente por tudo a perder de novo!"* (sic).

Silveira (grupo A) refere o apoio que recebe dos pais e dos filhos para enfrentar o desafio da mudança de vida: *"Isso incentiva a gente, dá força pra tentar sair dessa vida"* (sic).

Marques (grupo A) reconhece o poder sustentador da família: *"preso sem a família, principalmente os filhos, fica desorganizado [...] não vai sair dessa vida nunca"* (sic).

Outros participantes reconhecem a importância da presença paterna para o desenvolvimento saudável dos seus filhos, indo ao encontro das ideias de Winnicott (1960/2007) sobre a presença concreta dos pais, o que inclui o pai, e suas condutas com os filhos. Sem recusar a existência e o papel da fantasia inconsciente, Winnicott se detém sobre o cuidado que oferece as bases para a existência de um self

pessoal e autêntico, cujas realizações ultrapassam os limites da fantasia. Alguns participantes refletem sobre o lugar do pai: "...eu também sei que as crianças quando crescem sem nós, pais, crescem com sintoma de rebeldia" (Licurgo, grupo D). Onofre (grupo D), quando afirma: "Eu acho que o pai ausente traz uma consequência muito ruim pros filhos...pode gerar um tipo de revolta na cabeça deles"(sic). E Rubens (grupo D) quando refere a figura paterna como uma figura de proteção contra os riscos do desamparo: "É fato que a ausência do pai pode deixar o filho mais vulnerável no mundo das drogas...e ao abuso, pois não tem ninguém para defender. A figura e a presença do pai eu acho que é muito importante! Acho que a orientação do pai é fundamental para que o filho não caia nesse caminho de crime e drogas..." (sic)

Como contraparte à importância do pai na vida dos filhos, o aprisionamento pode criar uma oportunidade para a reflexão pessoal do preso e a reavaliação de suas funções paternas, de acordo com os estudos de Clarke et al. (2005), e Arditti et al. (2005). Vários participantes relataram experiências transformadoras na prisão, por meio das quais passaram a valorizar o relacionamento com os filhos:

Saul (grupo B): "Senhora, essa é uma receita que eu recomendo para todos no Brasil, se você não está sendo pai, vem preso que você vai saber ser! O mesmo para outras coisas, como comida, abraço... Você também começa a valorizar mais o tempo. O tempo não era aproveitado, e agora tá sendo. Na rua eu ficava um pouquinho com minha filha e às vezes já corria pro bar... Aqui, até o grilo que canta a gente dá valor!"(sic).

Laércio (grupo A): "Aqui dentro você tem 12 horas com seu filho, na rua não. Na rua você fica meia hora com ele, e vai fazer suas coisas. Aqui a gente dá mais atenção" (sic).

Jessé (grupo A) verbaliza que "Aqui parece que a gente passa a dar um valor diferente pra nossa família... Passa a valorizar o que tinha e não percebia"(sic).

Marcelo, do grupo C, comenta: "Lá fora tudo distrai a gente... a gente não tem tempo pra família" (sic).

NI 6 (grupo A): "como era a vida dele quando estava suto [...] Agora Carlos pensa e fala com Deus que daria tudo para voltar atrás, daria tudo que tenho para que esse dia pudesse ser novamente como antes"(sic).

Embora contundentes as afirmações de paternidade renovada dos participantes, é prudente relativizar a promessa de que tais intenções se

transformem em ações no mundo externo, uma vez que a conquista da liberdade pode se constituir como oportunidade de reincidência e de abandono das preocupações com o bem estar da família. Imaginamos que situações de sofrimentos radicais como os vividos numa prisão podem ser tão transformadores quanto mantenedores de uma vida criminosa, porém, este é um assunto que excede os objetivos desta pesquisa.

Há prisioneiros que reconhecem suas falhas e demonstram o desejo de serem pais melhores do que foram até o seu aprisionamento, de acordo com a experiência profissional da pesquisadora que conduziu esta pesquisa na unidade prisional em que trabalha. Vários dos participantes expressaram sentimento de culpa e arrependimento tanto pelo estilo de vida que levavam, negligenciando sua responsabilidade como pai, como pelas consequências negativas do encarceramento na vida dos filhos, em razão de seu ato delituoso. Esses dados coincidem com o que Lanier (1995) assevera, sendo ilustrados pelas narrativas de alguns participantes:.

NI3 (grupo D): "*Mas espero sair daqui pegá elas de volta para dar o carinho que não dei até agora, o amor de pai. [...] Espero que elas me perdoem por estar cinco anos ausente, cinco natal's sem poder dar um presente para elas*"(sic).

NI10 (grupo A): "*...sei que não tenho sido um pai presente [...] sei que um dos motivos de ele não está aqui comigo é por causa dos meus erros que cometi no passado [...]Filho, me desculpe, mas fique sabendo que o pai te ama...*"(sic).

O participante Marques (grupo A) relata que sabe o quanto os filhos estão sentindo sua falta ; "*eles estão sofrendo as consequências dos meus atos*" (sic).

NI 2 (grupo C): "*Em primeiro lugar me bateu uma grande saudade dela e arrependimento por não ter dado o carinho e atenção que ela merecia, devido eu ter sido pai muito novo e só queria ficar pra rua em buscas de coisas errada eu não vi o crescimento dela, hoje me arrependo de tudo isso*" (sic).

NI 10 (grupo A): "*Filho me desculpe mas fique sabendo que o pai te ama e sei que nos vamos passar muito tempo junto...*"(sic)

NI 6 (grupo C): "*...gostaria que tudo voltasse atrás*"(sic).

NI6 (grupo A): "*...daria tudo para voltar atrás,*" (sic)

NI12 (grupo C): "*Se eu pudesse ter feito tudo diferente...*"(sic).

NI 5 (grupo D): "*Pensou o quanto ele perdeu no crescimento dos filhos o quanto ele poderia ter mudado e não mudou*" (sic).

Além do sentimento de culpa e o arrependimento, o sentimento de impotência aflige muitos homens que estão separados de seus filhos pelo aprisionamento. A maioria dos presos se sente limitado nas oportunidades de exercer sua função de pai, pois não está presente nos cuidados básicos de proteção, disciplina e apoio, além da provisão financeira à sua família. Conforme Hairston (2002), a maioria dos presos acha que há muito pouco a ser feito pelos filhos quando se está na prisão:

Davi (grupo C) comenta: *"o que é que eu tô podendo fazer aqui? Tô é dando despesa e preocupação pra família e ainda não ajudo em nada"* (sic).

NI 6 (grupo B): *"...eu daria tudo de mim para estar com meu filho [...] mas como isso no momento não está em minhas possibilidades eu aguardo ansiosamente pelo momento oportuno..."*(sic).

NI 1 (grupo D): *"...Pior ainda que a saudade, é saber que seus filhos são "vulneráveis" à alguns riscos ou perigos tais como: violência, agressões, sentimentos de revolta, falta de orientação, privações de certos bens de necessidades pessoais, riscos estes que poderiam ser sanados, se houvesse à presença no lar da figura paterna"*(sic).

Peterson (do grupo B) Informa que sua mulher e sua filha foram embora para outro Estado, motivo pelo qual não vê a menina há 4 anos, e conclui: *"Não tem o que fazer!"* (sic).

Com Lanier (1993), também pudemos observar sentimentos depressivos em muitas produções narrativas que enfatizam a dor da saudade dos familiares. Marques (grupo A) diz que sua prisão teve um impacto enorme na sua vida e na dos filhos. Verbaliza que sente demais essa separação. *"Essa é a pior parte da cadeia pra mim...o resto eu tiro de letra..."* Este mesmo sentimento de perda está presente em algumas NI:

NI 1 (grupo A): *"...Há...se esses muros e grades falassem o quanto é duro a dor de não recebê-los..."*(sic).

NI 13 (grupo A): *"Todos os fins de semana me sinto muito mal, pois a saudade do meu filho é tão grande que não aguento e acabo chorando [...] ficá longe do meu filho é terrível"*(sic).

NI 12 (grupo A): *"Eu comecei a pensar quando eu iria ver meus filhos que eu não vejo a 6 anos. então comecei chora com muita saudade deles..."*(sic).

NI 11 (grupo A): *"Cinto muita falta dos meus filhos. Meu coração sempre está machucado..."*(sic).

NI 3 (grupo C): *"... a saudade era imensa e na sua imaginação olhava para o portão esperando que viesse um familiar com os filhos para matar a saudade, mas a espera é dolorida a ansiedade tomava conta dele"* (sic).

Muitos prisioneiros buscam o entorpecimento que anestesia a dor da ausência dos familiares, conforme o relato de Anibal (grupo D): *"A saudade aqui pega fundo... todos aqui que são pais podem falar, a saudade que o pai sente do filho, da esposa, da família é muito grande! Eu tenho 31 anos, mas quando eu sair daqui vou ter mente de 71 anos..., a dor de um pai na cadeia é muito grande e o sofrimento também. O dia dos pais, o Natal... essas datas comemorativas é muita dor. Se o juiz ou o promotor quiser fazer algo pra ferir o preso é só mexer na família. Mexer com a família atinge diretamente o preso... Tem muito preso que se droga, que toma remédio controlado, não é por causa da cadeia em si, mas por causa da ausência da família. [...] é só a senhora vir num dia de visita pra ver do que eu tô falando. O preso que não tem visita, ele não tem lugar pra ficar, (ele tem que deixar a cela pra quem tem a visita), ele fica encolhido, igual um cachorro amarrado na rua ... é muito sofrimento... aquilo destrói o preso, principalmente se é uma data festiva. Aí então..."*(sic).

Conforme Hairston (2002) e Lanier (1993) observaram, prisioneiros manifestam grande preocupação com o que pode estar acontecendo com os filhos enquanto estão encarcerados. Os pais acreditam que seus filhos possam estar em situação de perigo, dificuldades, expostos a toda sorte de violência, a abusos, negligências, angústia que é intensificada pela ideia de que poderiam estar lá para protegê-los e orientá-los, como é o caso de Jessé (grupo A) que se preocupa com os cuidados que a filha esta recebendo; *"Por exemplo, a minha filha fica numa casa em que a tia é prostituta, tem outros homens... o que eu posso fazer? Nada ! Tô de mãos atadas."* (sic). A NI 4 (grupo C) traz o desejo frustrado de proteger o filho: *"eu queria ser um pai presente [...] pra que eu possa estar do seu lado em todas as dificuldades que você poderia passar, meu filho..."*

A falta de notícias dos filhos parece potencializar esse tipo de sofrimento paterno, como no caso de Lino (grupo A) quando imagina que poderia estar ajudando o filho a resolver uma situação se não estivesse preso. Onofre (grupo D) confirma essa impressão, dizendo que *"a falta de notícias dos familiares mexe muito com o psicológico dos presos, porque ficam sem saber o que está se passando lá fora"*. A NI2 (grupo D): *"Eu não estou ao lado dela quando ela mais*

precisa", e o depoimento de Jessé (grupo A): "*a gente tá aqui mas o coração tá sempre agoniado querendo saber notícias deles*", também ilustram a agonia e impotência paterna.

Muitos pais encarcerados manifestam o receio de serem esquecidos pelos filhos, ou substituídos em sua função paterna (Mapson, 2013; Hairston, 2001; Lanier, 1995), o que faz sentido, dado o contato limitado entre pais e filhos, o qual deriva não somente de sua condição de prisioneiro, mas também da fragilidade dos laços que os vinculam às mães de seus filhos, além da falta de apoio institucional para o exercício da paternidade na prisão (Hairston, 1998).

Fernando (grupo C) verbaliza: "*Eu tenho muito medo que ele (o filho) me veja como um estranho*"(sic), acreditando que será preciso reconquistar o filho, quando sair da prisão. Fábio (grupo C) se identifica com o companheiro, quando diz: "*Periga quando eu vê ela (filha), ela nem me reconheça...*"(sic). Vários participantes compartilham esse tipo de preocupação no Grupo de Discussão, a qual é intensificada de acordo com o tempo de afastamento dos filhos. Fabrício (grupo C), pai de gêmeos, comenta que soube (pelo seu irmão) que seus filhos já estão falando 'papai', porém imagina um outro destinatário para o chamado dos filhos: "*Mas tão falando pra quem, senhora? Eles nem me conhecem... A gente fica imaginando coisas...*"(sic). Eli (grupo B) faz eco às palavras de Fabrício: "*meu filho começou a chamar o vô (se referindo ao avô materno) de pai. Acho que a mãe deles tinha que ter corrigido isso ...o pai sou eu, ela tinha que falar, esse é o vô!!*"(sic)

Josemar (grupo C) diz que às vezes não consegue nem dormir pensando na possibilidade de ser esquecido e/ou substituído. Fábio (grupo C) concorda com o grupo, mas adverte: "*só que se a gente não se esforçar pra desviar esses pensamentos, fica louco*", referindo-se a uma estratégia psicológica de enfrentamento de uma dor vivida como insuportável. O sentimento de ter sido excluído da família, perdendo, inclusive, sua identidade paterna (Arditti et al., 2005) é comunicado por Tiago (grupo A), referindo-se aos telefonemas que fazia para os filhos, quando estava no regime semiaberto, e sua esposa atendia: "*Florinda, o Tiago quer falar com você*", o que ele rapidamente corrigia: "*Tiago, não! É o pai que tá falando! Que negócio é esse de me chamar pelo nome para as crianças? Eles não podem esquecer quem é o pai delas...Não é porque eu tô preso que eu não sou mais o pai deles*". Silveira (grupo A) confirma o sentimento de exclusão familiar: "*É porque a única pessoa que está fora da minha família sou eu, então eu fico sabendo*

que eles estão fazendo um monte de coisas, mas eu mesmo tô longe...Parece que estou excluído de tudo..."(sic).

Outro receio manifesto pelos participantes diz respeito à imagem que vai sendo construída pelos filhos de um pai que está ausente do lar porque cometeu um crime:

NI 2 (grupo B): *"...Imaginou o que os seus filhos estavam pensando a respeito de um pai que se encontra ausente, e que não estaria acompanhando o crescimento deles."(sic.)*

NI 7 (grupo C): *"...Bom, depois de alguns anos como meus filhos vão mi receber..."(sic).*

Jonas (grupo C) teme perder a autoridade e o respeito do filho quando este for mais velho. Relata: *"Senhora, hoje meu filho é bebê, mas tenho medo de quando ele crescer, ele não me respeitar por causa do meu passado [...] e me dizer: quem é você pra me falar isso?"(sic).*

Laércio (grupo A) manifesta a preocupação de reverter a imagem social do preso para a sua filha: *"Como será que ela vai me ver?" (sic).*

Paralelamente a essa preocupação com a imagem que os filhos terão do pai preso, expressa-se a dificuldade do pai explicar para os filhos a sua condição de prisioneiro, situação já sinalizada por Lanier (1995) e Mc Grath (2007). Alguns participantes se justificam para os filhos, dizendo que a prisão é seu local de trabalho e que, por esta razão, precisarão permanecer ali por mais algum tempo. Esta omissão tem a finalidade de proteger os filhos do estigma de ter um pai preso, manter a autoridade de pai, sentida como ameaçada, e preservar uma imagem positiva do pai (Mc Grath, 2007).

Laércio (grupo A) e outros participantes do grupo A e C, talvez mobilizados pelo fato desta pesquisa ser conduzida por uma psicóloga fazem-lhe uma demanda velada de orientação sobre como deveriam proceder com os filhos: *"Eu acho que em relação a isso poderia ter uma orientação psicológica e social para as mães das crianças e pra nós também, sobre o que falar da prisão do pai..."* Saul (grupo A) comenta que durante muito tempo ele e a família omitiram da filha o fato do pai estar preso, até que a menina disse que sabia de tudo: *"A gente pensava que a minha filha, quando era menor, não sabia que eu tava preso, até que numa conversa da minha mãe com outra pessoa, ela falou: isso aqui não pode entrar lá..."* Tentaram

disfarçar ao notar a presença da menina, a qual retrucou: *"Vó, eu sei muito bem que meu pai tá preso!"*, deixando a todos surpresos.

Outros temem que a mentira possa abalar a confiança dos filhos e que abra um precedente para que no futuro eles também venham a mentir, como expressou Tiago (grupo A) *"...será que depois eles não vão começar a mentir também? Por isso é que eu falo: O pai tá preso!"* Muitas vezes nada é explicado para as crianças, como no caso de Nestor (grupo D), o que pode gerar um sentimento de abandono nos filhos.

Além da preservação da confiança no pai, muitos pais mostravam-se preocupados com o envolvimento futuro dos filhos no mundo do crime e das drogas, repetindo a história paterna, como observa Silva (2007). Anibal (grupo D) confirma esse receio: *"...eu já vi criança que quando tá brigando com outra fala assim: 'não mexe comigo que meu pai tá preso!'... começa assim, admirando quem é do crime".* Paradoxalmente, a mesma relação de confiança que se estabelece entre a criança e seu pai pode abrir caminho para que imagem do pai criminoso constitua-se como referencial de prestígio e poder. Alguns como Miguel (grupo A) esforçam-se para desmistificar a figura do herói-bandido: *"Tento mostrar tudo que o pai passa nesse inferno: – Cê quer vir parar nesse lugar? Então anda na linha!"* (sic). Outros, como Tiago (grupo A), buscam ensinar ao filho o que aprenderam com a própria experiência: *"eu não quero que meu filho tenha a minha vida, cometa os mesmos erros..."*(sic).

A despeito das limitações da atuação paterna no contexto prisional, responsabilidades paternas como o envolvimento em planos e participação em tomadas de decisão relacionados à educação e ao bem estar da criança, podem estar acessíveis a pais encarcerados comprometidos e interessados, desde que estejam motivados e autorizados a participar da vida familiar durante o encarceramento (Clarke et al, 2005). Podemos visualizar essa possibilidade através da experiência de Aníbal (grupo D), cujo filho teve uma queda acentuada no desempenho escolar, querendo abandonar a escola, assim que seu pai foi preso. Aníbal precisou intervir e, por meio de cartas, teve a oportunidade de orientar e motivar o filho a voltar a estudar, atingindo seu objetivo.

Como nosso autor de referência para a compreensão do ambiente familiar facilitador do desenvolvimento emocional infantil, Winnicott (1960/2007) postula uma série de conquistas infantis que caminham lado a lado com o cuidado sensível que é

oferecido à criança, respeitando o seu momento maturacional e as necessidades que dele decorrem. Embora sua argumentação focalize a condição materna (Winnicott, 1956/2000) para o cuidado suficientemente bom do bebê, não ignora a importância da figura paterna (Winnicott, 1960/2007) nem o contexto social a partir do qual cada família se constitui. Winnicott (1945/1999) chega a se perguntar sobre o lugar do pai em meio à farta literatura psicanalítica sobre a figura materna, mas parece atingir uma concepção do pai como figura especular da mãe. Entretanto, o próprio Winnicott (1960/2007) adverte que à medida que o bebê se desenvolve, este mesmo pai ganha cada vez mais espaço oferecendo-se como o terceiro que enseja a triangulação edípica; porém, como seu foco continua voltado para a relação inicial, isto é, aquela que em sua época se estabelecia intensamente entre a mãe e o bebê, o autor não adentra na questão da paternidade.

Em contrapartida, os participantes deste estudo teceram suas próprias teorias a respeito do papel do pai. Pontuaram como foram impactados pela relação conflituosa que tiveram com os próprios pais, seja pela ausência, pela indiferença ou pela violência. A NI 6 (grupo A) ilustra o quanto a paternidade remete à relação com o próprio pai: "... pois Carlos nunca tinha tido um pai. Foi criado por mãe solteira e prometeu para si próprio que se um dia fosse pai faria de tudo para ser o melhor pai do mundo!" (sic)

Outros se referem a uma repetição incontornável da experiência de ausência paterna (Houghton & Navarro, 2014), como o relato de Rodolfo (grupo D) ilustra: "Quando eu tive filho eu não estava preparado pra ser pai e a minha esposa também não tava preparada pra ser mãe... eu não tive pai...eu só tive mãe... Então eu tive uma dificuldade tremenda...eu não tinha um exemplo...quando a gente tava junto eu me esforçava pra ser atencioso pros meus filhos... eu tentei dar a atenção que eu não tive de um pai..."(sic). Ozório (grupo B) concorda que "esse negócio do filho crescer sem o pai, às vezes pode deixar a cabeça da criança meio perturbada... meu pai separou da minha mãe e foi embora... isso gerou tipo um trauma ni mim... comecei a ir mal na escola... era muito ruim...ele nunca tava em nada... os colega tiravam sarro..."(sic).

Além da ausência paterna, outro elemento apontado pelos participantes como desorganizador para a criança, é a presença que se caracteriza pela violência doméstica. Onofre (grupo D) reconhece que durante muitos anos viu o pai como um inimigo, em função dos atos violentos que este praticava com os familiares. Revela

que sempre pensava que, na primeira oportunidade que tivesse, tiraria a vida do pai: "*Eu cresci com esse impacto dentro de mim...*"(sic). Armando (grupo B) relata que teve um pai muito severo e apanhava muito [...] "*eu procuro não agir assim com meus filhos, tento ser diferente...porque sei que pode gerar revolta, né?... já vi muito caso assim*" (sic).

Fulgêncio (2007) reflete sobre a importância do pai, "tanto no que se refere à sua colaboração para o amadurecimento saudável do filho, quanto à sua participação na etiologia de certas patologias"(p.22). Podemos supor que a qualidade do relacionamento entre pai e filho tenha repercussões na forma como os homens exercem sua paternidade. Como afirmam Maciel & Cruz (2009) "bons modelos de cuidados geralmente refletem em bons cuidadores", salvo outras variáveis que possam interferir nesse processo de desenvolvimento. Rubens (grupo A) chega a responsabilizar o pai pelo desenvolvimento emocional dos filhos: "*...a ausência do pai pode deixar o filho mais vulnerável ao mundo das drogas e ao abuso...*" E continua: "*acho que a orientação do pai é fundamental pra que o filho não caia nesse caminho de crimes e drogas...*"(sic).

Neste ponto nos questionamos sobre a possibilidade de estender o conceito de preocupação materna primária de Winnicott (1956/2000) para a experiência paterna que é resgatada, neste tempo suspenso da prisão, em que o pai é forçosamente levado a interromper sua vida, e pode refletir sobre erros e acertos, e sonhar com uma vida longe do crime e perto da família. Seria leviano falar em uma preocupação paterna primária que nasce do arrependimento, do medo e da solidão? O desejo de recuperar o tempo perdido, expresso em tantos relatos, seria mais uma estratégia para conservar a esperança que os manterá vivos nesta condição de prisioneiros ou se trata de uma verdadeira intenção de resgate da relação pai-filhos? Como não temos respostas para estas perguntas, encerramos o relato desta pesquisa com uma Narrativa Interativa (NI 6, grupo A) de um pai que sonha com a liberdade.

"... como era a vida dele quando estava souto, principalmente nesta data, que logo cedo era acordado pelo seu filho mais novo, que corria até seu quarto e pulava em sua cama, gritando feliz dia dos pais, com o dezenho nas mãos feito na escola, abraçava e falava pai te amo muito, voce é meu herói [...] Olha agora outra foto, essa foto é de suas meninas, suas filhas. Essas já são mocinha, diferente do caçula.

Essas, nessa data prefere fazer de conta que esqueceu que é o dia dos pais, isso deixava Carlos triste, mais no almoço vinham todas rindo e abraçando, dizendo seu bobinho não esquecemos não, feliz dia dos pais, te amamos muito papito..."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A surpreendente participação de presos que são pais, já na primeira chamada de voluntários para este estudo, evidenciou uma demanda psicológica desses homens, no que se refere à experiência da paternidade. Além disso, o engajamento dos prisioneiros na tarefa solicitada, tanto nas Narrativas Interativas como nos Grupos de Discussão, expressa a necessidade de um olhar para as questões emocionais, localizado na figura do psicólogo que é neste contexto convocado a intermediar relações familiares e institucionais.

Os relatos contundentes apontam para o sofrimento que é compartilhado por pais e filhos e confirmado pela experiência institucional da pesquisadora, que acolhe a demanda de familiares que buscam a unidade prisional à procura de auxílio, notícias ou mesmo uma aproximação do familiar que está preso.

A hipótese inicial de que o encarceramento é um fator de risco para a manutenção do relacionamento entre pais reclusos e seus filhos, comprometendo o bem estar emocional de ambos e a reintegração social do preso, é comprovada pelos participantes deste estudo. Contudo, há que se considerar que para muitos prisioneiros a relação com os filhos já foi interrompida ou prejudicada antes mesmo de sua reclusão, em função de uma vida amorosa instável, do envolvimento com o crime e/ou do desenvolvimento de vícios, situação complexa que é agravada pelo encarceramento.

O presente estudo também sinalizou os potenciais benefícios da manutenção do relacionamento entre pais encarcerados e seus filhos, assim como os fatores pessoais, familiares e institucionais que podem inibir ou facilitar a vinculação afetiva. Entretanto, seria leviano supor que todo envolvimento afetivo de pais detentos com seus filhos será sempre benéfico para os menores. Apesar disso, dados da literatura científica, assim como as narrativas do estudo, sugerem a função protetora que a manutenção dos vínculos entre pais aprisionados e seus filhos exerce contra a reincidência criminal, problemas emocionais de ambas as partes, abuso de álcool e drogas, queda no desempenho escolar, na medida em que a própria paternidade demanda responsabilidade pelo outro.

O fenômeno da paternidade no cárcere como objeto de pesquisa em Psicologia revela uma lacuna surpreendente na literatura nacional, sendo encontrados apenas alguns trabalhos com mães presidiárias, mais uma vez

refletindo a prioridade dada à figura materna em nossa área do conhecimento. Neste sentido, o presente estudo vem contribuir, não somente por disponibilizar seus resultados em língua portuguesa, mas por oferecer um contraponto aos estudos estrangeiros que focalizam a experiência paterna na prisão. Além disso, o estudo do tema se justifica pelo contínuo crescimento da população carcerária, pelos altos índices de reincidência criminal e pelos riscos de crimes intergeracionais, sem desconsiderar a vulnerabilidade a que os filhos de prisioneiros estão expostos.

Embora as conclusões deste estudo não possam ser generalizáveis a todos os prisioneiros, e nem mesmo na unidade prisional em que teve lugar, dado o reduzido número de participantes que caracteriza uma pesquisa qualitativa, também é verdade que nossos achados confirmam em grande medida a literatura científica internacional. Esse fato sugere o compartilhamento de vivências por prisioneiros oriundos de realidades muito diversas, como é o caso do Brasil e dos Estados Unidos, o que permite a proposição de novas pesquisas a partir da experiência de diferentes centros de estudo. Por exemplo, pesquisas que abordassem a perspectiva das companheiras ou dos próprios filhos de presidiários poderiam ampliar o conhecimento sobre a paternidade no cárcere.

Com base neste estudo, subscrevemos a recomendação de outros pesquisadores no sentido da promoção e adoção de políticas e serviços que auxiliem o envolvimento afetivo de pais encarcerados com seus filhos, salvo quando as circunstâncias condenarem esse tipo de aproximação. Tais ações poderiam incluir grupos de orientação para o exercício da paternidade na prisão, além do aconselhamento psicológico e uma área de visitação diferenciada, a fim de preservar os laços familiares. A adoção de uma rotina administrativa que verificasse a condição parental do indivíduo aprisionado, já no momento de sua entrada no sistema prisional, poderia se mostrar útil para o planejamento das ações.

Esperamos que o conhecimento produzido por este estudo venha subsidiar novas práticas profissionais e inspirar políticas públicas que permitam a aproximação entre pais e filhos, ainda que este encontro se dê na prisão.

REFERÊNCIAS

- Aaron, L., & Dallaire, D.H. (2010). Parental Incarceration and Multiple Risk Experiences: Effects on Family Dynamics and Children's Delinquency. *Journal of Youth and Adolescence*, 39 (12), 1471-1484.
- Aiello-Fernandes, R., Ambrósio, F.F., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). O método psicanalítico como abordagem qualitativa: considerações preliminares. In *X Jornada Apoiar* (pp. 306-314). São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2003). Da questão do método à busca do rigor: a abordagem clínica e a produção de conhecimento na pesquisa psicanalítica. *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade*. (pp.36-43). São Paulo: IPUSP.
- Andrade, V.R.P. (2008). Projeto Universidade sem Muros: puxando a prisão. *Revista Discenso*. Florianópolis, Boiteux, v. 1, n. 1, p.p. 303-312. Recuperado em 10 de Outubro de 2013, de http://iscte.pt/~apad/ACED_juristas/APAC/Universidade%20sem%20muros.pdf
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Ministério da Justiça, 2014). São Paulo: Forum de Segurança Pública.
- Arditti, J.A. (2003). Locked doors and glass walls: Family visiting at a local jail. *Journal of Loss and Trauma*, 8 (12), 115-138.
- Arditti, J.A., Lambert-Shute, J., & Joest, K. (2003). Saturday morning at the jail: Implications of incarceration for families and children. *Family Relations*, 52 (3), 195-204.
- Arditti, J., Smock, S.A., & Parkman, T.S. (2005). It's been hard to be a father: a qualitative exploration of incarcerated fatherhood. *Fathering*, 3 (3), 267-288.
- Benjamin, W. (1992). O Narrador: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política* (pp. 27-57). Lisboa: Relógio D'Água. (Original publicado em 1936)

- Bilchik, S., Seymour, C., & Kreisher, K. (2001). Parents in prison. *Corrections Today*, 63 (7), 108-114.
- Boswell, G., & Wedge, P. (2002). *Imprisoned fathers and their children*. New York: Jessica Kingsley Publishers.
- Bruner, J. (2004). Life as a narrative. *Social Research*. 71(3), 691-710.
- Campos, R.T.O, & Furtado, J.P. (2008). Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Rev. Saúde Pública*, 42(6), 1090-1096.
- Carmo, I.M.N. (2009). O Impacto da Prisão na Conjugalidade (Tese de mestrado não publicada). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal.
- Clarke, L., O'Brien, M., Day, R.D., Godwing, H., Connolly, J., Hemmings, J., & Leeson, T. (2005). Fathering behind bars in English prisons: imprisoned fathers identity and contact with their children. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about men as fathers*, 3 (3), 221-241.
- CNJ (2012). Conselho Nacional de Justiça. Panorama Nacional. A execução das medidas socioeducativas de internação. Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: http://www.tjpe.jus.br/documents/29010/35165/Panorama_Nacional.pdf/d5040dfc-08d3-4d31-ba28-61117b4f8b39
- CNJ (2014). Conselho Nacional de Justiça. Novo Diagnóstico de Pessoas Presas no Brasil - Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas - DMF Brasília/DF
- Codd, H. (2008). *In the shadow of the prison: families, imprisonment and criminal justice*. London: Routledge.
- Conway, T., & Hutson, R.Q. (2007). *Families left behind. Parental Incarceration: how to avoid a "death sentence" for families*. Clearinghouse Review. *Journal of Poverty Law and Policy*, 41 (3-4), 212-221.

- Cruz Neto, O., & Moreira, M.R. (1999). A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 33-52. Recuperado em 24 de Outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100004&lng=en&tlng=pt.
- DEPEN (2015) (Departamento Penitenciário Nacional). Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJC4D50EDBPTBRNN.htm>
- Dias, E.O. (2010). *O cuidado como cura e como ética*. Winnicott e-prints, 5(2), 21-39. Recuperado em 28 de outubro de 2013, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>
- Dyer, W.J. (2005). Prison, fathers and Identity: A theory of how incarceration affects men's paternal identity. *Fathering: A journal of theory, research and practice about men as fathers*, 3 (3), 201-219.
- Dyer, W.J., Pleck, J.H., & Mc Bride, B.A. (2012). Imprisoned fathers and their family relationships: a 40-year review from a multi-theory view. *Journal of Family Theory and Review*, 4, 20-47.
- Edin, K., Nelson, T.J., & Paranal, R. (2001). Fatherhood and incarceration as potential turning points in the criminal careers of unskilled men. In M. Pattillo, D. Weiman, & B. Western (Eds.), *Imprisoning America: The social effects of mass incarceration* (pp. 46-75). New York: Russell Sage Foundation.
- Favoreto, C.S.O., & Camargo Jr., K.R. (2011). A narrativa como ferramenta para o desenvolvimento da prática clínica. *Comunicação, saúde e educação*, 15 (37), 473-483.
- Fulgêncio, C.D.R. (2007). *A presença do pai no processo de amadurecimento: um estudo sobre Winnicott*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Furlan, R. (2008). A questão do método na Psicologia. *Psicologia em Estudo*, 13 (1), 25-33.

- Goffman, E. (1982). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Goffman, E. (2013). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1961)
- Granato, T.M.M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Uso terapêutico de narrativas interativas com mães em situação de precariedade social. *Psico*, 42 (4), 494-502.
- Granato, T.M.M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35.
- Granato, T.M.M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2016). Interactive Narratives in the investigation of the collective imaginary about motherhood. *Estudos de Psicologia*, 33(1), 25-35.
- Granato, T.M.M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16 (1), 157-163.
- Granato, T.M.M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, 23 (n. spe), 81-89.
- Granja, R., Cunha, M.P., & Machado, H. (2013). Formas alternativas do exercício da parentalidade: paternidade e maternidade em contexto prisional. *Ex aequo*, (28), 73-96.
- Greco, R. (2011). *Direitos humanos, sistema prisional e alternativas à privação de liberdade*. São Paulo: Saraiva.
- Hairston, C. F. (1998). The forgotten parent: understanding the forces that influence incarcerated fathers relationship with their children. *Child Welfare*, 77 (5), 617-639.
- Hairston, C. F. (2001). Fathers in prison: responsible fatherhood and responsible public policies. *Marriage & Family Review*, 32 (3-4), 111-135.

- Hairston, C. F. (2002). Prisoners and families: parenting issues during incarceration. *The From Prison to Home Conference* (pp. 42-54). Prepared for the Department of Health and Human Services by the Urban Institute: Washington, DC.
- Haney, C. (2003). The psychological impact of incarceration: Implications for postprison adjustment (T. U. Institute, Trans.). In J. Travis & M. Waul (Eds.), *Prisoners once removed: The impact of incarceration and reentry on children, families, and communities* (pp. 33 – 66). Washington, DC: Urban Institute Press.
- Henningen, I., & Guareschi, N.M.F. (2008). Os lugares de pais e mães na mídia contemporânea: questão de gênero. *Revista Interamericana de Psicologia*, 42 (1), 81-90.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann & T. Lowenkron (orgs). *Pesquisando com o método psicanalítico*. (pp.43-84), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Houghton, A.J.M., & Navarro, A. (2014). *Incarcerated fathers and their children: effects of a reciprocally connected relationship*. Electronic Theses, Projects, and Dissertations. California State University.
- Jost, M.C. (2010). Fenomenologia das motivações do Adolescente em Conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 2010.
- Lanier, C. (1993). Affective states of fathers in prison. *Justice Quarterly*, 10(1), 49-66.
- Lanier, C. (1995). Incarcerated fathers: a research agenda. *Forum on Correction Research*, 7 (2), 34-36.
- Lee,C., Sansone, F.A., Swanson,C., & Tatum, K.M. (2012). Incarcerated fathers and parenting: Importance of the relationship with their children. *Social Work in Public Health*, 27, 165-186.

- Lei n. 7.210, de 11 de Julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. *Diário Oficial da União*, de 13.07.1984.
- Maciel, S. K., & Cruz, R. M.(2009). Avaliação Psicológica em processos judiciais nos casos de determinação de guarda e regulamentação de visitas. In S.L.R. Rovinski, & R.M. Cruz(2009). *Psicologia jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção*. São Paulo: Vetor.
- Maldonado, S. (2006). Recidivism and paternal engagement. *Family Law Quarterly*, 40(2), 191-211.
- Mapson, A. (2013). From prison to Parenting. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 23(2), 171-177.
- Mc Grath, J. (2007). *Fathering from prison: an exploration of the experiences and perceptions of a group of men in Montjoy prison*. Doctoral dissertation. Waterford Institute of Technology, Waterford, Ireland.
- Melo, S. de O. (2013). *O impacto da reclusão na esfera familiar da vida dos indivíduos encarcerados*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto, Portugal.
- Morgenstern, A. (2010). *Inocentes condenados: filhos de detentos sofrem com o preconceito*. São Paulo: Centro de Detenção Provisória de Pinheiros. Retirado em 30 de outubro de 2014, de <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2010/12/inocentes-condenados-filhos-de-detentos.html>
- Mumola, C.J. (2000). Incarcerated parents and their children. *U.S. Department of Justice: Bureau of Justice Statistics*. Washington, D.C. NCJ 182335.
- Naser, R.L., & La Vigne, N.G. (2006). Family support in the prisoner reentry process: Expectations and realities. *Journal of Offender Rehabilitation*, 43 (1), 93-106.
- Naser, R.L., & Visher, C.A. (2006). Family Members' Experiences with Incarceration and Reentry. *Western Criminology Review*, 7 (2), 20-31.

- Nogueira-Martins, M.C.F., & Bógus, C.M. (2004) Considerações sobre metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 13 (3), 44-57.
- Oliveira, G.V (2010). *Sanção penal e família: diálogos e possibilidades*. Monografia apresentada ao Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária – CNPCP por ocasião do Concurso Anual de Monografias.
- Ormeño, G. R.; Maia, J. M. D., & Williams, L. C. A. (2013). Crianças com pais ou mães encarcerados: uma revisão da literatura. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, 4(2), 141-161.
- Popenoe, D. (1996). *Life without father*. New York, Martin Kessier: Free press.
- Ricoeur, P. (1999). *Historia y Narratividad*. Barcelona: Editorial Paidós Ibérica. (Original publicado em 1978)
- Rosa, C.D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana*, 11(2), 55-96.
- Rosa, C.D.(2011). *As falhas paternas em Winnicott*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Sá, A.A. (2005). Sugestão de um esboço de bases conceituais para um sistema penitenciário. In *Manual de Projetos de Reintegração Social*. Governo do Estado de São Paulo/ Secretaria da Administração Penitenciária.
- Sá, A.A. (2010). *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Santos, A.M.V. (2006). Pais encarcerados: filhos invisíveis. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 26 (4), 594-603.
- SAP - Secretaria da Administração Penitenciária (2015). Disponível em: <http://www.sap.sp.gov.br/>

- Silva, M. F (2007). *Presidiários: percepções e sentimentos acerca de sua condição paterna*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica Campinas, São Paulo.
- Snyder, Z, Carlo, T., & Mullins, M. (2001). Parenting from prison: an examination of a children's visitation program at a women's correctional facility. *Marriage & Family Review*, 32(3-4), 33-61.doi:10.1300/J002v32n03_04
- Stake, R. (2011). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.
- Swanson, C., Lee, C., Sansone, F., & Tatum, K. (2012). Prisoner's perceptions of father-child relationships and social support. *American Journal of Criminal Justice*, 37(3), 338-355.doi: 10.1007/s12103-001-9132-4
- Tebo, M. (2006). A parent in prison. *ABA Journal*, 92(2), 12-13.
- Wacquant, L. (2001). *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. W(1999). E o pai?. In: D. W. Winnicott, *A criança e seu mundo* (pp. 127-133). Porto Alegre: Artes Médicas.(Original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago.(Original publicado em 1956)
- Winnicott, D.W. (2007). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp.38-54). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1960)
- Winnicott, D.W. (2011). A criança no grupo familiar. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em Casa* (pp. 123-163). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966)

ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado pai,

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa NARRATIVAS INTERATIVAS DE PRESOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE EM UMA UNIDADE PRISIONAL DO INTERIOR PAULISTA, a ser conduzida pela psicóloga Márcia Lepiani Angelini Miranda, CRP 06/37554 mestranda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com o objetivo de compreender a experiência de pais durante o período da prisão. Sua participação é muito importante para que possamos produzir conhecimento científico que sirva de base para orientar os profissionais que lidam com o sistema prisional e as ações de políticas públicas, na tentativa de diminuir os efeitos negativos do encarceramento para pais e seus filhos.

Garantimos que você receberá resposta e esclarecimento sobre qualquer dúvida quanto aos procedimentos, benefícios, riscos, e outros assuntos relacionados com a pesquisa.

No processo de coleta de dados cada participante será convidado a completar uma história, criada previamente pela pesquisadora, cujo tema tenha relação com esta pesquisa. Esse procedimento será realizado em apenas um encontro, em grupo, em uma das salas de aulas do interior da escola da unidade prisional, e na sequência os participantes serão convidados a refletir sobre o tema da paternidade. O tempo total previsto é de aproximadamente duas horas.

A pesquisadora deixa registrado que reconhece a condição de vulnerabilidade da população encarcerada, e que em nenhum sentido sua pesquisa irá contribuir para o agravamento dessa condição. No caso de qualquer angústia ou tristeza decorrente de sua participação neste estudo, a pesquisadora se responsabilizará pelo atendimento das suas necessidades.

Posteriormente ao encontro grupal, aos que sentirem necessidade de se aprofundar no tema da paternidade, será dada a oportunidade de participar de um atendimento individual, nesta instituição, a ser agendado com a própria pesquisadora. Neste caso, os dados gerados pelos atendimentos individuais também serão incluídos como material de pesquisa a ser analisado pela pesquisadora e seu grupo de pesquisa. Esclarecemos que o seu silêncio durante a discussão no grupo também será analisado, sendo interpretado como concordância com os demais participantes.

Garantimos que sua identidade será preservada, assim como serão mantidos em sigilo os seus dados de identificação. Sua participação é voluntária e sua recusa não acarretará em prejuízos de qualquer natureza, sendo-lhe reservado o direito de se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Esta pesquisa foi elaborada de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF.

Questões de ordem ética podem ser consultadas junto ao Comitê de Ética do CEP/SAP: Rua Líbero Badaró, 600, 5º andar, São Paulo, SP, CEP: 01008-000, telefone: (11) 3775-8108 e-mail: comitedeetica@sap.sp.gov.br

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas, o qual deverá ser consultado para o esclarecimento de questões éticas no endereço: Rod. Dom Pedro I, Km

136, Pq. das Universidades, Campinas, SP, CEP:13.086-900, telefone: (0XX19)3343-6777, Fax: (0XX19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, horário de funcionamento de 2a a 6a feira, das 08:00 às 12:00h e das 13:00 às 17:00h.

Local da pesquisa: Penitenciária Odete Leite de Campos Critter

Atenciosamente,

Márcia Lepiani Angelini Miranda (Pesquisadora)

Fone: (19) 3281-2050 R: 263

Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato (Orientadora)

Fone: (19) 3343-6892

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi da pesquisadora esclarecimentos sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, assim como a cópia deste Termo de Consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo no meio científico.

*Não assine este termo se ainda tiver alguma dúvida a respeito.

Hortolândia,de.....de 2015.

Nome (por extenso): _____

Assinatura: _____

1ª via: Instituição

2ª via: Voluntário

ATENÇÃO: Segundo a Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS, de 21 de março de 2011, atente-se para a **obrigatoriedade de rubrica em todas as páginas do TCLE pelo sujeito de pesquisa ou seu responsável e pelo pesquisador.**

ANEXO II: FOLHETO-CONVITE

Desenvolvo um projeto de pesquisa científica sobre a experiência de pais durante o encarceramento. Se você é pai e puder colaborar, basta marcar um (X) na opção abaixo e devolver para a pessoa responsável. Sua participação me ajudaria a compreender melhor essa questão a fim de propor ações que contribuam para diminuir os efeitos negativos do aprisionamento sobre a relação entre os pais e seus filhos.

Agradeço desde já !

Esclareço que os interessados receberão maiores esclarecimentos sobre a pesquisa numa próxima etapa, onde inclusive poderão alterar sua opção de participar do Projeto.

Márcia Miranda, psicóloga, pesquisadora da PUC CAMPINAS.

() Tenho interesse em participar.

() Não tenho interesse em participar.

Nome ou matrícula:

ANEXO III: APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA (PUC)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Narrativas Interativas de presos sobre a experiência da paternidade em uma unidade prisional do interior paulista

Pesquisador: Márcia Lepiani Angelini Miranda

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 44590215.8.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.285.239

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma emenda a um projeto já aprovado. O projeto de pesquisa aprovado anteriormente é da área de psicologia (dissertação de mestrado) apresentado pela

aluna: Márcia Lepiani Angelini Miranda, orientada da profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato. O projeto foi revisado, foram alterados o título e a forma de apresentação do texto bem como dos objetivos, mas o tema continua o mesmo, aborda a relação pai/filho, estando o pai recluso na prisão. Trata-se de um estudo relevante pois aborda o relacionamento familiar e os aspectos psicológicos envolvidos, considerando-se a situação em que o pai encontra-se longe do contato com a família por estar cumprindo pena na prisão. De acordo com a proponente, é uma área de pesquisa pouco explorada no Brasil.

Considerando-se a importância dos pais na formação integral dos filhos, é relevante estudar e buscar mecanismos que diminuam os prejuízos decorrentes desta situação.

Objetivo da Pesquisa:

O presente estudo visa compreender a experiência emocional de pais encarcerados sobre o exercício da paternidade na prisão. Para tanto, serão investigados os sentidos atribuídos por prisioneiros à relação pai-filho(s), avaliando-se o impacto do encarceramento sobre a relação pai-filho(s) na perspectiva do prisioneiro; e refletindo sobre os limites e possibilidades para o exercício

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136
Bairro: Parque das Universidades **CEP:** 13.086-900
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 1.285.239

da paternidade na prisão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a proposta, todos os cuidados serão tomados a fim de que os participantes não sejam expostos a qualquer tipo de sofrimento e constrangimento. Segundo a proposição "Como o objetivo da pesquisa é promover a reflexão sobre a paternidade, existe uma possibilidade mínima de riscos, em termos de desconforto emocional. Para isso a pesquisadora compromete-se a oferecer suporte psicológico aos participantes, em caso de necessidade, tanto durante como após a realização da pesquisa na própria instituição. Neste caso, os dados gerados pelos atendimentos individuais também serão incluídos como material de pesquisa sendo, portanto, objeto de análise." O que está apropriado para o presente projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O desenho da pesquisa é o mesmo aprovado anteriormente, apenas foram feitas pequenas alterações no texto que melhoraram a apresentação e o entendimento do projeto. Não houve alteração nos objetivos; o cronograma foi readequado, considerando-se o trâmite da nova versão do projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos necessários foram apresentados no projeto já aprovado. Nesta versão foi incluída nova folha de rosto e o TCLE foi apresentado novamente com pequenas modificações, adequando-se a tratativa dos riscos, em que potenciais intervenções psicológicas - a critério da pesquisadora, para sanar quaisquer desconfortos emocionais - poderão ser adicionadas aos dados a serem avaliados.

Recomendações:

não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando-se que não foram feitas grandes alterações no projeto, a parte da adequação título, texto em geral e TCLE, acatamos a emenda. Portanto, a nova versão do projeto está aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução no. 466/12, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução 466/12, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136
Bairro: Parque das Universidades **CEP:** 13.086-900
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 1.285.239

encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_604427_E1.pdf	09/10/2015 16:54:02		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostomarcia.pdf	09/10/2015 16:53:07	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Outros	CartarespostaComiteSAPMarciaMiranda.docx	07/10/2015 13:03:05	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Outros	NARRATIVAINTERATIVAmarcia.doc	07/10/2015 13:01:38	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMarciaMiranda.docx	07/10/2015 12:58:15	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	07/10/2015 12:53:46	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Outros	CARTA COMITE COM CORREÇÕES PENDENCIAS.docx	02/06/2015 13:43:04		Aceito
Outros	Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Márcia Lepiani Angelini Miranda).pdf	09/04/2015 21:14:52		Aceito
Outros	Planilha_de_custos-2014.doc	09/04/2015 21:13:49		Aceito
Outros	TERMO DE RESPONSABILIDADE escaneado.jpg	09/04/2015 21:11:57		Aceito
Outros	ANUENCIA ASSINADA.pdf	09/04/2015 21:05:51		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136
 Bairro: Parque das Universidades CEP: 13.086-900
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 1.285.239

CAMPINAS, 19 de Outubro de 2015

Assinado por:
David Bianchini
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136
Bairro: Parque das Universidades **CEP:** 13.086-900
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

ANEXO IV: APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA (SAP)

SECRETARIA DA
ADMINISTRAÇÃO
PENITENCIÁRIA DE SÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Narrativas Interativas de presos sobre a experiência da paternidade em uma unidade prisional do interior paulista

Pesquisador: Márcia Lepiani Angelini Miranda

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 44590215.8.3001.5563

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.301.524

Apresentação do Projeto:

Inicialmente a pesquisa intitulava-se "PATERNIDADE E CÁRCERE: LIMITES E POSSIBILIDADES", mas após ponderações deste CEP, a pesquisadora adequou o título para "Narrativas Interativas de Presos sobre a experiências da Paternidade em uma Unidade Prisional do Interior Paulista".

A pesquisa "visa compreender a experiência de pais reclusos com relação aos limites e possibilidades para o exercício da paternidade em um contexto prisional, dada a importância da figura paterna para o desenvolvimento emocional saudável da criança e o fato de que o aprisionamento do pai o distancia de sua família"

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Compreender a experiência emocional de pais encarcerados sobre o exercício da paternidade na prisão.

Objetivos Específicos:

1. Investigar os sentidos atribuídos por prisioneiros à relação pai-filho(s);
2. Conhecer o impacto do encarceramento sobre a relação pai-filho(s) na perspectiva do

Endereço: Rua Líbero Badaró, 600 - 5º andar
Bairro: Centro **CEP:** 01.008-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3775-8108 **Fax:** (11)3775-8108 **E-mail:** comitedeetica@sap.sp.gov.br

**SECRETARIA DA
ADMINISTRAÇÃO
PENITENCIÁRIA DE SÃO**



Continuação do Parecer: 1.301.524

prisioneiro;

3. Refletir sobre os limites e possibilidades para o exercício da paternidade na prisão.

Os objetivos estão adequados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inicialmente a pesquisadora afirma seguir os princípios estabelecidos pela CONEP, e ainda assume textualmente que a pesquisa não causará prejuízos aos participantes. No entanto, para além do compromisso do sigilo, entendemos que alguns procedimentos adotados podem sim causar prejuízos aos participantes tendo em vista não só a forma como são tratadas as concepções sobre a paternidade encarcerada no campo teórico – em nosso entendimento tendendo para um único tipo de visão sem antes conhecer o universo representacional do grupo, além dos procedimentos metodológicos e as perspectivas de análise que não conferem uma possibilidade de interpretação dos dados que condiga com possíveis verdades adotadas pelos participantes sobre o tema. Além disso, os procedimentos adotados claramente expõem os participantes ao risco de suas falas serem interpretadas de forma parcial e superficial, o que seria indesejável. Entendemos, portanto, que o estudo tal como apresentado oferece risco aos participantes. Deve, dessa forma, ser alterado para garantir a não-maleficência e assim a pesquisadora o fez reformulando texto sobre o risco, destacando: "Como o objetivo da pesquisa é promover a reflexão sobre a paternidade, existe uma possibilidade mínima de riscos, em termos de desconforto emocional. Para isso a pesquisadora compromete-se a oferecer suporte psicológico aos participantes, em caso de necessidade, tanto durante como após a realização da pesquisa na própria instituição. Neste caso, os dados gerados pelos atendimentos individuais também serão incluídos como material de pesquisa sendo, portanto, objeto de análise".

Considerando as alterações realizadas, a avaliação dos riscos está adequada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa aborda tema de relevância social e de importância à população carcerária.

A fundamentação teórica apresentada no trabalho é interessante e atual e a pesquisadora ampliou a abordagem teórica, desconfigurando a parcialidade teórica inicial, a pesquisadora priorizava autores que falam de experiências, nas quais, pais prisioneiros têm expectativa e uma experiência progressiva favorável junto aos seus filhos. Em alguns momentos é quase sugerido no texto que a instituição prisional, os agentes institucionais e até mesmo a companheira/esposa do homem

Endereço: Rua Libero Badaró, 600 - 5º andar	
Bairro: Centro	CEP: 01.008-000
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3775-8108	Fax: (11)3775-8108
	E-mail: comitedeetica@sap.sp.gov.br

**SECRETARIA DA
ADMINISTRAÇÃO
PENITENCIÁRIA DE SÃO**



Continuação do Parecer: 1.301.524

preso, se constituem em obstáculos ao exercício de sua paternidade suficientemente boa. Embora possamos admitir que a estes grupos possam efetivamente atuar no sentido de prejudicar a aproximação dos pais de seus filhos, é admissível que outras situações possam ser cabíveis no cotidiano da prisão de pais presos e que eles, por exemplo, não sejam interessados em seus filhos, não os queiram ver ou também não tenham interesse neles porque não os reconhecem como filhos. Mas esta versão não é apresentada como uma

possibilidade na mesma medida da versão mais vitimizada do pai preso.

Como mencionado anteriormente, a justificativa da escolha do tema nos parece adequada e a pesquisadora efetivamente inova com seu tema. De fato, os interesses relacionados com a competência parental recaem sobremaneira sobre a mulher e mãe presa e os estudos são numerosos neste campo. Sua escolha é relevante e o tema de interesse ao campo da Psicologia Jurídica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

No que se refere a metodologia a pesquisadora afirma que é um estudo qualitativo de inspiração psicanalítica. Afirma que a abordagem se baseia no que a psicanálise denomina “[...] escuta psicanalítica”, mas que não se trata de uma abordagem psicoterapêutica, mas uma voltada a trabalhos de pesquisa. Por fim, esclarece como este referencial teórico será utilizado para a análise dos dados.

Faz referência que a proposta de intervenção será a da “[...] Narrativa Interativa de Granato & AielloVaisberg (2013).

A população envolvida será de 40 homens presos, pais, independentemente da idade, religião ou grau de escolaridade, os quais serão convidados a participar do estudo e deverão assinar o TCLE. A partir desta descrição inicial, ela apresenta os procedimentos. No estudo, o grupo de 40 homens será dividido em dois grupos de 20. Cada um deles será reunido, uma única vez, em momento propício e a eles será apresentada uma Narrativa, a partir da qual eles deverão escrever algo ou fazer um desenho. Afirma que caso sejam mobilizados conteúdos emocionais que necessitem de acompanhamento, os interessados deverão contatar a pesquisadora enviando recados solicitando atendimento.

Recomendações:

Endereço: Rua Libero Badaró, 600 - 5º andar	CEP: 01.008-000
Bairro: Centro	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3775-8108	Fax: (11)3775-8108
	E-mail: comitedeetica@sap.sp.gov.br

**SECRETARIA DA
ADMINISTRAÇÃO
PENITENCIÁRIA DE SÃO**



Continuação do Parecer: 1.301.524

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu a todas observações e recomendações sugeridas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_604427 E1.pdf	09/10/2015 16:54:02		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostomarcia.pdf	09/10/2015 16:53:07	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Outros	CartarespostaComiteSAPMarciaMiranda.docx	07/10/2015 13:03:05	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Outros	NARRATIVAINTERATIVAmarcia.doc	07/10/2015 13:01:38	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMarciaMiranda.docx	07/10/2015 12:58:15	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	07/10/2015 12:53:46	Márcia Lepiani Angelini Miranda	Aceito
Outros	CARTA COMITE COM CORREÇÕES PENDENCIAS.docx	02/06/2015 13:43:04		Aceito
Outros	Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Márcia Lepiani Angelini Miranda).pdf	09/04/2015 21:14:52		Aceito
Outros	Planilha_de_custos-2014.doc	09/04/2015 21:13:49		Aceito
Outros	TERMO DE RESPONSABILIDADE escaneado.jpg	09/04/2015 21:11:57		Aceito
Outros	ANUENCIA ASSINADA.pdf	09/04/2015 21:05:51		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Líbero Badaró, 600 - 5º andar
Bairro: Centro **CEP:** 01.008-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3775-8108 **Fax:** (11)3775-8108 **E-mail:** comitedeetica@sap.sp.gov.br

SECRETARIA DA
ADMINISTRAÇÃO
PENITENCIÁRIA DE SÃO



Continuação do Parecer: 1.301.524

SAO PAULO, 29 de Outubro de 2015

Assinado por:
Rosalice Lopes
(Coordenador)

Endereço: Rua Líbero Badaró, 600 - 5º andar
Bairro: Centro **CEP:** 01.008-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3775-8108 **Fax:** (11)3775-8108 **E-mail:** comitedeetica@sap.sp.gov.br

ANEXO V: AUTORIZAÇÃO VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS

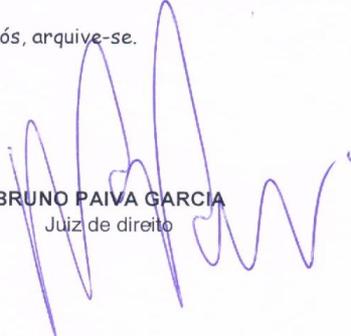
EXPEDIENTE DE CORREGEDORIA Nº 353/2015
AUTORIZAÇÃO PESQUISA ACADÊMICA
(P2 HORTOLÂNDIA)

CONCLUSÃO

Nesta data, faço estes autos conclusos ao MM. Juiz de Direito do Deecrim da 4ª RAJ Campinas, Dr. BRUNO PAIVA GARCIA. Campinas, 05 de novembro de 2015. Eu, (Solange Barbosa do Vale Camargo), Escrevente Técnico Judiciário, digitei e subscrevi.

Ante a concordância ministerial e da SAP, AUTORIZO a realização da pesquisa.

Comunique-se e, após, archive-se.
Campinas. d.s.


BRUNO PAIVA GARCIA
Juiz de direito

RECEBIMENTO

Em 06 de 11 de 2015, recebi estes autos em Cartório. Eu, , Escrevente, subscrevi.